



Como descolonizar  
uma tese em  
antropologia no  
sentido estrito do  
termo

JEFFERSON VIRGÍLIO

Copyright © 2020 Jefferson Virgílio

Todos os direitos reservados.

ISBN-13: 979-8-62-114379-4

## DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado à memória do antropólogo português Rui Alberto  
Mateus Pereira.



# CONTEÚDO

Notas introdutórias sobre formatações e referências	1
0 Mínimos métodos e contatos identificados	6
1 Introduções gerais	14
2 Contatos prévios e outras iniciais percepções	23
3 Passados antropológicos em Portugal	29
4 Presentes antropológicos em Portugal	39
5 Traçando relações etnográficas	49
6 Martelos e a antropologia: Questão de língua?	57
7 Novas aproximações e recortes às pesquisas	63
8 Descrevendo um congresso em português	73
9 Uma relação europeia: O caso da EASA e Portugal	83
10 Produzir antropologias em português	91
11 Uma relação privilegiada de reciprocidades	99
12 Últimos aprendizados nestas experiências	103
13 Travessias antropológicas do além-mar	107
14 Pós-colonialismos em português	111
Post Scriptum	115
Referências bibliográficas	118
Outras referências	135
Lista de entrevistas	141

I haven't yet found a copy by myself, so I can't say if this story is apocryphal or not, but it seems to be well cited by reputable sources.

*Autoria desconhecida.*

## NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE FORMATAÇÕES E REFERÊNCIAS

Cette position fut évidemment maintenue tout au long de sa vie par Guy Debord: «Je ne défends certes pas le principe de la propriété littéraire. Comme disait Brecht, “toute chose appartient à qui l’améliore»”.<sup>1</sup>

Jean-François Martos

Com exceções de termos e trechos de textos com escritas originais em idiomas distintos de línguas portuguesas e de respectivas traduções destes, se pode compreender que demais termos ou trechos que aparecem com grafia em destaques itálicos ou com recuo de texto, remetem a uma de três tipologias de citações diretas:

- *Excertos de diários de campo.*
- *Apropriações teórico-metodológicas de terceiras autorias.*
- *Trechos de entrevistas.*

Os mutilados extravios de escritas oriundas de diários e notas de campo sofrem adaptações, são intercalados entre si, e recebem grifos de destaque, além de apropriações de influências de novas e posteriores leituras. Possuem simbólicas datas de registro, ainda que pareçam específicas ou precisas origens, portam declarados e óbvios estatutos alargados enquanto *quimeras*<sup>2</sup>, talvez *compósitas*<sup>3</sup> formas, destes aportes.

Categorias, conceitos e percepções que são importadas de outrem, ainda

---

<sup>1</sup> Uma tradução possível do original em Martos (1999:6) pode ser lida como:  
*Esta posição foi evidentemente mantida ao longo de toda a vida por Guy Debord: “Eu certamente não defendo o princípio da propriedade literária. Como disse Brecht, «Tudo pertence a quem aquilo melhora»”.*

<sup>2</sup> Cf. SEVERI, C. Warburg anthropologue ou le déchiffrement d’une utopie. 2003:101.

<sup>3</sup> Cf. GEERTZ, C. The world in pieces. 2000:227.



que deslocadas ou mutiladas, mantém apresentadas em notas de rodapé as referências de origem, incluindo intervalos de páginas ou parágrafos, e para o caso de vídeos, os intervalos de minutos.

As entrevistas, são apresentadas em trechos, mínimos, identificadas por nome de quem é entrevistado e um título, doado por mim, característico da conversa realizada, quase uma síntese da percepção ali construída.

As percepções de meus diários são jogadas na apresentação, *à extrema esquerda, o lado do coração, enquanto as literais citações roubadas de outrem são arremessadas à direita, representando alguma razão*,<sup>4</sup> e as entrevistas, entre lá e cá, tentando ser racionais, enquanto transbordam emoções, ficam quase centralizadas. São mestiças.

Propõe-se o incentivo à disponibilização de intervalos de páginas ao remeter a referências externas para orientar leituras que almejem contato acelerado a desconhecidas, distantes ou duvidosas terminologias. A proposta além de promover consultas, confrontos e localizações aceleradas, especifica o ponto de diálogo tecido e permite reduzir drasticamente a quantidade de *repetidas e desnecessárias reexplicações teóricas*.<sup>5</sup> É neste sentido também recomendada a consulta aos originais por qualquer leitora ou leitor que se considere suficientemente distante de categorias aqui apresentadas em escritas cursivas.

Por imediatos motivos são sugeridas e valorizadas referências que direcionam a capítulos específicos, e na medida do possível em idiomas “originais”, permitindo proporcionar buscas e acessos a republicações, e em muitos casos, se necessário, as traduções individuais, destes capítulos, não raramente no formato de artigos, em periódicos de circulação online. No caso de remeter a entrevistas, as autorias são sumariamente protagonizadas *pela pessoa entrevistada, que é o cerne da publicação*,<sup>6</sup> e pelas eventuais menções remeterem as “respostas” desta parte nas entrevistas. Eventuais publicações que incluam múltiplas autorias estão reorganizadas por ordenações alfabéticas de sobrenomes, visando desconstruir e reduzir *hierarquias de posse ou valia entre as partes autoras*.<sup>7</sup> Eventuais edições completas de livros ou edições de dossiês específicos de periódicos mencionadas em entrevistas são referenciadas em notas de rodapé, e são acompanhados de ISBN, para o caso de livros, ou ISSN,<sup>8</sup> para o caso de periódicos.

Ainda sobre as referências, ocorre incentivo a remover as mesmas no corpo explícito dos textos objetivando maiores harmonizações e menores

<sup>4</sup> Cf. HERTZ, R. La prééminence de la main droite. 1909:563-568.

<sup>5</sup> Cf. LATOUR, B. Conclusion. 2005:247-248.

<sup>6</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Napê. 2017:144, ver nota de fim viii.

<sup>7</sup> Cf. GOODMAN, A. *et alia*. A few goodmen. 2015:1392, ver nota de rodapé 1.

<sup>8</sup> Respectivamente “*International standard book number*” ou “Número padrão internacional de livro”, e “*International standard serial number*” ou “Número internacional normalizado para publicações seriadas”.

distrações visuais, buscando as converter em notas de rodapé. E ao incluir o título do capítulo específico em cada menção às respectivas nas notas de rodapé remove-se o carácter de distinção da incorporação ao ano de publicação, de anteriores hipóteses de conflitos.

As reduções de caixa-altas em categorias, identificações e terminologias apresentadas em títulos, nomes e subtítulos de obras referenciadas durante toda a escrita são intencionais e permitem reduzir as hierarquizações de valia e os destaques excessivos das respectivas perante outras categorias e demais terminologias presentes, ou quando em contatos com diálogos que se primam tecer na construção do texto. As reduções são também aplicadas aos termos estrangeiros, como *american* e *european* por similares propósitos.

Os usos de plurais no masculino são sumariamente removidos e substituídos por apresentações léxicas ou manobras gramaticais que descaracterizem quaisquer generalizações envolvendo percepções sobre identidades em todas as menções onde gêneros são mistos ou não evidenciados como unicamente masculinos.<sup>9</sup> Em complemento ocorre manutenção de escritas que considerem *potenciais dificuldades e acessibilidades a particularidades de leituras de outrem*<sup>10</sup> de modo a não incentivar usos de específicas variações das *guerrilhas de linguagem*<sup>11,12</sup> Há opção por utilização de femininos no plural em substituição aos masculinos, como empoderamento e visibilidade, mas é de se considerar válida a quem for identificada enquanto pertencente a próximos gêneros. Em complemento são pertinentes atenções prévias que evitem confusões em críticas construídas para descartar falsas direções que não devem ser reservadas ao feminino ou as suas pertencentes.

Há multiplicações de todas as categorias e conceitos em propostas que promovam adoções de pluralidades durante toda a construção de narrativas. Em complemento, se compreende que termos apresentados no singular, e aqueles em plural masculino, são intencionais e sugerem problematizações ou revisões de limites e aceites em voga.

Por causas próximas, as omissões a escritas em primeira pessoa do singular devem ser lidas como intencionais. Na medida do possível, pode-se primar por remoções ou ocultações de identificações de sujeitos nos processos de produção escrita da tese principal enquanto é proposta.

O uso de categorias “entre aspas” é sugestivo de indicações de presença de nomeações nativas ou de termos que pedem zelo e evite ao aceite de significados tidos como intrínsecos e principalmente únicos.

---

<sup>9</sup> Inclui as opções por uso de *et aliae* (masculino), *et alii* (feminino) e *et alia* (neutro).

<sup>10</sup> Cf. FERNANDES, F. MELLO, A. Guia básico de orientações sobre gênero, deficiência e acessibilidade. 2013:22-23.

<sup>11</sup> Cf. CALDAS-COULTHARD, C. PEDRO, J. Guerrilha de Linguagem. 2013:9-14.

<sup>12</sup> Remeto ao uso de leitores de tela, por invisuais, por exemplo.

Para evitar a necessidade de uma “lista de siglas”, a inclusão de notas de rodapé para este fim, ou a excessiva quantidade de “parênteses”, quase todas as siglas são substituídas pelos significados por extenso.

Nas notas de rodapé estão também disponibilizadas as traduções à língua portuguesa de eventuais citações diretas de outras autorias que estão apresentadas no corpo do texto em idiomas terceiros.

Em vizinhas direções, citações diretas para autorias terceiras, assim como eventuais limitações de nomeação em títulos de textos de autorias terceiras, na medida do possível, mantêm usos de singulares oriundos de contextos de origem, assim como equivocados plurais reduzidos ao masculino, mas não ocorre a manutenção de siglas.

Em mínimas compensações, algumas liberdades maiores no que remete a reescritas de citações diretas são realizadas em eventuais traduções das respectivas, ainda que ocorra manutenção de condição enquanto nota de rodapé, e não incorporação ao corpo principal do texto.

Transcrições de trechos de textos escritos em línguas portuguesas décadas prévias ao *novo acordo ortográfico*<sup>13</sup> estão reescritos para algo mais próximo do respectivo acordo. A meta envolve maior clareza textual e alguma resistência a saudosismos desnecessários, e não qualquer tipo de incentivo à subordinação ou sobrevalia ao respectivo acordo. Tal como o privilégio do inglês enquanto idioma em academias, e questões envolvendo as *traíções das traduções*,<sup>14</sup> são discussões que em muito superam quaisquer aproximações nestas escritas e são intencionalmente evitadas, ainda que reconhecidas como valiosas.

Ainda sobre as citações diretas, eventuais mutilações e completos deslocamentos de contextos de origem são intencionais e visam produzir reflexões sobre *potencialidades de uso de citações diretas além das comumente preguiçosas, que além de pouco problematizadas, em muito se resumem a estender o tamanho das publicações*,<sup>15</sup> e outros usos, digamos, *mais oportunistas de apelos a citações diretas*.<sup>16</sup> Usos de intencionais interrupções nas citações diretas<sup>17</sup> podem ser realizados para reduzir extensões das respectivas ou direcionar discursos expostos por terceiras partes. Pontuais acréscimos são incluídos entre colchetes no corpo de citações diretas quando necessário.

*Ora, as criações e as inovações nas áreas científicas não são diferentes das artes, e já foi explicado por muita gente, não precisa ir sempre ao [Ludwig] Wittgenstein, para explicar as*

<sup>13</sup> Cf. CONCEIÇÃO DE SOUSA, Ó. O desafio da Lusofonia. 2010:40.

<sup>14</sup> Cf. RICOEUR, P. Le paradigme de la traduction. 2004:26-27.

<sup>15</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Napê. 2017:134.

<sup>16</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:71-72, ver nota 2.

<sup>17</sup> Identificadas por reticências inseridas entre um par de colchetes.

*coisas, portanto, é uma lógica de experiência, de falhanço, de tentativa, de não coerência. Se não for isso, não é nada. E, portanto, um sistema que não permite experimentar, que não permite falhar, que não permite propor o novo, que não permite a contradição, mas que mais que [tudo], formata o número de páginas dos textos, que diz que os textos tem que começar com uma revisão da matéria dada, tem que ter nhenbenbém, tem que ter uma conclusão. [...] Isto daqui não pode obviamente sair nada de interesse, isto pra ser interessante, vai ter que sair noutro sítio. Não é nesse sítio que vai acontecer nada. [...] Porque todos os professores sabem que não é daí que nada nasce. O aluno que repete aí o papagaíar do que o professor deu, e [o que] tá nos textos é um bom aluno, ok. Ponto. Mas não vai fazer nada de novo. [...] [A inovação] não entra porque tudo está formatado à cabeça, e, portanto, a função que foi, durante séculos, uma das funções das academias, que era justamente, albergar as diferenças, albergar a inovação, proteger as excentricidades, permitir o aparecimento justamente de personagens com uma cabeça um pouco ao lado... E daí essa quantidade de personagens a produzirem coisas eventualmente pouco interessantes, mas pelo menos tentativas de inovação de vez em quando saíam uns muito bons. Mas assim, neste sistema, daí não vai nascer nada. Terão que nascer noutro sítio. Não vai ser nestes sítios de certeza, porque as universidades tão se a transformar numa máquina de produção do mesmo. Pura e simplesmente. Reprodução do mesmo. Não é nem produção, é reprodução.*

Entrevista com Filomena Silvano

Eventuais adicionais quebras de “normas e convenções estético-académicas” devem ser compreendidas como rupturas intencionais e provocadoras de desconstruções, ainda que não estejam listadas nestas notas iniciais de observações.

É valorizada e incentivada alguma atenção a estas percepções em quaisquer potenciais menções futuras aos relatos reflexivo-etnográficos aqui construídos.

Ao fim, pergunto:

*São possíveis posturas e críticas subversivas quando se mantém uma formação académica totalmente normatizada e padronizada?*

## 0 MÍNIMOS MÉTODOS E CONTATOS IDENTIFICADOS

Although educational researchers have done perfectly good research in the qualitative style for at least sixty years, they still hold periodic conferences and discussions, like this one, to discuss whether or not it's legitimate and, if it is, why it is. Surely there must be some real epistemological difference between the methods that accounts for this continuing inability to settle the question.<sup>18</sup>

Howard Saul Becker

*É preciso explicitar a leitoras e leitores como você atingiu tais informações durante a pesquisa de campo.*

Sem grande dificuldade, é possível retornar pelo menos um século no passado, e ainda assim encontrar significativa preocupação com a *exposição de como fora realizada a pesquisa*<sup>19</sup> e em alguns casos, como se deu os primeiros contatos com o campo. Se sairmos das ciências humanas e mirarmos nas ciências auto declaradas naturais, o intervalo temporal desde as primeiras grandes preocupações neste sentido será ainda maior.

Ainda que questionáveis sejam os efeitos futuros para avanço da disciplina de tais exposições no início de cada obra, dita acadêmica, dada a

---

<sup>18</sup> Uma tradução possível do original em Becker (1996:53) pode ser lida como:

*Ainda que pesquisadoras e pesquisadores com algum foco na educação têm feito boa pesquisa no caráter qualitativo pelo menos nos últimos 60 anos, elas e eles ainda realizam conferências com regular frequência, além de promoverem discussões, como este material é reflexo, para discutir se é ou não é legítimo e, se for, porque é, tal tipo de pesquisa. Certamente deve haver alguma diferença epistemológica real entre os métodos para manter essa contínua incapacidade em resolver a questão.*

<sup>19</sup> Cf. MALINOWSKI, B. Introduction. 2005:2-3.

pertinência e reconhecimentos de saídas *a la Malinowski*, até hoje, sem grandes questionamentos, além de ignorados os possíveis efeitos de tal dispendiosa tarefa, ao enviar e direcionar à partida cada material, na forma e origem da apresentação, é dito que faz-se necessário. É imposto. Diria obrigatório.

Pois bem, esta pesquisa nasce, pelo menos um ano e meio, quase ou talvez dois, antes da ida que aqui é descrita muito sumariamente. Entre 2012 e 2013 é realizada uma primeira grande imersão em Portugal, onde residi por quase um ano, ininterrupto, saí de Lisboa uma única vez, pois não havia dinheiro, nem bolsas, foi uma particular ida ao norte português, no *réveillon*, após passar o feriado de natal sozinho. Todas e todos estavam viajando. Festejando. Visitando familiares. Dentro e fora da Europa.

Assim como há autorias que ficam presas no trabalho de campo por conta de supostas guerras instauradas, há outras que ficam presas no trabalho de campo por falta de recursos financeiros para estar em outros lugares.

Nestes tantos e longos primeiros meses não foram poucas as vezes em que houve escolha entre o almoço ou o jantar, e foram raras as vezes em que não passei a noite em claro no ISCTE.<sup>20</sup> Minha mobilidade acadêmica não era lá, era na Universidade Nova de Lisboa, mas esta última encerrava o acesso às 22:00 horas. E a outra me permitia passar noites, madrugadas, feriados e domingos lá. Escrevendo. Lendo. Nestes finais de semana que nunca fui à Berlim, Roma, Paris ou Barcelona, como tantas brasileiras e tantos brasileiros fazem, eu estava literalmente tentando estudar na Europa.

Eu assistia aulas. Acompanhava as manifestações.<sup>21</sup> As primeiras eram diárias. As segundas, quase semanais. Em minha segunda longa permanência em Lisboa, entre 2014 e 2015, eu retorno graduado em antropologia, aluno de mestrado em antropologia social, e tentando pesquisar sobre a antropologia portuguesa.

Se na primeira ida à Lisboa eu escolhia entre o almoço ou o jantar, agora escolho se o caro sushi será no almoço ou jantar, várias vezes por semana. Eu agora possuo recursos elevados, graças a comissão europeia para a educação, que me reconhece como uma espécie de *aluno de excelência*. Verba esta que retorna ao Brasil no formato de livros, ocupam as três malas que trago comigo. São mais de 120 livros. há inclusive inspeção no aeroporto,

---

<sup>20</sup> É aberta única exceção pela substituição de siglas pelo nome por extenso para o ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Identifico desconhecimento do nome por extenso, assim como prática de adoção da sigla como homônimo, e estas ações disseminadas mesmo por partes integrantes. Em dois anos de convivência é mínima a quantidade de pessoas, estudantes ou docentes, do respectivo instituto, capazes de me informar o nome por extenso sem uma consulta à internet ou a algum material externo. Situação similar, ainda que distante de tal escala pode ocorrer com o ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, que mantereí o uso de nomenclatura por extenso.

<sup>21</sup> A minha primeira grande pesquisa em Lisboa tratou de manifestações de rua estudantis.

pensam que eu sou um traficante de livros. Um sonho, quase um delírio. Gostaria de ser. Mas eu prefiro livros em PDF.<sup>22</sup>

Nestes novos e longos dois semestres eu novamente assisto disciplinas, muitas menos. E ainda hoje eu posso enumerar as cadeiras de memória, pela ordem, com semestres, universidades e docentes, da primeira e da segunda estadia:

Na Universidade Nova de Lisboa, em 2012.2 eu realizei disciplinas de “antropologia biológica” e “etologia”, ambas ministradas pela primatóloga Cláudia Sousa. Queria eu ter assistido “primatologia” com ela. Não abriu. São todas cadeiras de fases avançadas do curso. Assisti com ela no semestre seguinte “biologia e cultura”, uma cadeira de primeira fase. Antes de meu retorno em Lisboa, uns três meses, foi me informado que seria ela quem me receberia, para as formalidades académicas. No entanto recebi a notícia de sua substituição na recepção quase junto a mensagem de luto, pouco tempo após meu avião pousar. Horas depois.

Acompanhei também a disciplina de “história da antropologia” com Frederico Delgado Rosa, que depois ministra já no meu retorno (2014.2), uma cadeira que faço equivalência com “antropologia brasileira”. Peço que quem lê tente imaginar a bibliografia enquanto mantém o nome em mente: “contextos etnográficos latino-americanos”. Matéria esta que eu já havia participado em 2013.1 com João Leal. É possível que já estivessem explícitas ali pertinências das antropologias brasileiras em solo português.

A minha primeira ida a Portugal envolveu a escrita de um trabalho de conclusão de curso - TCC, que teve como co-orientadora, Ana Isabel Afonso, que ministrou “laboratório de antropologia aplicada”, uma cadeira do mestrado, para quatro discentes. Ana Isabel divide a sala no departamento com Filomena Silvano, que dirigia neste mesmo semestre a cadeira de “leitura de textos etnográficos II”.

A cadeira quase homônima, “leitura de textos etnográficos I” eu assisti como ouvinte, com Sónia Vespeira Almeida, no semestre seguinte, no mesmo em que também lecionou “métodos de pesquisa em ciências sociais” a qual eu estava matriculado.

No meu primeiro semestre em Lisboa eu participei de uma cadeira no mestrado no ISCTE,<sup>23</sup> com Filipe Verde: “teoria antropológica I”, e uma na licenciatura:<sup>24</sup> “leituras etnográficas: crise, catástrofe, guerra e violência”,

---

<sup>22</sup> Formato de documento portátil ou *portable document format*.

<sup>23</sup> Como ocorre no Brasil, há um limite máximo no número de disciplinas ou créditos que um aluno ou uma aluna pode se inscrever semestralmente. No Brasil, o desvio é realizado ao se inscrever como aluno externo em outros departamentos (eu o fiz em História e Sociologia). Em Portugal a situação é realizada buscando outras universidades. Em ambos os casos o processo é realizado posteriormente ao período regular de matrícula, nas vagas sobressalentes e envolve pagamento de taxas académicas adicionais.

<sup>24</sup> O termo licenciatura no Brasil remete aos cursos superiores de formação de professoras e professores do ensino primário e secundário. Não há relação com a graduação de três anos

com Manuel João Ramos.

No semestre seguinte, assisti outra cadeira de mestrado no ISCTE, com Nélia Dias: “teoria antropológica II”, sobre coleções e museus, e outra na licenciatura, com Pedro Prista chamada de “práticas de pesquisa em antropologia”. Pedro Prista que foi orientador de Sónia Vespeira Almeida, quem também me ofertou “método etnográfico”. Assim, Sónia e Pedro, são responsáveis por todo o conjunto de cadeiras de métodos que eu frequentei neste primeiro ano. Todas juntas equivaleram a apenas uma disciplina de 4 créditos no Brasil.<sup>25</sup> Ouvi que foi um desperdício. Discordo.

Na Universidade Nova de Lisboa eu assisti outras disciplinas, todas de graduação: “antropologia da família e do parentesco” com José Mapril, “antropologia económica” que foi ofertada por Paulo Granjo. E uma última cadeira de leitura etnográfica específica que foi acompanhada com Susana Trovão em “contextos etnográficos asiáticos”. Se os contextos latino-americanos se focalizaram no Brasil, esta outra o faz sobre a Índia, e também sobre *uma* religião.

Além destas cadeiras as quais eu estava matriculado como aluno regular, assisti algumas aulas como aluno ouvinte em “antropologia urbana”, e em “antropologia política” com José Mapril, além de “história da antropologia portuguesa” com Clara Saraiva e “antropologia portuguesa contemporânea” com Paula Godinho. No ISCTE eu acompanhei as primeiras sessões da disciplina “antropologia e epistemologia”, com Filipe Verde.<sup>26</sup>

Em minha última permanência em Lisboa, entre 2014 e 2015, eu assisti também cadeiras de mestrado e de licenciatura, todas na Universidade Nova de Lisboa. No mestrado foram frequentadas as disciplinas de “metodologias de investigação”, com Ana Santos Pinto, “teorias e métodos em antropologia”, além de “usos da cultura”, ambas com João Leal, e por fim, “objectos, identidades e culturas”, com Filomena Silvano.<sup>27</sup>

A mesma Filomena também ministrou na licenciatura “antropologia urbana”. E na licenciatura, eu assisti também, mas com Paula Godinho, “antropologia portuguesa contemporânea”. Por fim, Rui Mateus Pereira ministrou “antropologia do ciberespaço”. E como aluno ouvinte, assisti integralmente “antropologia e colonialismo” com Rui Mateus Pereira e “história da antropologia portuguesa” com Clara Saraiva.

O primeiro ano (e meio, se contar a reflexão realizada já no Brasil,

---

(posterior ao tratado de Bolonha), como ocorre em Portugal.

<sup>25</sup> Equivalente a 6 ECTS em Portugal, ou apenas uma disciplina comum.

<sup>26</sup> Para o caso da Universidade Nova de Lisboa, após muita insistência permitiram eu assistir 4 créditos além do limite anual total, sendo a frequência nas demais apenas na condição de ouvinte. No caso do ISCTE não foram abertas vagas adicionais para aquela disciplina, e o docente permitiu a minha presença em sala em algumas sessões.

<sup>27</sup> O número visivelmente menor de disciplinas neste último ano remete ao número de créditos das disciplinas de mestrado, que são muito maiores que as de licenciatura. E a urgência por maior tempo investido nas entrevistas, pesquisas em arquivos e saídas à campo.



posteriormente) de aprendizado se concluiu, entre outras tantas produções e parcerias, em um artigo, que é síntese de um trabalho de conclusão de curso. E neste último ano, eu também participei de várias sessões dos encontros *fins de tarde com a antropologia*,<sup>28</sup> que são organizadas pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia - CRIA, no prédio em frente a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - FCSH-UNL, e outros eventos maiores e menos contínuos que descrevo no decorrer do material.

Além de toda a frequência universitária em cursos de graduação e pós-graduação em departamentos de antropologia em Portugal, houve ainda uma série de participações em congressos e eventos locais e internacionais. Também acompanhei as publicações e participações frequentemente destas partes interlocutoras em ambiente online. Assim, ao mesmo tempo em que eu realizava trabalho de campo para a minha pesquisa, seja de graduação ou de pós-graduação, online ou não, sempre houve também frequência quase diária nas salas de aula de antropologia em Lisboa.

Estas saídas todas à campo, e as observações feitas em salas de aula, foram sendo complementadas, inicialmente por uma e posteriormente com mais dez, entrevistas com docentes de antropologia em Portugal. Retorno parcialmente acerca da metodologia, mais a frente, no item intitulado “*contatos prévios e outras iniciais percepções*”.

Foi realizada em um domingo uma primeira entrevista,<sup>29</sup> exploratória, com o professor Paulo Raposo, do ISCTE, onde além de trazer importantes considerações sobre a arte, o ativismo, movimentos sociais e a antropologia, apresentou um mapa geral das relações antropológicas entre Brasil e Portugal por ele conhecidas, permitindo mapear outros nomes, que listo alguns a seguir. Além de outros tantos que me foi impossível contatar ou entrevistar.

Filomena Silvano, docente da Universidade Nova de Lisboa, alterna momentos de fala comigo entre a sua sala, e os arredores de um exame final que aplicava a turma de licenciatura para falar sobre patrimonialização, antropologia urbana, produção acadêmica, financiamentos e principalmente mobilidades em e na antropologia.

Há um reencontro com o professor Paulo Granjo,<sup>30</sup> anteriormente da Universidade Nova de Lisboa, e agora em sua nova sala, no Instituto de Ciências Sociais, enquanto escutamos aviões a decolar e a pousar no aeroporto de Lisboa, para me falar sobre os problemas de singularizar África, metodologia e trabalho de campo, e o papel da antropologia em pluralizar tais conceitos.

---

<sup>28</sup> Maiores detalhes em: CRIA. Fins de tarde com a antropologia. 2014.

<sup>29</sup> Há uma lista com detalhes de todas as entrevistas ao final deste material.

<sup>30</sup> Em 2013.2 o professor Paulo Granjo foi desligado da Universidade Nova de Lisboa.

Após um encontro em Tallinn, é em sua sala, no ISCTE que a ex-presidente da associação portuguesa de antropologia, Antónia Pedroso de Lima, me recebe para falar sobre a importância do Brasil na história da antropologia portuguesa e apresentar agentes e instituições que fizeram, sob sua perspectiva, parte deste processo.

E na mesma semana, dias antes, foi Miguel Vale de Almeida, quem me recebeu, na mesma sala que Antónia, pois compartilham discentes no ISCTE, para falar sobre a importância do Brasil nos estudos pós-coloniais em antropologia realizados em Portugal.

A professora Ana Isabel Afonso, docente na Universidade Nova de Lisboa, me recebe em sua sala para resgatar muito do que foi os primórdios da antropologia em Portugal, e apresentar o que se entende por antropologia aplicada e como se desenvolveu tal campo em Portugal.

Ainda sobre a história da antropologia em Portugal, converso com João Leal, também da Universidade Nova de Lisboa, resgatando a importância do registro e da pesquisa, dialogando sobre os rumos passados, presentes e futuros da antropologia em Portugal e no Brasil.

Converso com Cristiana Bastos, professora do Instituto de Ciências Sociais, em sua sala, já em uma segunda entrevista, sobre assuntos próximos à primeira, que perdi a gravação, para desenvolver os primórdios das relações mais fortes entre as antropologias brasileiras e portuguesas das quais ela tem notícias e forte participação desde o princípio.

Um dia antes de viajar de volta para o Brasil, entrevisto Catarina Alves Costa, em sua sala, na Universidade Nova de Lisboa, onde falamos sobre o uso da câmera de vídeo em etnografia, autorias de e em filmes etnográficos e diálogos pela antropologia visual entre Brasil e Portugal.

Na mesma data e no mesmo prédio, a professora Clara Saraiva, também da Universidade Nova de Lisboa, já no período noturno se dispôs a me falar sobre os complexos sistemas de nomenclatura em Portugal durante e após o período de ditadura portuguesa, e os elos que perpassam pela antropologia nestes períodos.

E mesmo no dia de meu embarque de retorno ao Brasil, acabo por entrevistar, um ou dois pares de horas antes do embarque, Rui Mateus Pereira, professor da Universidade Nova de Lisboa, na mesma sala que falava com Ana Isabel Afonso, onde falamos sobre antropologia colonial, história da antropologia portuguesa, e da crescente colonização da antropologia.

Ao fim, me pergunto sobre a curiosa frequência por entrevistas sendo solicitadas a realização em segundas-feiras. Mas nunca pela manhã.

Eu tenho ciência que o grupo de interlocutoras e interlocutores não é completo, provavelmente nunca seria, mas dados os limites de pesquisa aos quais apresento ao longo do texto, penso não estar em grande débito. Os diálogos com docentes, sejam de contatos prévios, atuais, em construções

recentes ou apenas de aproximações futuras se produzem de modos singulares:

É preciso agendar entrevistas, e hoje ao conversar sobre a questão com o primeiro, de dois docentes portugueses que preciso analisar “em conjunto”, descubro que amanhã, ao conversar com o segundo, os desacordos entre eles são superiores à “determinado ponto de minha pesquisa”. O primeiro me diz que *“é coerente tal proposta (meu projeto de pesquisa), mas sugiro revisar este ponto, e considerar a leitura deste texto para melhor contextualizar ao momento da época”* que contrapõe exatamente o que o segundo me sugere ao tecer um comentário que em síntese diz que *“eu não considero que este seja um bom ponto de partida, estas lendo este texto de uma maneira que diria que é no mínimo deslocado da crítica na contemporaneidade”*. Ambos aceitam ser entrevistados, e como bons professores, paralelamente me fornecem “sugestões” à metodologia, que são contrárias e quase impositivas entre si.<sup>31</sup>

Diário de campo, de 7 de novembro de 2014

Acceptar incluir docentes como “partes na pesquisa” acaba por se revelar uma das decisões mais bem colocadas de minha proposta, quando identifico que permite uma revisão de metodologia ativa e crítica. É um privilégio ter esta categoria de sujeitas e sujeitos de estudos.<sup>32</sup> Não é de hoje que encontro argumentos que permitam compreender a prática antropológica como algo próximo a “tentar aprender **com** o outro”, enquanto forma de resistência contra a comum “tentativa de aprender **sobre** o outro”,<sup>33</sup> assim, ao decidir “pesquisar redes que envolvem a antropologia portuguesa” há prática de hipocrisia na hipótese de excluir participantes em foco da produção teórico-metodológica da investigação.

O idioma que compartilhamos, não é apenas o português, mas de certa forma também o antropológico. E muito da dificuldade de comunicação que poderia existir, nos dois casos, acaba sendo bastante reduzida. Resta-me pouco, mas o principal: Aprender como é que se faz antropologia em Portugal. E onde é que o Brasil aparece. Se é que o Brasil aparece. E vice-versa.

<sup>31</sup> A descrição em caráter genérico visa preservar as identidades de ambas as partes.

<sup>32</sup> Desnecessário informar que não é proposta nenhum tipo de “hierarquização de sujeitos de estudo”, como já evidenciei (Virgílio, 2015:75) noutro momento.

<sup>33</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:78.

A opção por trechos, sequenciais, substituindo formais capítulos, é evolução da primeira versão deste texto, proposto em nós, após resgate e identificação maior com uma proposta de Vagner Gonçalves da Silva:

Todos os aspectos tratados apresentaram-se intimamente unidos e indissociáveis, como os nós de uma rede, que apenas considerados em conjunto apresentam sentido. Assim, optei produzir um único texto, contínuo, ao longo do qual apresento alguns núcleos temáticos, que não chegam a constituir capítulos formais, mas apenas uma proposta de organização, entre as várias possíveis.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Cf. SILVA, V. Apresentação. 2006:20.

## 1 INTRODUÇÕES GERAIS

They do it when they see a creature do something, and they are sure: First, that the creature did not learn how to do something and, second, that the creature is too stupid to understand why it should do that. [...] When they see that all members of the species do the same things under the same circumstances; and when they see the animal repeating the same action even when the circumstances are changed so that action fails.<sup>35</sup>

Gregory Bateson

*Trezentos e sessenta e cinco dias. Completos. Exatamente um ano. Mas não um ano bissexto.*

Esta é, ou seria, uma mensuração precisa e uma descrição factível, dentre tantas possíveis reduzidas e pouco úteis construções, sobre o período entre o abandono corpóreo que é produzido desde o fim de uma *primeira visita em Lisboa*<sup>36</sup> e um retorno, no início daquelas semanas que inocentemente são percebidas, e covardemente delegadas, para ter a responsabilidade de representar o conjunto de trabalhos de campo que orienta este ensaio e as pesquisas com as quais há tentativas por matrimônios académicos. Mas a mensuração é primária e, portanto, compreendida como dotada de influências que estão quase limitadas à linha

---

<sup>35</sup> Uma tradução possível do original em Bateson (1987:53-54) pode ser lida como:

*Eles fazem isso quando eles veem uma criatura fazer algo, e eles estão seguros que: Primeiro, que a criatura não aprendeu como fazer algo e, segundo, que a criatura é estúpida demais para entender porque ela deveria fazer isso. [...] Quando eles veem que todos os membros de uma espécie fazem as mesmas coisas nas mesmas circunstâncias: e quando eles veem os animais repetindo a mesma ação até quando as circunstâncias são alteradas e as ações falham.*

<sup>36</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:70.

de início que é escrita na página primeira do último (e novo) diário de campo.

Acreditar que pouco mais de três semanas, despedaçadas entre visitas a congressos, leituras de bibliografias, e entrevistar docentes seriam suficientes para fornecer material “empírico” para a escrita de uma tese em antropologia deveria parecer loucura, mas é o possível de ser vislumbrado dentro do *campo de possibilidades*,<sup>37</sup> após o término da graduação em antropologia e sem o reconhecimento enquanto antropólogo.

Como *indígenas do nordeste*<sup>38</sup> que não possuem reconhecimentos enquanto indígenas pela ausência de saber mínimo em etnologia indígena de outrem, graduadas e graduados em antropologia não têm identidades validadas ou aceites enquanto antropólogas e antropólogos por ausências de aprendizados mínimos em antropologia de quem lhes desqualifica como tal.

A situação de negligência pode ser agravada para quem está nos subúrbios da antropologia, pois para quem não esta nos centros há ainda percalços adicionais. Assim, é esperada alguma filiação à real antropologia, real de realeza, ou *royal*, quase à mando de coroas, aquelas, de tempos coloniais, que ainda “tratam (apenas) de povos colonizados”, sejam índias e índios, e que depois, na falta de indígenas para tantos etnólogos, pode (até) “tratar de negras e negros”. E nesta sugerida hierarquia de legitimidade enquanto *tradicionais*<sup>39</sup> objetos de pesquisa para a antropologia, há muitos subalternos grupos antes de “aceitarem” como legítima uma investigação com antropólogas e antropólogos. Principalmente se tiverem origens portuguesas.

Ainda que haja *fugas de discursos sobre raças, para permitir a entrada das culturas*,<sup>40</sup> posteriormente há a *partida das culturas para a chegada de identidades*.<sup>41</sup> E não tarda o acolhimento a construídas ontologias como substitutas a identidades. No estranho emaranhado de lógicas de *interpretados*<sup>42</sup> *significados*<sup>43</sup> é de se compreender que se não há ritos, xamãs e parentes em nomeações como tradicionais não há tanta teoria, mas se não houver *descrição densa*<sup>44</sup> suficiente, a discussão é metodológica demais. A balança acaba sendo entre escrever literatura de segunda categoria com *carimbo UNESCO de patrimonialização cultural*<sup>45</sup> ou viajar e preconceituosamente vigiar outrem, sendo fácil e comum a posição central, produzindo páginas e

<sup>37</sup> Cf. VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. 1994:40.

<sup>38</sup> Cf. PACHECO DE OLIVEIRA, J. Uma etnologia dos índios misturados? 1998:47-48.

<sup>39</sup> Cf. ALMEIDA, M. CUNHA, M. Indigenous people, traditional people, and conservation in the Amazon. 2000:316-317.

<sup>40</sup> Cf. VISWESWARAN, K. Race and the culture of anthropology. 1998:70-73.

<sup>41</sup> Cf. COHEN, A. Culture as identity. 1993:199-203.

<sup>42</sup> Cf. GEERTZ, C. Thick description. 1973:9-10.

<sup>43</sup> Cf. SAUSSURE, F. La valeur linguistique. 1997:158-162.

<sup>44</sup> Cf. GEERTZ, C. Thick description. 1973:6.

<sup>45</sup> Cf. LEAL, J. Agitar antes de usar. 2013:7-10.

páginas de descrições fabricadas de outrem enquanto exóticas e exóticos.

Nesse contexto, sem possuir reconhecimento como antropólogo, inexistente apoio institucional em meu programa de pós-graduação e com limitada acuidade financeira, oportunidades de fazer “campo no estrangeiro”, ainda que em tão limitada duração, e para quem de índias e índios não trata, podem ser salvaguardas de oportunidades sem precedentes.<sup>46</sup>

Um primeiro grande desafio de contextualização encontrado pode remeter ao tentar estabelecer limites ou mapear características daquilo que se pode sugerir compreender como antropologias portuguesas, e neste sentido, antes de tudo, convém promover algumas indicações sobre os alcances desta proposta de escrita, notadamente por carregar um recorte de contexto que pode ser compreendido como algo exageradamente ambicioso. De certa forma o é, pois permite projetar impressões onde podem ser sugeridos portes de análises sobre diálogos que ultrapassam em muito as dimensões e capacidades possíveis para este material.

Em complementar terreno, vale ressaltar que o cerne em muito enaltece as antropologias portuguesas, insistindo menos nos âmbitos brasileiros, pois em tese este último conjunto possui bibliografia mais vasta, e é melhor conhecido por parte do público aos quais os contatos com esta publicação podem ser feitos em específicas instâncias. Em sentidos próximos, são valorizadas intencionais e extensivas menções a bibliografias de origens portuguesas, por potenciais créditos a limitados usos destas autorias em publicações em antropologia tecidas por brasileiras e brasileiros, quando se permite destacar que até poucas décadas atrás que:

*Mesmo com a escala gigantesca da antropologia brasileira, ela era provinciana. [...] Porque os antropólogos brasileiros faziam trabalho de campo no Brasil e discutiam com antropólogos brasileiros. Ainda hoje esse problema se nota, por exemplo, nos artigos que são submetidos à [revista] Etnográfica vindo do Brasil.<sup>47</sup> A citação é toda interna. É um enorme problema.*

---

<sup>46</sup> A turma a qual eu ingresso no programa de pós-graduação em antropologia social é formada por quase trinta pessoas, e salvo dois discentes estrangeiros oriundos de acordos internacionais eu sou o único graduado em antropologia - o primeiro formando na Universidade Federal de Santa Catarina, e o primeiro discente desta turma a defender a dissertação -, mas principalmente, o único entre todas as pessoas desta turma a não receber qualquer auxílio financeiro deste programa de pós-graduação durante os vinte e um meses que permaneço vinculado ao respectivo. Não me são concedidos auxílios para ida à eventos, ou qualquer mensalidade de bolsas que são reservadas e dirigidas a todas e todos demais discentes do programa. Curiosamente eu sou o discente com maior produção acadêmica e também maior participação em eventos internacionais durante todo o período.

<sup>47</sup> Remete a revista Etnográfica, de ISSN: 2182-2891.

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Em algo próximo a expectativas sobre antropologias portuguesas, brasileiras, lusófonas, luso-brasileiras ou transatlânticas, são muitas as aproximações iniciais possíveis, assim como variados são as direções dos pontos de partidas prováveis, e assim, distinções entre modos de fabricações de nomenclaturas são talvez secundárias ao considerar outros fatores e características, permitindo aberturas para outras abordagens:

Pode-se por exemplo propor desde consultas até produções, em *revisões históricas*,<sup>48</sup> maquiadas como *estado da arte*,<sup>49</sup> ou ainda aquelas que possuam o sugerido encontro ou mesmo que tangenciem tal finito ponto de contato, tido como *paradigmático*,<sup>50</sup> desde o princípio da pesquisa. Generalizantes idealismos sobre convergências teóricas ou metodológicas, assim como inocentes aceites de estados da arte unitários em antropologia tendem a revelar maiores desconhecimentos das formações e correntes cursos da disciplina ao invés de acreditados supostos domínios ante a respectiva, como as caçadas ao utópico ponto de estado da arte podem acreditar sugerir ou mesmo crer evidenciar.

João Leal sugere na aula inaugural do mestrado em antropologia da Universidade Nova de Lisboa que “*a pulverização teórica é o estado atual da disciplina*”. O que me leva a escrever em meu *caderno de notas*<sup>51</sup> se faz qualquer sentido uma busca por tal estado. Esta proposta situação, em adição as críticas de pesquisas que pelo que as percebo, partem de embasamentos teóricos para atingir e justificar enquadramentos temáticos com frequência previamente escolhidos, podem render preciosos questionamentos em antropologia.

Diário de campo, de 8 de setembro de 2014

Ainda que a produção de tais bibliográficos compêndios pode se tornar de alguma valia por permitir pontos de contatos com objetos, agentes e campos de estudo que almeja alcançar, esta ser o ponto limítrofe da produção escrita, e assim reduzir a apresentação à dada concepção, é um danoso risco que pode ser evitado ao privilegiar uma revisão de literatura que ultrapasse limites de análises cronológicas e que se permita incluir no

---

<sup>48</sup> Cf. LUNA, S. A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. 1997:21.

<sup>49</sup> Cf. LUNA, S. A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. 1997:20.

<sup>50</sup> Cf. KUHN, T. The nature of normal science. 1970:43-44.

<sup>51</sup> Cf. ECKERT, C. ROCHA, A. Etnografia. 2008:16.



texto como parte dele, e não como um simples capítulo de introdução dita temática à pesquisa.

Outra opção pode perpassar por sugeridas análises de relações entre *múltiplas antropologias*,<sup>52</sup> primando, na medida do possível, tentar mapear como são construídas parte das relações, permitindo perceber estruturas e níveis de influências e hierarquias, rupturas e continuidades, passadas ou presentes. Dotadas de maiores ou menores impactos, as análises declaradas como *comparações por contraste*<sup>53</sup> podem também ser comuns.

E pelas características de construção de tais contextos, por exemplo, enquanto lusófonos, é ainda possível sugerir que as relações que as produzem, ou que são por elas produzidas, possam ser alegadamente compreendidas enquanto produtos de processos categorizados como *colonizadores*,<sup>54</sup> ou mesmo com dotes de usos e portes de pretensões *neocolonialistas*<sup>55</sup> ainda que declaradas enquanto *pós-coloniais*<sup>56</sup> ou até *descolonizadoras*<sup>57</sup> e *anticoloniais*.<sup>58</sup>

Reduções de agentes, ou instituições, enquanto percepções idealizadas de produtos finais, em perspectivas terceiras e externas, *obstruindo identificações enquanto partes ativas nos processos*<sup>59</sup> impedem o nascimento de emergentes perspectivas que permitam analisar complexidades de tais processos tendo em consideração os *flutuantes ciclos de formação e de manutenção de relações*,<sup>60</sup> e que reduzem possibilidades de limitá-los a estágios finais de algo que há muito, ou pouco, se constituiu. Em um devaneio maior, é permitido acreditar ser possível perceber partes de dinâmicas em uso e alcançar vistas das transformações de campos de estudo que se espera conhecer.

Poderiam ser talvez óbvias as hipóteses de descartes automáticos de explicações que estão sustentadas pelas adoções das facilitadas argumentações, que enquanto impressas nas análises de recortes “temático-geográficos” os determinam como fundantes, estruturantes ou limitadores das relações que procura apresentar. Mas apesar de perspectivas e aproximações temáticas apresentarem algum avanço específico epistemológico em dadas circunstâncias e contextos de pesquisa, não se deve crer que se trata do único meio de atingir especificidade ou foco de pesquisa, ou mesmo o mais apropriado em antropologia. Além de tornar difícil o cruzar de fronteiras entre os fabricados e impostos limites entre

<sup>52</sup> Cf. MENEZES BASTOS, R. Antropologia é aquilo que o antropólogo faz. 2010:3-4.

<sup>53</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. Recorrências antropológicas lusófonas. 2008:237.

<sup>54</sup> Cf. ASAD, T. Introduction. 1973:15-18.

<sup>55</sup> Cf. FORTE, M. Neocolonialism. 2010:10.

<sup>56</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. O atlântico pardo. 2014:31-32.

<sup>57</sup> Cf. MIGNOLO, W. Coloniality of power and de-colonial thinking. 2010:19.

<sup>58</sup> Cf. MERLE, M. Presentación. 1972:18-28.

<sup>59</sup> Cf. GROSSI, M. Rimando amor e dor. 1998:303.

<sup>60</sup> Cf. GROSSI, M. Rimando amor e dor. 1998:303-306.

campos ou áreas de saber, é capaz de enviesar os passos dados na pesquisa para pouco, ou nada, além do caminho anteriormente conhecido ou construído por outrem.

*Outro problema, no meu entender gravíssimo, desse sistema, é que é um sistema completamente, esparralhado, por caixinhas com nomes, por caixinhas com temáticas, e que não dão qualquer espécie de existência as interações, portanto ou é migração, ou é gênero, ou é [cultura] material, ou é não sei o que... Pras migrações é preciso citar aqueles, pro gênero é preciso citar os outros, pra [cultura] material é preciso citar os outros, e, portanto, estamos numa máquina de produzir, de forma sistemática, mais do mesmo, e onde a criação e a inovação morreram.*

Entrevista com Filomena Silvano

Por fim, em inúteis tentativas de evitar generalizações, há frequente atração por vertentes que se não estão envoltas nas produzidas reflexões de analistas que apenas ao *local*<sup>61</sup> estão atentos, destas é que distanciam os olhares, em deslocamentos de percepções que buscam encontrar o *global*.<sup>62</sup> Pode ser permitido compreender que há muitas possibilidades e espaços entre abordagens de análise ditas micro ou macro, onde tais separações e distinções em antagônicas e isoladas posições para usos em relatos de pesquisa são desnecessárias, principalmente quando remetem a sugeridas exclusividades, remetendo ao optar *entre* o local e o global. Mobilidades entre tais extremos pontos de vista podem ser preciosas e incentivadas enquanto problematizadas, e valorizadas quando reversíveis, relacionais e permutáveis entre si. Pode-se inclusive esperar algum alargamento ou incremento das percepções sobre o campo nestes constantes deslocamentos de perspectivas.

A projetada separação entre pesquisas procurando pelo tido como local e pelo tido como global em antropologia, pode ser comparada a separação construída e incentivada entre práticas tidas como teóricas daquelas ditas pragmáticas:

A scholar is never just a theoretician or a pragmatist. [...] Scholar alike oscillates between contrasted rhetorical poses for which they can deploy a rich store of symbolic flags and stakes. There is nothing deprecatory about calling both aspects of both parallel situations rhetorical, unless one starts pre-emptively

---

<sup>61</sup> Cf. KEARNEY, M. The local and the global. 1995:548-549.

<sup>62</sup> Cf. KEARNEY, M. The local and the global. 1995:549-551.

from an absolute distinction between the tropological and the literal, or between the ideal and the real (and in that case there is nothing to argue about). [...] And although one might be excused for occasionally doubting it -for such is professional rhetoric-anthropologists are social beings too.<sup>63</sup>

De certa forma, enquanto há deslocamentos e trocas de posições, se pode ter esperança de alcançar partes disto tudo, e algo mais, procurando compreender algumas das relações constituídas e constituintes, enquanto são delineados e se possíveis também percorridos sutis *traços de vista*,<sup>64</sup> de partes das antropologias que desrespeitam as inventadas e invisíveis fronteiras que estão riscadas entre tantos lados de um *oceano azul*,<sup>65</sup> de antropologias que fugitivas de forçosos enquadramentos temáticos, permitem negar sujeições de apresentações enquanto pontos temporais de passados a ser registrados enquanto *contemplativos e alegados como explicativos*.<sup>66</sup>

Mas a antropologia, um tanto surda à sua própria história, continua a se comportar como se fosse precisamente aquilo que já decidiu não ser: uma disciplina paradigmática. Estamos a criar cursos de antropologia em que, um ano após o outro, se ensina teoria antropológica. Os orientadores exigem e os estudantes aspiram a elaborar uma boa discussão teórica. Tudo isso é muito legítimo. Mas, curiosamente, não há a mesma pressão para que os pesquisadores descubram algum objeto novo: modesto, pequeno, mínimo se quisermos, mas novo. Há mesmo uma certa prevenção contra aspirações desse tipo: não seriam excessivas e desnecessárias? Afinal, o que se pode deduzir de uma discussão teórica onde em rigor não há refutação é que não há nada de novo sob o sol? A praia toda está ocupada. E além disso, se a antropologia é uma ciência permanentemente jovem, então a exigência de originalidade de qualquer pesquisa talvez pudesse se

---

<sup>63</sup> Uma tradução possível para o original em Herzfeld (1987:205) pode ser lida como: *Cientistas sociais nunca estão apenas na teoria ou no pragmatismo. [...] Cientistas sociais oscilam entre opostos pontos de retórica onde estão ricos emaranhados de simbólicas bandeiras e pilares. Não há quaisquer depreciações ao invocar aspectos de ambos pontos de retórica, exceto quando se parte da presunção de uma absoluta distinção entre o tropológico e o literal, ou entre o ideal e o real (e neste caso não há o que argumentar sobre). [...] E apesar do potencial de perdão por quem ocasionalmente disto duvide - pelo fato de esta ser a retórica profissional - antropólogos e antropólogos são seres sociais também.*

<sup>64</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:70.

<sup>65</sup> Cf. KIM, W. MAUBORGNE, R. Creating blue oceans. 2005:4-5.

<sup>66</sup> Cf. HUSSERL, E. Simple apprehension and explication. 1973:111-115.

cumprir descobrindo cada vez, por toda a parte, os mesmos novos objetos.<sup>67</sup>

Ao evitar frenéticas e fanáticas buscas por “explicações” sobre idealizados mitos de origem de relações específicas e passadas, tornam-se tangíveis outros encontros e aproximações com parte das relações analisadas. Pode-se compreender quase que como um incentivo para que:

Besides being more sensitive towards our disciplinary past we must also be more critical towards our current predicaments: it might well be that we keep reproducing - albeit in a different jargon - the same mistakes that we have accused our ancestors to have made.<sup>68</sup>

Sendo que sobre os potenciais que podem ser atingidos ao tecer deslocamentos de perspectivas em traços de vista, é ainda possível sugerir que:

Dessa integração e assimilação desses olhares sobre um mesmo objecto resulta uma nova compreensão deste, que não é certamente fiel às intenções e sentidos originais, mas que, por isso mesmo, por beneficiar da componente perspectival inerente à distância e à diferença, pode conduzir à fusão e alargamento dos horizontes do visível e do compreensível.<sup>69</sup>

Desta forma, mais do que encontrar uma ou mais respostas, para antecipadas e fabricadas “perguntas de saída”, via invocação de uma ou mais rigorosamente selecionadas “metodologias de pesquisa”, para um ou mais específicos públicos de “temáticas leituras académicas”, é possível compreender que pesquisas permitem algum aprendizado, ao desamararrar alguns dos nós que são forçadamente presos e lacrados entre projeções de teorias, métodos e temáticas de pesquisa.

Hoje, numa das últimas aulas da disciplina de teoria antropológica no mestrado em antropologia,

---

<sup>67</sup> Cf. SÁEZ, O. O lugar e o tempo do objeto etnográfico. 2011:599.

<sup>68</sup> Uma tradução possível do original em Leal (2011:332) pode ser lida como:

*Para além de termos maiores sensibilidades para nosso passado disciplinar, nós devemos também ter maiores críticas com nossos dilemas atuais: pode muito bem ser que nós continuamos reproduzindo - ainda que em um jargão diferente - os mesmos erros que temos acusados nossas gerações passadas de terem feito.*

<sup>69</sup> Cf. VERDE, F. A cristandade dos leopardos, a objectividade dos antropólogos e outras verdades igualmente falsas. 1997:122.

aqui em Lisboa, nós tivemos a primeira aula de métodos. Após longas horas de explicação sobre a “importância e uso de métodos em antropologia”, o docente esclarece, ao corpo de vinte-trinta discentes sem grande formação em antropologia que *todos os livros de metodologia não se aproximam de algo que seja “suficiente”, pois cada caso é um caso.*

Diário de campo, de 15 de dezembro de 2014

## 2 CONTATOS PRÉVIOS E OUTRAS INICIAIS PERCEPÇÕES

Penso que não foi o acaso que levou cada um de nós a seguir uma trilha diferente, pois na verdade cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro.<sup>70</sup>

Miriam Pillar Grossi

Estar, no entanto, anteriormente por quase um ano transitando entre dois-três departamentos de antropologia em Lisboa também permite atingir *insights*, que podem variar desde o identificar de maiores presenças ou concentrações de influências de antropologias brasileiras em áreas temáticas específicas das homônimas portuguesas, até perceber relações, que se não centradas em determinadas academias-escolas, revelam-se como partes de primeiros contatos ao campo. E enquanto se permite perceber estes contatos como partes da pesquisa, não há distorcidas e inadequadas reduções enquanto o singular e isolado “pré-campo”, se tornando válido pensar sobre *experiências primeiras*.<sup>71</sup>

As excessivas menções a toda a obra de Gilberto Velho na cátedra de antropologia urbana enquanto “*precursor do campo de estudos em língua portuguesa*” devem ser somadas as menções sobre o homônimo freireano na cátedra de contextos etnográficos latino-americanos por ser o “*primeiro brasileiro com alto reconhecimento internacional na política e na ciência antropológica*”, assim como a etnologia

---

<sup>70</sup> Cf. GROSSI, M. Na busca do “outro”, encontra-se a “si mesmo”. 1992:15.

<sup>71</sup> Cf. BACHELARD, G. Le premier obstacle. 1967:40-44.

indígena produzida no Brasil, que é tida e dita como “*referência em nível mundial*” na mesma cátedra, e aqui destaco que apesar do nome, dado as limitações de escopo e geografia ao lusófono-latino-americano país-continente, e das projetadas relações político-culturais, permite-me conceder equivalência pela cátedra nativa denominada “antropologia brasileira”. Gilberto Freyre, este, que também é apontado como “*amigo, parceiro e correspondente de Jorge Dias*” - há uma foto dos dois juntos -. Jorge Dias que ainda hoje é um dos maiores nomes na antropologia portuguesa, tanto na cátedra de história da antropologia portuguesa, como na cátedra de antropologia e colonialismo. [...] Estudos sobre populações “afrodescendentes”, especialmente no que tange “religiões de matriz africana”, ambas quais se pode referir enquanto “*diásporas*”<sup>72</sup> culturais com origens africanas”, que se somam aquela etnologia indígena enquanto “*referências internacionais, quer sejam produzidas por brasileiras e brasileiros, ou produzidas em território nacional por corpos estrangeiros, em sua maioria, oriundos da França*”, e estes dois campos, podem se unir aos estudos de género, pois “*não apresentam subalternos diálogos ou engajamentos em comparações aos contextos homónimos ou “equivalentes” norte-americanos atuais, ou mesmo para os ápices parisienses ocorridos no pós-maio de 68*”. As antropologias brasileiras podem ser partes nas antropologias portuguesas. Vice-versa?

Diário de campo, de 7 de dezembro de 2013

Em tese há naquela primeira permanência posterior ao longo (ou curto) intervalo, que soma vinte e oito, ou se considerar os fusos horários talvez trinta, diárias, situações de observações etnográficas, e posteriores *reflexões sobre os reflexos*<sup>73</sup> destes momentos, que são revezados entre permanecer correndo e voando, gravando, ouvindo, transcrevendo e relendo. E ao buscar encontrar, cruzar e comparar os diferentes idiomas e as diversas faces é que se tornam visíveis possíveis *fronteiras*<sup>74</sup> de serem reveladas em territórios e vivências portuguesas:

Relatos estes, que como os demais e apesar das mutiladas apresentações, aqui, enquanto partes de pesquisas são recebidos enquanto completas

<sup>72</sup> Cf. SAFRAN, W. Diasporas in modern societies. 1991:83-84.

<sup>73</sup> Cf. ZEA, E. Por caminhos laterais. 2010:6, 12-16, 18-19, ver nota 10.

<sup>74</sup> Cf. TURNER, F. The significance of the frontier in american history. 1894:200-201.

entrevistas, e que registradas e transcritas, permitem a hipótese de revisão posterior e tentativa de publicação em meio acadêmico de maior circulação. E ao expor sobre potenciais interesses e das possibilidades de publicar integralmente no *mundo acadêmico*<sup>75</sup> as conversas, as propostas são recebidas em aceites e mútuos acordos, tornando pertinentes as menções aos respectivos diálogos promovidas em formatos que respeitem específicas identidades de publicações científicas, sendo idealmente próximas aquelas adotadas para remeter a artigos e entrevistas enquanto publicações em periódicos.

É possível constatar que a primeira desta série de entrevistas é realizada em meu regresso a Lisboa, enquanto se torna possível perceber mais fronteiras e também *contatos*,<sup>76</sup> desta vez entre artes e ativismos, sendo nestes espaços invocadas enquanto *ativismos*.<sup>77</sup> Ao concluir a primeira conversa as impressões são positivas:

A entrevista, exploratória e inicial, finaliza melhor do que espero. Não apenas permite alavancar nas percepções sobre performances enquanto engajamentos políticos como fornece suficiente panorama para alargar o mapeamento das redes portuguesas e brasileiras. As referências são daqui e de lá, são docentes, instituições e até campos de saber. Até os primórdios do que hoje é o *Centro em Rede de Investigação em Antropologia*<sup>78</sup> e do passado *Centro de Estudos em Antropologia Social*<sup>79</sup> são mapeados. É possível situação similar ocorrer em outros centros de investigação portugueses.

Diário de campo, de 20 de julho de 2014

A escolha pelo uso de entrevistas enquanto aproximação com o campo de pesquisa pode remeter a buscas por *perspectivas feministas orientadas enquanto antropologias colaborativas*.<sup>80</sup> Ainda que em mínimas aberturas em questionamentos sobre quem representa o que na pesquisa conduzida aos pares.

Neste sentido, mais uma vez, o assumir do tipo de colaboração e a diversidade das estratégias de

<sup>75</sup> Cf. BOURDIEU, P. Preface to english edition. 1988:xi-xiv.

<sup>76</sup> Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O caboclo. 1964:117-118.

<sup>77</sup> Cf. RAPOSO, P. “Artivismo”. 2015:5.

<sup>78</sup> Maiores detalhes em: CRIA. Página inicial. 2015.

<sup>79</sup> Maiores detalhes em: CEAS. Página inicial. 2015.

<sup>80</sup> Cf. FLUEHR-LOBBAN, C. Collaborative anthropology as twenty-first century ethical anthropology. 2008:177-178.



continuidade dos projectos, são importantes para uma reflexão mais profunda. Muitas vezes, os cientistas sociais que coordenam estes projectos, inseguros das suas técnicas e não sabendo muito bem como actuar, fazem com que os sujeitos filmados tomem, de certo modo, conta da forma - mais ou menos convencional - como querem ser representados. Essa negociação de autorias entre as partes é, em si, parte desse processo de construção da visibilidade de ambos.<sup>81</sup>

O paralelo com a *realização de filmes etnográficos*<sup>82</sup> é válido por permitir desconstruir idealismos sobre autorias e papéis distribuídos entre as sujeitas e sujeitos envolvidos no processo, revelando o pouco valor de uma antropologia que muito perde ao investir demasiado tempo na garantia de aparência tida como politicamente correta também.

Ainda que em maiores aceites e afirmações apenas recentemente, *pode se afirmar que é sabido em antropologia*<sup>83</sup> que entre quem escreve os textos finais da pesquisa e eventuais interlocutoras e interlocutores *é comum a presença de relações de mutualidades*.<sup>84</sup> Assim, na hipótese de se relacionar com docentes de antropologia como principais meios de interlocução com o campo, estas mutualidades podem revelar e desenvolver facetas singulares.

Podem não ser automáticas as percepções que incluam o fato de que entrevistar docentes de departamentos de antropologia permite incluir “gratuitas”, frequentes e valiosas avaliações prévias e *on air* de toda a metodologia em uso, ou que se pretende utilizar. Acréscimos de bibliografias, *revisões do projeto e da pesquisa em curso*<sup>85</sup> e acelerações ao uso da *bola de neve*<sup>86</sup> são também possíveis e prováveis.

No Brasil ou em Portugal a antropologia nunca é **parte** de meu cotidiano. A antropologia é o cotidiano. Esta situação de tentar incluir limites entre o cotidiano e a pesquisa pode se tornar *problemática ou mesmo impossível de ser concluída*.<sup>87</sup> Mas eu não estou certo que é mandatório ou positivamente precioso romper com estas categorias em uma maneira tão esquartejadora.

---

<sup>81</sup> Cf. COSTA, C. Perspectivas, caminhos e políticas de futuro para antropologia visual. 2014:3.

<sup>82</sup> Cf. COSTA, C. Perspectivas, caminhos e políticas de futuro para antropologia visual. 2014:5.

<sup>83</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. The two faces of mutuality. 2013:257.

<sup>84</sup> Cf. MAPRIL, J. VIEGAS, S. Mutualidade e conhecimento etnográfico. 2012:514.

<sup>85</sup> Cf. MAPRIL, J. VIEGAS, S. Mutualidade e conhecimento etnográfico. 2012:516.

<sup>86</sup> Cf. GOODMAN, L. Snowball sampling. 1961:148-150.

<sup>87</sup> Cf. MAPRIL, J. Introdução. 2008:11-13.

Diário de campo, de 11 de maio de 2015

Ao viver as primeiras semanas em julho produzem-se deslocamentos, trocas e transições de ir, vir e voltar, em paralelos com vivências de aprendizagens provocadas por ler, escrever e apagar. Atos que se revelam ou tornam rotinas, talvez até cotidianos. Podem-se aprender nomes e esquecer lugares, perder tempos e até tentar alcançar verdades. Mas há quem sugira que *viver o cotidiano é uma representação*,<sup>88</sup> que *viver o cotidiano é parte do método etnográfico*,<sup>89</sup> ou que *estranhar o cotidiano pode ser válido para a antropologia*.<sup>90</sup>

E enquanto não é possível escolher um ou outro lado das *múltiplas metades*,<sup>91</sup> dos muros para saltar, existe a possibilidade de tentar vislumbrar vários, talvez tentando perceber relações de amálgamas que podem se revelar simbióticas. Ou sugerir que relações são agraciadas de inerentes e complexas mutualidades de interesses enquanto dotadas de sinergias, nem sempre visíveis ou facilmente reconhecidas enquanto partes isoláveis ou passíveis de rompimentos.

Ainda sobre os comentados cotidianos, há hipóteses por buscar analisar representações de cotidianos, e fazer de cotidianos, partes críticas de métodos de trabalho, para tentar encontrar alguma antropologia. Potencialmente até perceber as relações que estão ocultas, naqueles complexos sistemas de arranjos acadêmicos, que definem, se o empréstimo do termo é possível, *quem é parente e quem não é*,<sup>92</sup> na recente família antropológica luso-brasileira.

“*É tudo da família*”. É o que eu escuto da docente, para tentar sugerir que estudantes de antropologia de “origens brasileiras” são integrantes, “desde sempre” da história da antropologia portuguesa, posteriormente ao meu pedido de permanência em classe como aluno ouvinte. Complementado com uma tentativa de falar “em brasileiro”: “*É eles cá, e nós lá, né? E isso não vai mudar.*” Interessante mesmo é o uso de “eles” e “nós”, de “lá” e “cá”, quando “*somos uma só família*”. *Uma situação similar*<sup>93</sup> propiciou sérias mudanças na produção e direção de outra pesquisa em Lisboa.

<sup>88</sup> Cf. GOFFMAN, E. Performances. 1956:13-16.

<sup>89</sup> Cf. MALINOWSKI, B. Introduction. 2005:6-7.

<sup>90</sup> Cf. DE CERTEAU, M. Cultures populaires. 1990:29-33.

<sup>91</sup> Cf. SÁEZ, O. Os sistemas de parentesco Yaminawa. 2006: 84-87.

<sup>92</sup> Cf. CARSTEN, J. Cultures of relatedness. 2000:4-6.

<sup>93</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:74-75.

Diário de campo, de 17 de março de 2015

Mais do que *tecer*<sup>94</sup> *linhagens de parentesco*,<sup>95</sup> talvez *antropológicas*,<sup>96</sup> existentes nesta densa malha de redes de relações, se pode tentar avançar sobre os ocultos impactos de ignorar o peso dado à história, em antropologia. As influentes *caixas-pretas*<sup>97</sup> das (e nas) ciências humanas são primárias e sem grandes questionamentos por parte de suas adeptas ou seus adeptos, com apelo aos ideais de continuidades, e se produzem usualmente por *narrativas históricas e temporalizadas*,<sup>98</sup> não raras vezes sendo apenas impressões de idealizados resgates que primam por serem fiéis a específicas ordens ou fantasias cronológicas.

---

<sup>94</sup> Cf. INGOLD, T. Traces, threads and surfaces. 2007:51-52.

<sup>95</sup> Cf. EVANS-PRITCHARD, E. Modern anthropological studies. 1951:102-103.

<sup>96</sup> Cf. PEIRANO, M. Os antropólogos e suas linhagens. 1995:18-21.

<sup>97</sup> Cf. ASHBY, W. The black box. 1956:86-117.

<sup>98</sup> Cf. PRICE, R. Meditação em torno dos usos da narrativa na antropologia contemporânea. 2004:296-298.

### 3 PASSADOS ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL

The practical logic of this is exemplified by the Portuguese dictator Antonio Salazar's grimly perceptive remark that “*happy countries have no history*”.<sup>99</sup>

Michael Herzfeld

Há quem entenda que as *antropologias em Portugal iniciaram próximas a 1870*,<sup>100</sup> sendo representativas por décadas de estudos domésticos, quase folcloristas, com algum foco no estudo de festas e ruralidades, *até a possibilidade de se consolidarem enquanto antropologias coloniais*,<sup>101</sup> já no século seguinte. Outras autorias permitem atingir o *final do século XVIII*.<sup>102</sup> Academias e redes de antropologia podem comemorar *outros aniversários de fundação*,<sup>103</sup> que por alguns podem ser inclusive *relembrados e quase legitimados*.<sup>104</sup>

Ainda que algumas autorias façam a sugestão pela “*divisão*” do *primeiro século da “história da antropologia portuguesa” em quatro grandes momentos*,<sup>105</sup> outra possibilidade pode remeter à apenas duas grandes divisões, em diálogo com propostas de outras autorias, como a divisão entre *projetos de nações e projetos*

---

<sup>99</sup> Uma tradução possível do original em Herzfeld (1987:81) pode ser lida como:

*Um exemplo prático neste sentido é o comentário assustadoramente sagaz do ditador português António Salazar ao afirmar que “países felizes não possuem história”.*

<sup>100</sup> Cf. SÁNCHEZ GÓMEZ, L. Cien años de antropologías en España y Portugal (1870-1970). 1997:297-298.

<sup>101</sup> Cf. SÁNCHEZ GÓMEZ, L. Cien años de antropologías en España y Portugal (1870-1970). 1997:303.

<sup>102</sup> Cf. DURO DOS SANTOS, G. O processo histórico de autonomização do campo da antropologia em Portugal no contexto europeu. 2005:53-55.

<sup>103</sup> Cf. CRIA, 130 anos de antropologia em Coimbra. 2015.

<sup>104</sup> Cf. ROQUE, R. A antropologia colonial portuguesa (1911-1950). 2006:796, ver nota 16.

<sup>105</sup> Cf. LEAL, J. The history of portuguese anthropology. 1999:2-6.

*de impérios.*<sup>106</sup> Pois, se em um *passado remoto português há primazia por antropologia doméstica*,<sup>107</sup> é admitido que em outro momento, há, ainda que em um caráter médico-físico-biológico, *antropologia feita nas colônias*.<sup>108</sup> E também aquela *que não é médica*.<sup>109</sup> Exemplo fulcral de que tais antropologias estão conectadas, ainda que alguns discordem, é *Jorge Dias, que fez parte da escola do Porto*,<sup>110</sup> que é caracterizada enquanto antropologia feita por médicos, pouco antes de seu deslocamento ao território Maconde, que é caracterizada como primeira grande *monografia em antropologia social feita em território estrangeiro ao Portugal continental*.<sup>111</sup>

*Eu acho que os estudos são paralelos. [Não que] não tenha havido qualquer coisa como pequenos intercâmbios [...]. [Mas] se nós formos agarrar na antropologia hoje em Portugal, se alguma linha genealógica que pode ser estabelecida [...] o que se faz hoje não tem nada a ver com o que tínhamos no século XIX [de Consiglieri Pedroso e etc.], mas é com essa corrente de estudos [...] que vai surgir de fato [...] a primeira tentativa de se fazer em Portugal antropologia social e cultural em território não português, que é a etnografia do **Jorge Dias** sobre os Maconde. O que não quer dizer que essa tal antropologia médica não tivesse lá nas colônias [...] mas não é isso que vai gerar a antropologia cultural e social em Portugal. Agora, há colegas que tem uma opinião diferente.*

Entrevista com João Leal

De fato há, pois raro é o consenso em antropologia, seja ela portuguesa ou não.<sup>112</sup>

Quando em 1945 é criado o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular,<sup>113</sup> a sua direção foi entregue, naturalmente, a Mendes Correia, [médico] que dirigia, igualmente, o Instituto de Antropologia da

<sup>106</sup> Cf. STOCKING, G. Afterword. 1982:172.

<sup>107</sup> Cf. LEAL, J. The history of portuguese anthropology. 1999:3-7.

<sup>108</sup> Cf. PEREIRA, R. A questão colonial na etnologia ultramarina. 1989:64.

<sup>109</sup> Cf. FALCÃO, A. Antropologia colonial e a produção de conhecimento sobre grupos étnicos da Guiné portuguesa. 2006:7-8.

<sup>110</sup> Cf. PEREIRA, R. A questão colonial na etnologia ultramarina. 1989:64-66.

<sup>111</sup> Especificamente no território Maconde, atual norte de Moçambique e sul da Tanzânia.

<sup>112</sup> Convém salientar que durante toda a entrevista, entre outros momentos enquanto docente, neste e em inúmeros outros pontos relacionados, são estes sempre precedidos ou complementadas pontuações com três características: Posicionamento enquanto posição individual; Possibilidade de colegas terceiros emitirem posições distintas; Recomendação pela fala ou consulta a estas terceiras partes, normalmente com as indicações nominais.

<sup>113</sup> Inserido na Universidade do Porto.

Universidade do Porto, onde se abrigava a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que aquele ilustre cientista fundara em 1918. O Centro de Estudos de Etnologia Peninsular estava, todavia provido de uma dimensão, entretanto ausente dos objetivos e da prática tradicionais da antropologia que animava a escola do Porto: A etnologia. Para fazer cumprir, em 1947, Mendes Correa convidou para organizar a seção de Etnografia do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular um tal **António Jorge Dias**. [...] Ao aceitar a direção da seção de etnografia do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Jorge Dias exporia ao Prof. Mendes Correa um plano integrado de ação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular que constaria de: [...] Levantamento etnográfico; [...] Recolha ampla de toda a bibliografia sobre etnografia portuguesa; [...] Publicação de pequenas monografias; [...]. Por essa altura Jorge Dias começa a congregar em seu torno um conjunto de colaboradores [...] Atuando no âmbito institucional do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, a “equipa de Jorge Dias” [...] desenvolveria um esforçado e exaustivo trabalho de levantamento e investigação no domínio da etnografia e da etnologia portuguesas, atuando num campo bem diferente daquele que a escola do Porto tinha, nas décadas anteriores, reivindicado como antropológico.<sup>114</sup>

É curiosa a hipótese de considerar as *escritas em território português de final de século XIX enquanto antropologias*<sup>115</sup> emergentes sejam pela metodologia, ou por dados levantados, e ignorar *produções similares realizadas nas colônias durante e principalmente após o mesmo período*<sup>116</sup> entre outros documentos e relatórios tipificados como etnográficos.<sup>117</sup>

*Existem estudos. [...] Por acaso Moçambique é o caso que eu conheço melhor, desde os finais da década de 80 ou 90, do século XIX houve uma primeira fase do colonialismo em África [...] [que textos] não eram conhecidos. Os [textos dos anos] de 45-61 eram provas [...] feitas pra um contexto de promoção da função pública. [Entre] os outros anteriores há textos etnográficos sobre os indígenas da colônia de Moçambique elaborados localmente, por governadores locais,*

<sup>114</sup> Cf. PEREIRA, R. A questão colonial na etnologia ultramarina. 1989:65-66.

<sup>115</sup> Cf. LEAL, J. The history of portuguese anthropology. 1999:3-4.

<sup>116</sup> Cf. ABRANTES, C. Repertórios do conhecimento em disputa. 2014:196-198.

<sup>117</sup> Cf. PEREIRA, R. Raça, sangue e robustez. 2005:228-231.

[...] publicados localmente, mas que não tinha repercussão fora de lá. Aquilo existia, mas ninguém tinha investigado. [...] [E] pensava-se que o Jorge Dias era [a monografia sobre] os Maconde de Moçambique e ponto. Não era assim. E não era só aquilo.

Entrevista com Rui Mateus Pereira

No entanto é possível sugerir que os “conhecimentos” obtidos pela etnologia colonial e pelos *estudos antropológicos emergentes seriam de pouca valia ao desenho de percepções sobre noções de identidade nacional*<sup>118</sup> com base nas culturas populares, sendo então valiosos os contatos com teorias difusionistas ou mesmo com aproximações histórico-evolucionistas.

É ainda possível afirmar que tanto vertentes comparativas médico-físicas de antropologias portuguesas, como as perspectivas mais etnográfico-descritivas, *buscavam acompanhar desenvolvimentos similares observados em outras nações europeias*,<sup>119</sup> *ainda que com anacronismos*,<sup>120</sup> e que ambas estavam tentando *salvaguardar os interesses mais fundamentais do colonialismo português*.<sup>121</sup> É possível também afirmar que parte das *valorizações e de posteriores avanços para antropologias voltadas a etnografia nas colónias parte de quem praticava lá antropologias físicas ou médicas*.<sup>122</sup>

Em *território nacional, e em território estrangeiro*,<sup>123</sup> mesmo o novo *resgate a uma história da antropologia portuguesa*,<sup>124</sup> realizado após a revolução dos cravos, segue o que ocorre em outros países europeus (e nos Estados Unidos) após publicações clássicas que acabam por ser norteadoras e orientadoras em um contexto maior. Obras de nomes como Adam Kuper e George Stocking Jr.,<sup>125</sup> por exemplo, ainda que autorias possam confirmar a negativa de conhecimento ou mesmo de influência maior em tais obras:

*Na realidade, quando eu comecei a trabalhar sobre este tema [história de antropologias nacionais], em 1981, praticamente ninguém se interessava por esse tema. [...] O primeiro artigo que eu publiquei é de 81, é um artigo sobre o Consiglieri Pedroso. [...] Não, quer dizer, [eu] lia coisas, que estavam sendo publicados, mas nessa altura, a nossa capacidade de circulação pra ir pra esses lugares era muito mais, muito [mais] reduzida. [...] Eu cheguei à Espanha enfim, por causa*

<sup>118</sup> Cf. LEAL, J. Tylorian professors e japonese corporals. 2002:45-46.

<sup>119</sup> Cf. PEREIRA, R. Raça, sangue e robustez. 2005:216, 223, 232, 234, notas 9, 14 e 16.

<sup>120</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. A antropologia em Portugal hoje. 1991:23-25.

<sup>121</sup> Cf. PEREIRA, R. Uma visão colonial do racismo. 2006:132.

<sup>122</sup> Cf. PEREIRA, R. Raça, sangue e robustez. 2005:232-233.

<sup>123</sup> Cf. PEREIRA, R. A questão colonial na etnologia ultramarina. 1989:64-65.

<sup>124</sup> Cf. LEAL, J. The history of portuguese anthropology. 1999:9-10.

<sup>125</sup> Praticamente todas as produções sobre história da antropologia destes a partir de 1968.

*das relações entre Portugal e Espanha [que] até o século XIX eram relativamente importantes, especificamente alguns materiais... [...] [E] quando eu comecei a trabalhar sobre a história da antropologia em Portugal não havia ninguém a trabalhar sobre isso. Depois a situação vai melhorando e, sobretudo nos anos 90, vai ser um período em que, esse estudo, da história da antropologia em Portugal vai crescer imenso.*

Entrevista com João Leal

Desconhecimentos do produzido por outrem também podem ser sugeridos e compreendidos como explicativos por outras autorias, permitindo avançar bastante sobre as percepções sobre seleções de contextos de produção e invisibilidades específicas não intencionais que podem caracterizar a história da antropologia portuguesa.

*Em Moçambique, desde 45 todos aqueles [...] na carreira administrativa tinham, [...] pra progredir na carreira [tinham que] fazer um relatório sobre uma comunidade. [...] Eram coisas assim, etnográficas, relatórios etnográficos. [...] E ficou até 61. Tinha a ver com uma lei que foi publicada em 33, mas que só 12 anos depois é que foi aplicada. [...] O colonialismo em África, teve uma [...] questão fundamental [em uma primeira fase]: [...] Qual era a entidade jurídica do indígena? [...] [E] nas colônias não havia o menor esforço [em fazer públicos estes textos], aliás, essa gente, que fazem, depois do romance popular do século XIX [de relatos etnográficos] [...] nunca olharam pra questão colonial. [...] [Os textos prévios] não eram conhecidos.*

Entrevista com Rui Mateus Pereira

A girada, ou talvez abertura, temática é, no entanto, considerada como fuga aos ideais até então impostos pelo Estado Novo,<sup>126</sup> porém, pode ser saudável ter em mente a explosão e popularização da antropologia “interpretativista” norte-americana no mesmo período,<sup>127</sup> ainda que exista conhecida dificuldade de acesso a tais materiais:

*Aliás, eu é que sou “culpada” [...] eu trouxe um dos primeiros [risos] [...] Eu lembro de ter trazido um Writing culture,<sup>128</sup> se calhar outros circularam, mas foi eu que dei ao [João de] Pina-Cabral e ao outro o primeiro Writing culture*

<sup>126</sup> Cf. LEAL, J. The history of portuguese anthropology. 1999:7.

<sup>127</sup> Cf. REYNOSO, C. Presentación. 1998:11, 23, 26-29.

<sup>128</sup> Remete ao livro homónimo, “Writing culture”, de ISBN-13: 978-052-026-602-5.



[...], e ele até virou pra mim e disse: “Olha, eu não vejo nada de interessante nisso”. Mas, houve aí uns colegas [risos, muitos] que fizeram exagerado [valor e uso] do *Writing culture*, e deram, cursos inteiros aos alunos, de terror anti-etnográfico, e até hoje eu apanho alunos com “medo da etnografia” [...] e isso é uma loucura, um quisto lateral que se desenvolveu, que eu espero que essas pessoas, atinjam maturidade aos 68 anos de idade ou aos 79 [mais risos], ou quando for, e que descubra “ó, realmente afinal...”. Percebe o que eu digo?

Entrevista com Cristiana Bastos

Salvo poucas exceções e algumas forçadas aberturas de olhos, é ainda hoje, usualmente *ocultada a presença das escolas de Coimbra e Porto na formação da antropologia portuguesa*.<sup>129</sup> De certa forma é possível arriscar uma comparação deste processo de salvaguarda, ainda que inicialmente realizada de forma não intencional, de antropologias representativas selecionadas com zelo, com a crítica aos processos de patrimonialização via Unesco onde é um

processo que ocorre quando algo é identificado como tradicional pelos especialistas eruditos da cultura. Até aí, a cultura estava ligada a um contexto preciso: geralmente um contexto local que lhe conferia uma lógica social e cultural própria, ligada aos constrangimentos de um modo de vida próprio. Ao aproximarem-se desses contextos locais de existência daquilo que batizam como cultura, os “objectificadores” vão proceder a um duplo trabalho de descontextualização e recontextualização: os elementos culturais que atraem a sua atenção deixam de significar o que significavam para passarem a representar outra coisa diferente. De facetas da vida social e cultural de diferentes grupos vistas nos seus próprios termos passam a ser vistos como signos identitários, como património. De aspetos culturais objetivos transformam-se em emblemas identitários subjetivos. Da pequena tradição passam à grande tradição. [...] Esgotada a sua função inicial - a sua primeira vida - eles viveriam depois uma segunda vida, como testemunhos de algo que deixaram de ser. [...] Quando a objectificação ocorre é uma segunda vida que se inicia. A sua primeira vida era coincidente com a própria vida social e cultural das comunidades. A sua segunda vida passa a ser vivida nos discursos

---

<sup>129</sup> Cf. DURO DOS SANTOS, G. Introdução. 2005:29-30.

patrimoniais construídos pelos eruditos e outros atores.<sup>130</sup>

Sem grande esforço, é possível alcançar percepções onde se identifique a *objetificação*<sup>131</sup> da antropologia portuguesa. Ao se remeter as críticas aos processos de patrimonialização cultural imaterial, as problemáticas em tais *estratégicos essencialismos*<sup>132</sup> se tornam claras e precisas:

Contra essa visão que tende a fechar, devemos defender uma visão que abra. Uma visão que transforme o Património Cultural Imaterial não num lugar de exclusiva reclamação de singularidades mas num lugar de rastreamento e montagem de diálogos. Ou num lugar que pelo menos se esforce por articular ambos os registos: singularidades e diálogos. O Património Cultural Imaterial não deve ser um lugar de imobilização da cultura mas um lugar de mobilização da cultura. De dupla mobilização da cultura. [...] no sentido em que o Património Cultural Imaterial deve partir de uma conceção da cultura como algo que se move, que transita, que circula, feita de fluxos, de transformações no espaço e no tempo, em resumo, de mobilidade. Tudo está relacionado com tudo, mesmo a singularidade cultural, que pode ser mais precisamente vista como um mecanismo de distinção que pressupõe sempre um exterior dessa singularidade. Mobilizar as pessoas e não imobilizar a cultura. Trabalhar em rede: com redes de pessoas e com a cultura como rede.<sup>133</sup>

Podem ser preciosas as aproximações com estas perspectivas que permitam traçar paralelos na reconstituição da história da antropologia portuguesa. É saudável para a disciplina perguntar porque

a via aberta pelo estudo empírico da “distribuição de índices nasais” numa dada área geográfica é menos importante ou renovadora cientificamente do que a via aberta pelo estudo empírico da “distribuição de arados” numa dada área geográfica.<sup>134</sup>

Pode se compreender que a construção de percepções dotadas de

---

<sup>130</sup> Cf. LEAL, J. Agitar antes de usar. 2013:9. Ver também páginas 10-13.

<sup>131</sup> Cf. LEAL, J. Agitar antes de usar. 2013:9.

<sup>132</sup> Cf. SPIVAK, G. Subaltern studies. 1987:205.

<sup>133</sup> Cf. LEAL, J. Agitar antes de usar. 2013:13.

<sup>134</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. Prefácio. 2005:16.

carácter de alegadas reconstituições históricas sobre campos de saber deve evitar sobrevalorizações de essencialismos orientados por perspectivas e influências pessoais ou em corrente voga académica. Pode se ainda considerar que:

Despite the apparently unifying embraciveness of the term “anthropology”, there is actually a great deal of diversity within the euro-american anthropological tradition. The history of this diversity has yet to be written; but it seems clear that anthropology is not so much a single science produced by some comtean logico-historical process of intellectual differentiation as it is an imperfect fusion of quite different traditions of inquiry: Biological, historical, linguistic, sociological. The outcome of this fusion has varied in different national intellectual traditions, with the sharpest contrast between those with a more strongly embracive approach (most especially, albeit problematically, the anglo-american) and those of the european continent in which the term anthropology has traditionally referred to the physical study of man.<sup>135</sup>

Construir percepções sobre passados podem ser tarefas injustas, ingratas ou até impossíveis, pois

“rever” o passado corresponde sempre a uma representação do mesmo e, consequentemente, à sua transformação: o passado é manipulado em função das negociações simbólicas que, num dado momento, uma sociedade desenvolve em torno das representações do seu presente. Os mecanismos de representação do passado, porque se associam às negociações identitárias que estão em curso no presente, acabam sempre por se traduzir, na medida em que o fragmentam, o reorganizam e o interpretam, na sua transformação.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> Uma tradução possível do original em Stocking (1982:172) pode ser lida como:

*Apesar do aparentemente aceite unificado do termo “antropologia”, há realmente uma grande quantidade de configurações [apenas] dentro da tradição antropológica euro-americana. A história desta diversidade ainda tem de ser escrita; mas parece ser claro que a antropologia não é tanto uma ciência produzida por algum processo lógico-histórico contínuo de diferenciação intelectual, pois é uma fusão imperfeita de uma quantidade diversa de tradições de pesquisa: biológicas, históricas, linguísticas, sociológicas. Os resultados destas fusões têm variação em diferentes tradições intelectuais nacionais, com um elevado contraste entre aqueles com uma abordagem mais fortemente aceite (e especialmente, embora problemáticamente, a anglo-americana) e as do continente europeu em que o termo antropologia tem tradicionalmente se referido ao estudo físico do homem.*

<sup>136</sup> Cf. SILVANO, F. Patrimonialização do espaço e discursos identitários. 2003:244.

E assim curtas menções a escolas físicas ou médicas de Coimbra e Porto em pesquisas sobre antropologias portuguesas na atualidade podem ser compreendidas mais como tentativas de evites a promoções de novas invisibilidades, do que a resgates ou compensações ou reconhecimentos, sendo ambas as tarefas muito além de limites de alcances e potenciais óbvios, mesmo em *pesquisas que estejam limitadas a partes de tal específica direção*.<sup>137</sup> Ainda que seja possível problematizar quem prioriza a pesquisa histórica ou sociológica sobre as potenciais relações entre antropologia física e cultural, quando

*são duas tradições distintas que raramente interagem, agora no caso [da Universidade] de Coimbra, por exemplo, [são] duas pessoas que são de Coimbra que trabalham com essa perspectiva, uma é Gonçalo Duro dos Santos, e a outra é a Patrícia Ferraz de Matos. [...] No caso do Ricardo Roque é diferente. Mas acho que é interessante essas pessoas terem essa postura. De que isso também é antropologia, sendo [da Universidade] de Coimbra, porque de fato, [a Universidade de] Coimbra, vai construir a identidade como departamento [de antropologia, dentro do Centro de Ciências da Vida, em comunhão com o corpo docente do curso de medicina], justamente a partir desta marca da antropologia biológica. [...] Seria interessante interrogar algumas pessoas de lá.*

Entrevista com João Leal

As tais distinções entre as prováveis influências teóricas de antropologias portuguesas não se restringem a diferença temporal ou a vertentes de aplicação, podendo remeter a departamentos. Apenas em Lisboa, por exemplo, podem ser identificadas as influências maiores envoltas em cada unidade, como “*antropologia cultural americana no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas*”, “*antropologia francesa na Universidade Nova de Lisboa*” e “*antropologia social britânica no ISCTE*”.<sup>138</sup>

É curioso que o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas que pode ser facilmente compreendido quase como continuidade dos esforços do regime colonial possua tal influência quase boasiana,<sup>139</sup> pois se *em 1875 quando é fundada a Sociedade de Geografia de Lisboa*,<sup>140</sup> passados três anos a respectiva sugere a *criação da Escola Superior Colonial*,<sup>141</sup> que após uma série de

<sup>137</sup> Cf. DURO DOS SANTOS, G. Introdução. 2005:33-37.

<sup>138</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. A antropologia em Portugal hoje. 1991:12-13.

<sup>139</sup> Alfred Kroeber, discípulo direto de Franz Boas desenvolve posteriormente a noção de *áreas culturais*, e o próprio Franz Boas possui larga formação e experiência em geografia.

<sup>140</sup> Cf. THOMAZ, O. O bom povo português. 2001:65.

<sup>141</sup> Cf. THOMAZ, O. O bom povo português. 2001:65, ver nota 22.

renomeações acaba nos anos 60 por ser *rebatizada para Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas*,<sup>142</sup> e que viria por fim a ser *rebatizado para o então Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas logo após o encerramento e nova abertura, já posteriores a 25 de abril de 1974*.<sup>143</sup>

Hoje é a quinta aula da disciplina de “antropologia e colonialismo”, curso ao qual eu infelizmente não tive a oportunidade de comparecer na minha primeira mobilidade para Portugal.<sup>144</sup> Ao término da fala de quase duas horas ininterruptas do docente, uma aluna, na segunda fileira questiona: “Mas afinal, qual é a grande distinção entre colonial e ultramar?” Assim como outras duas professoras vão me revelar nas entrevistas que irei fazer daqui seis meses com elas, a resposta é clara: “*Uma formalidade. Não era lá muito bem visto a manutenção do uso do termo colônia. Territórios ultramarinos era uma coisa nova. Mas era, de certa forma, uma continuidade*”. E duas pessoas, das que conversei,<sup>145</sup> vão ainda dizer naqueles minutos - que são horas - onde não há gravador ligado, qualquer coisa como “*E eu não sei se hoje, o pensamento lá [no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas] é, para algumas pessoas muito específicas, assim distante do que era em 1974*”

Diário de campo, de 9 de outubro de 2014

---

<sup>142</sup> Cf. THOMAZ, O. O bom povo português. 2001:73.

<sup>143</sup> Um pequeno parêntese para aquelas e aqueles que desconhecem partes da ditadura militar portuguesa: A ditadura é historicamente delimitada entre os anos de 1926/1933-1974. E nos anos finais (1961-1974) ocorria, majoritariamente na África, um período de guerras entre colônias e colonizadores. A parte lusitana desta guerra possuiu vários nomes, com inúmeras variações, consoante o avançar da situação entre a metrópole e as colônias/territórios ultramarinos/novas nações africanas. Entre eles se pode destacar alguns: Guerra de/da/na África. Guerra de/da libertação. Guerra colonial [portuguesa]. Guerra do ultramar [português].

<sup>144</sup> Entre outras disciplinas que mantém frequência anual, onde houve conflito de horários, impossibilitando a matrícula. Cito por exemplo a disciplina de “primatologia”, a disciplina de “ética e antropologia”, e a já citada “antropologia e colonialismo”.

<sup>145</sup> Não necessariamente uma pessoa docente, portuguesa. e tampouco em uma entrevista.

## 4 PRESENTES ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL

As problemáticas posteriores ao 25 de abril, que culminaram na proliferação de departamentos de antropologia em Portugal, museus sem corpos jovens na investigação, e divisões por perspectivas políticas são de longa data conhecidas.<sup>146</sup>

Os vínculos entre a geografia e a antropologia podem se revelar também conhecidos, ainda que sob outros discursos, novas formas ou distintas percepções:

*Naturalmente na minha formação eu devo dizer que no primeiro ano [de curso de antropologia] havia uma enorme falta de quadro [docente]. [...] Éramos nove alunos, e docentes eram seis ou sete. Mas antropólogos, antropólogos, havia... [pausa]. Nenhum deles tinha uma licenciatura específica em antropologia. Eram formações noutras áreas, depois tinham formação complementar em antropologia. Sendo que o curso foi criado por uma geógrafa.<sup>147</sup> Uma discípula do trabalho do Orlando Ribeiro. O curso [de antropologia] começa basicamente com geógrafos [...] da geografia humana. Depois temos alguns formados lá embaixo em ciências antropológicas e etnológicas, a tal pós graduação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas [e] então o caso do pessoal que veio de fora: Bruxelas, Leuven,<sup>148</sup> França, [...] mais tarde, aí, a partir de 79-80, entra o professor Mesquita Lima que era um indivíduo doutorado em antropologia em Paris, mas conhecido como administrador colonial também. Diretor do Museu da Luanda, de Lunda, [...] e esse homem, dimensionou um*

---

<sup>146</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. A antropologia em Portugal hoje. 1991:36-37.

<sup>147</sup> Remete à professora Raquel Soeiro de Brito.

<sup>148</sup> Remete a Universidade Católica de Leuven.

*bocado, todos nós fomos alunos dele.*

Entrevista com Rui Mateus Pereira

Não é difícil identificar percepções e lembranças complementares em outras colegas, que se formam nos mesmos iniciais anos de formação das primeiras turmas de antropologia na Universidade Nova de Lisboa, quando relatam outros pontos de conexão entre a antropologia e a geografia em Portugal:

*Na altura, havia escassez de geógrafos no ensino secundário, e portanto, os antropólogos podiam se candidatar para dar aulas de geografia.*

Entrevista com Ana Isabel Afonso

Sugestões de vínculos entre a antropologia e a geografia no passado de Portugal, especificamente em Lisboa, são cada vez mais reforçados, e de distintas vias. Não necessariamente entre estas *com o governo português*,<sup>149</sup> seja ele como mediador, ou não. O vínculo com a antropologia no passado português, também pode se revelar próximo da constituição ou dos primeiros incentivos as formações científicas em Portugal:

*O Instituto de Investigação Científica Tropical [IICT] vem da JIU: Junta das Investigações do Ultramar. Assim, a Junta de Investigações do Ultramar [...] com o 25 de abril de 74 mudou o nome de Junta de Investigações do Ultramar para Instituto de Investigações Científica Tropical. [...] Então, por exemplo, tinha [lá dentro] o departamento das ciências chamadas “ciências etnológicas e etnomuseológicas”, e dentro [...] estava[m] os centros de investigação, e o museu de etnologia. Portanto, o museu fazia parte deste departamento. [...] Era o Centro de Antropologia Cultural e Social [CACs] e o Museu [de Etnologia]. [...] Os outros centros que existiam no museu, que era o centro de estudos em etnologia, que era o herdeiro do [Centro de] Estudo [de Etnologia] peninsular [CEEP], não pertencia ao museu, e não pertencia ao Instituto de Investigação Científica Tropical, estava vinculado a uma instituição que existia na altura, que era o INIC, o Instituto Nacional de Investigação Científica. E o INIC não tem nada a ver com a JIU. Ela é a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica [JNICT]. [...] A JNICT é a [atual] Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT], só mudou de nome. [...] É uma instituição*

---

<sup>149</sup> Cf. BASTOS, C. Das viagens científicas aos manuais de colonos. 2013:326-327.

*estatal para apoiar a ciência, de forma muito geral, desde a matemática às ciências naturais. Não tem especificidade nenhuma da antropologia. Mas a Junta das Investigações do Ultramar também não tinha especialidade da antropologia, [...] que era justamente voltada para investigação nas colônias, portanto as coisas tropicais das colônias.*

Entrevista com Clara Saraiva

Outros órgãos, integrados ou não ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, como o próprio Instituto de Investigação Científica Tropical, também revelam complexos sistemas de constantes renomeclaturas realizados entre os finais do século XIX e o período imediatamente posterior ao famoso 25 de abril, quando

a estrutura do organismo que muito justamente veio a ser considerado como o precursor da *Comissão de Cartografia*, criada em 1883, que, por sua vez, conduziu à *Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais*, depois *Junta de Investigações do Ultramar*, cujo nome mudou para *Junta de Investigações Científicas do Ultramar*, e a partir de 1983, para *Instituto de Investigação Científica Tropical*.<sup>150</sup>

As fissões e uniões de departamentos e de instituições não necessariamente se restringem à mudanças de nomes, há de fato outras tensões, assim como disputas por espaços:

*Quando eu defendi a tese de licenciatura aqui com um professor do ISCTE, que já está aposentado, [...] Raul Iturra, do ISCTE. Apesar de eu fazer aqui na [Universidade] Nova [de Lisboa]. O que foi difícil. Não foi fácil. Na altura não foi fácil porque havia uma grande rivalidade entre a antropologia da [Universidade] Nova [de Lisboa] e a antropologia do ISCTE. Até porque a pessoa que ia fundar o departamento de antropologia do ISCTE, era o professor José Carlos Gomes da Silva. [...] Então, as relações institucionais entre os professores da [Universidade] Nova [de Lisboa] e do ISCTE não eram muito fáceis.*

Entrevista com Clara Saraiva

Ainda que algumas partes informantes questionem a dada continuidade

---

<sup>150</sup> Cf. RODRIGUES, M. Um olhar sobre os primórdios da Instituição que antecedeu o atual IICT. 2007:10.



que terceiras partes podem sugerir para a antropologia durante o período colonial:

*Bom, a antropologia portuguesa já sabe, depois do período áureo com Jorge Dias, estava assim, uma coisa parada, havia coisas pontuais, aqui ou em África, feitas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, muito ligadas as questões ultramarinas, mas pouco ativa. Quem fez coisas que tivessem repercussões importantes foram algumas pessoas portuguesas que tinham ido para fora estudar e depois vieram fazer campo aqui, o Joaquim Pais de Brito, o João [de] Pina-Cabral, o próprio Robert Rowland. [...] Também nesta altura criou-se a licenciatura em antropologia da [Universidade] Nova [de Lisboa]. [...] E em 77-78, quando [pessoas graduadas nas primeiras turmas como] o Rui [Mateus Pereira], a Ana [Isabel] Afonso, a Filomena [Silvano] e a Clara [Saraiva] viraram logo [depois] assistentes.<sup>151</sup> Quando eu comecei o primeiro ano aqui [no ISCTE], em 83, já tinham professores licenciados pela [Universidade] Nova [de Lisboa]. [...] E isso é um momento muito importante da antropologia portuguesa, porque só havia uma licenciatura no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas,<sup>152</sup> aí houve essa da [Universidade] Nova [de Lisboa] a começar no final dos anos 70. Aí, [depois teve] a abertura da licenciatura no ISCTE com o regresso desse pessoal e a alargar ainda mais o número de alunos a se formar em antropologia. Posteriormente abriu-se uma licenciatura em Coimbra. Enfim, é um momento de crescimento da antropologia até a nível institucional, e inclusive de reconhecimento. E este crescimento, estava cheio de pessoas cheias de vontade de fazer coisas, [e] houve aí dois momentos importantes: Um, que foi em 1986 que foi a constituição do CEAS, o Centro de Estudos em Antropologia Social, que deu origem ao CRIA depois, que é o Centro em Rede de Investigação em Antropologia, aqui no ISCTE. E dedicado exclusivamente a investigação, e é o primeiro para além daqueles centros ultramarinos, do Instituto de Investigação Científica Tropical, ou do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Era um centro que todos os estudantes de licenciatura podiam ser sócios, como*

<sup>151</sup> A condição de assistentes permanece até hoje em Portugal e em outros países (frequentemente com a terminologia TA, ou *teaching assistants*). Ainda que pouco frequente em antropologia. As atividades realizadas são muito próximas ao que é proposto nos estágios de docência no Brasil, variando desde um “apoio mínimo em sala de aula” até, em casos mais raros, literalmente ministrarem as aulas sem qualquer outra pessoa. Para o caso específico português, a função recebe um suporte financeiro e é obrigatória ou mais frequente em alguns cursos de doutoramento (não é o caso da antropologia).

<sup>152</sup> Na verdade o curso era em um mestrado com duração de quatro anos.

*investigadores, e começou a se reunir uma atividade de investigação em torno do CEAS. E que reunia pessoas, não apenas do ISCTE, mas também da [Universidade] Nova [de Lisboa], [da Universidade] do Minho, [da Universidade] de Coimbra, que eram todos investigadores no CEAS. Por outro lado foi a constituição da APA, a associação portuguesa de antropologia, em 87-88, com o primeiro congresso [também] em Coimbra. [...] Pois é tudo em Coimbra, os grandes congressos, porque Lisboa era complicado, tinha de escolher [a sede] entre ISCTE e a [Universidade] Nova [de Lisboa]. E então, esse primeiro congresso foi muito interessante, tanto pelo fato de ser o primeiro congresso, como por reunir pessoas que vinham do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, que acabaram por querer fazer parte também. E esse foi um momento de união interessante. [...] E aí a entrada do [João de] Pina-Cabral no grupo inicial de constituição da EASA, a associação europeia de antropologia social, foi decisiva para que Portugal tivesse sempre uma voz ali importante, em tal nível que conseguiu trazer o primeiro congresso para cá, em Coimbra. E assim foi um momento importante para dizer para o mundo que a antropologia portuguesa existe.*

Entrevista com Antônia Pedroso de Lima

De fato, as percepções de alguma continuidade ou revisão entre o CEAS e o CRIA são compartilhadas por mais do que uma docente:

*Não é que o CEAS do ISCTE seja o CRIA de hoje, mas parte do CEAS permaneceu enquanto corpo constituinte do CRIA. [...] É que começou a ser problemático para alguns colegas [de outras universidades, fora do ISCTE] dizer que estavam associados em um centro de investigação de outra universidade. [...] E era pior para quem era de fora da zona de Lisboa.<sup>153</sup>*

Entrevista com Paulo Raposo

E na análise de *documentações mais formais*,<sup>154</sup> pode inclusive ser complementadas ou estendidas as percepções, ainda que haja similares versões em português, disponíveis online:

O Centro em Rede de Investigação em Antropologia  
é uma unidade de investigação interinstitucional

<sup>153</sup> Compreendo que remete para antropólogos que estavam na Universidade do Minho e na Universidade de Coimbra, especificamente.

<sup>154</sup> Cf. UNESCO. Accreditation request N° 90164. 2010:2-3.

vocacionada para a investigação em antropologia social e cultural. Criado em 2008, [...] resulta da fusão de duas anteriores unidades de I&D<sup>155</sup> [...] o Centro de Estudos de Antropologia Social (CEAS / ISCTE)<sup>156</sup> e o Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas (CEMME / FCSH-UNL).<sup>157</sup> A estas duas anteriores unidades [...] juntaram-se outros centros e grupos de investigação (CEEP/FCSH-UNL,<sup>158</sup> NEA/UM,<sup>159</sup> ETNA/FCSH-UNL) e um grupo de investigadores do Centro de Investigação em Antropologia (CIA / FCT-UC),<sup>160</sup> bem como outros investigadores sem filiação a qualquer unidade de investigação.<sup>161</sup>

A estas informações, convém adicionar umas poucas mais:

Although CRIA was founded only a year ago [2008], the most significant groups that were at its origins had long and active existences: CEAS/ISCTE was founded in 1986, CEEP was founded in 1994, CEMME was founded in 2000.<sup>162</sup>

Sendo permitido ainda compreender que significativa parte das recentes “*influências externas*” a antropologias portuguesas são recebidas via exiladas e exilados que se formam em antropologia no exterior,<sup>163</sup> e estas primam por em conjunto com uma gama de neófitas e neófitos a *revisitar o produzido anteriormente em solo português*.<sup>164</sup>

As características de dispersão e reconstrução envoltas nas formações das antropologias portuguesas permitem evidenciar quão problemáticas podem ser as tentativas de generalização ou mesmo de objetificação das antropologias portuguesas, em enviesadas rotas de desenvolvimento ou linhagens, especialmente pelo caráter fictício de tais idealizações.

<sup>155</sup> Remete à “investigação e desenvolvimento”, é o mesmo que o termo P&D no Brasil.

<sup>156</sup> Maiores detalhes em: CEAS. Página inicial. 2015.

<sup>157</sup> Maiores detalhes em: UP2YOUTH. Centro de estudos em migrações e minorias étnicas. 2009.

<sup>158</sup> Ver detalhes em GODINHO, P. WATEAU, F. Le Centre d'études d'ethnologie portugaise. 2002:185-186.

<sup>159</sup> Maiores detalhes em: UMINHO. Núcleo de estudos em antropologia. 2014.

<sup>160</sup> Maiores detalhes em: UC. Presentation. 2014.

<sup>161</sup> Cf. CRIA. Relatórios de atividades 2008/2009. 2009:2.

<sup>162</sup> Uma tradução possível do original em UNESCO (2010:3) pode ser lida como: *Ainda que o CRIA tenha sido fundado apenas um ano atrás [2008], os centros de pesquisa mais significantes que estiveram presentes em sua origem tem uma longa e ativa existência: CEAS/ISCTE foi fundado em 1986, CEEP foi fundado em 1994, CEMME foi fundado em 2000.*

<sup>163</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:388.

<sup>164</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:388-389.

É possível afirmar que a execução de conferências científicas em território português pode ser um fator de caracterização da disciplina, seja para promover reificações, ou para permitir mudanças de espectro ou direção. Há sugestões de que ocorre *maior internacionalização posteriormente a década de 90*<sup>165</sup> como reflexo de eventos como o primeiro encontro da *European Association of Social Anthropologists*<sup>166</sup> e do primeiro Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, ambos em Coimbra. Sobre este último é inclusive sugerido que

desenvolveu-se uma plataforma de onde partiram muitas outras, em continuidade ou em contraste, que teceram as malhas de uma comunidade transnacional em que o português é usado como língua de trabalho e os estudantes e pesquisadores circulam entre países e instituições, ampliando os seus universos de pesquisa, conceptualização e interlocução.<sup>167</sup>

Se na década de 90 já podem ser confirmadas pessoais e seminais *redes de relações entre antropologias brasileiras e portuguesas*,<sup>168</sup> na atualidade a situação é um pouco diferente, pois atualmente pode se compreender que:

Circulam pesquisadores, professores, estudantes. Existem bolsas-sanduíche, estágios, pós-docs, sabáticas, projectos conjuntos, acordos entre departamentos, programas partilhados, orientações coordenadas, livros a quatro mãos, a seis, oito ou mais, circulam artigos entre as revistas, faz-se comunidade sem dissolver especificidades; mantêm-se núcleos múltiplos, redes e canais que se cruzam e fazem circular conhecimento, práticas e desenvolvimentos teóricos entre vários parceiros académicos que trabalham em português - muitos dos quais trabalham também noutras línguas, mas celebram a possibilidade de privilegiar este veículo de expressão.<sup>169</sup>

Faz-se perceber facilmente como tal conjunto de percepções é compartilhada por outras partes quando relatam trechos de lembranças afirmando que:

---

<sup>165</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:386-387.

<sup>166</sup> Uma tradução possível é associação europeia de antropólogas e antropólogos sociais.

<sup>167</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:387.

<sup>168</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:393-399.

<sup>169</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:399.

*Depois há outro momento muito importante nesta fase da internacionalização, que é a formalização desta relação com o Brasil. Quer dizer, houve várias coisas pontuais, sobre tudo com a Cristiana [Bastos], o Miguel [Vale de Almeida], o Robert Rowland e a Susana [de Matos] Viegas, mais tarde o [João de] Pina-Cabral, [...] que mais estavam no centro deste processo. [...] E depois houve dois momentos importantes para essa relação, que foi, um colóquio organizado nos Estados Unidos pela Cristiana [Bastos],<sup>170</sup> o Miguel [Vale de Almeida] e a Bela [Feldman-Bianco], aquele que deu origem aos trânsitos coloniais,<sup>171</sup> e depois teve um, acho que o terceiro congresso da associação portuguesa de antropologia,<sup>172</sup> que teve uma secção de antropologias brasileiras, que acho que era assim que se chamava, que era mesmo pra trazer as antropologias brasileiras pra dialogar com as portuguesas.*

Entrevista com Antônia Pedroso de Lima

Ainda que uma *secção de antropologias brasileiras* seja muito significativa, esta não é a única lembrança que o terceiro congresso da associação portuguesa de antropologia marca nas relações entre antropologias feitas no Brasil e em Portugal:

[...] um dos trabalhos da direcção da APA foi o [...] IV congresso de antropologia da APA. [...] Acordamos a data do congresso [...] tendo em conta decisão já anterior de o fazer [...] em ano alternado com os congressos bianuais das associações europeia e brasileira. Neste congresso da APA teremos simpósios organizados em torno do dialogo entre antropólogos portugueses, de outros países da Europa, de África e/ou Brasil – considerando o seu interesse na antropologia feita em Portugal. Já fizemos vários contatos no sentido de viabilizar esta dinâmica internacional.<sup>173</sup>

É inclusive frequente o apelo ou chamado à realização de primeiras edições de congressos e encontros científicos como formadores de tendências ou mudanças na antropologia portuguesa, e em casos mais raros *enquanto resgates de escolas e redes*<sup>174</sup> quando não falamos de primeiras edições. Exemplos são inúmeros, apenas para citar alguns, como o *primeiro (e único)*

<sup>170</sup> Cf. BASTOS, C. *et alia*. Introdução. 2014:19.

<sup>171</sup> Remete ao livro homónimo, “Trânsitos coloniais”, de ISBN: 978-972-671-089-9.

<sup>172</sup> Maiores detalhes em: APA. III Congresso da APA (2006). 2007.

<sup>173</sup> Cf. VIEGAS, S. Notícias da APA. 2008:1.

<sup>174</sup> Cf. ROQUE, R. A antropologia colonial portuguesa (1911-1950). 2006:798-799.

*congresso nacional de antropologia colonial*,<sup>175</sup> o *primeiro encontro da associação europeia de antropologia social*,<sup>176</sup> o *primeiro congresso luso-afro-brasileiro*<sup>177</sup> e o mais recente *encontro na Arrábida*,<sup>178</sup> além do *primeiro congresso da associação portuguesa de antropologia em 1993 na Fundação Calouste Gulbenkian*.<sup>179</sup>

*Depois houve mais episódios, por exemplo, a partir de 1997, eu esqueci de dizer isso, eu acho que esse tal congresso da ABA deve ter sido em 95 ou 96,<sup>180</sup> o congresso luso-afro-brasileiro. Foi muito importante no ISCTE,<sup>181</sup> para além desta linha de trabalho com a UFSC, foi também muito importante, na altura havia um mestrado no ISCTE chamado patrimónios e identidades,<sup>182</sup> e o [Joaquim] Pais de Brito vai estabelecer uma relação que vem, que se tornou depois, até a morte dele, com o Gilberto Velho,<sup>183</sup> porque o Gilberto Velho vem a primeira edição do mestrado “antropologias, patrimónios e identidades”.*

Entrevista com João Leal

De certa forma é possível considerar que para o caso específico de antropologias em Portugal alguns congressos podem, no entanto ser característicos por propor ou reforçar uma

*relação [entre antropologias brasileiras e portuguesas] que durante muitos anos não existia. Ela começou a se desenvolver a partir de 95, [...] [estando] nesta frente a Cristiana Bastos, na altura que fez o doutoramento sobre HIV, e começou [...]*

<sup>175</sup> Cf. PEREIRA, R. Raça, sangue e robustez. 2005:213.

<sup>176</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:387.

<sup>177</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:386.

<sup>178</sup> Cf. BASTOS, C. *et alia*. Introdução. 2014:19.

<sup>179</sup> Maiores detalhes em: APA. Congressos. 2012.

<sup>180</sup> Remete à 20ª Reunião brasileira de antropologia, realizada em 1996.

<sup>181</sup> Remete ao III Congresso luso-afro-brasileiros, realizado em 1994.

<sup>182</sup> O curso existiu entre 1993 e 2007 como especialização no mestrado em antropologia.

<sup>183</sup> A relação de Gilberto Velho com Portugal é estabelecida em torno de integrantes de departamentos de sociologia, como é destacado por várias partes entrevistadas, mas que aqui não são expostos. Detalhes sobre esta relação podem ser melhor observados no livro *Mundos em mediação: Ensaio ao encontro de Gilberto Velho*, de ISBN: 978-85-225-1655-1. O livro foi inicialmente abordado ao realizar um levantamento bibliográfico inicial, mas após identificar o caráter de *homenagem póstuma* ao cientista social brasileiro do conjunto de artigos, o respectivo perdeu ênfase e espaço em minha dissertação. Diálogos com Graça Índias Cordeiro e com Rosa Maria Perez foram sugeridos por várias partes entrevistadas e provavelmente ajudariam a melhor compreender esta lacuna. Por uma série de dificuldades de estabelecer contato com ambas as professoras, estes diálogos infelizmente não foram possíveis. Espero os realizar, em uma futura visita a Portugal. Assim como com outras partes docentes que acabaram não contempladas nesta curta duração, especificamente citaria os nomes de Patrícia Ferraz de Matos, Ricardo Roque e Susana de Matos Viegas.

*esse doutoramento em Nova Iorque, e depois [foi] fazer uma coisa comparativa com o Brasil... [...] Depois houve um congresso luso-afro-brasileiro que foi cá em Lisboa,<sup>184</sup> no ISCTE e que ajudou a amarrar mais. Coisas concretas começam a acontecer a seguir com o Miguel [Vale de Almeida], e eu acho que há uma delegação da APA que vai a um congresso da ABA<sup>185</sup> [...] depois as segundas pessoas que vão em pesquisas para o Brasil, são o Miguel Vale de Almeida e a Susana [de Matos] Viegas [...] Depois eu creio que [eu] surjo em terceiro lugar, em 98,<sup>186</sup> mas na prática só começa em 2000,<sup>187</sup> e eu creio que o Miguel esteve lá por 99 [no congresso na Unicamp]. [...] Depois o João [de] Pina-Cabral. Depois há uma coisa importante que tem um número da etnográfica com isso<sup>188</sup> [...] [E há] a participação de uma delegação de antropólogos portugueses na [22ª] RBA, [...] e nós fomos a um congresso depois da associação portuguesa de antropologia, [que] foi na [Fundação Calouste] Gulbenkian<sup>189</sup> [...] O Miguel ajudou com a série de colegas do Brasil, [...] [em] uma espécie de mesa redonda, em anfiteatro. Só com os colegas do Brasil. Vem a Mariça Peirano, vem a Ilka [Boaventura Leite], veio o Márcio Goldman, vem uma série de pessoas. [...] Eu acho que a partir daí este terreno para o Brasil está estabelecido. Até hoje.*

Entrevista com João Leal

<sup>184</sup> Remete ao III Congresso luso-afro-brasileiro, realizado em 1994.

<sup>185</sup> Remete a 22ª RBA (2000). Há crescente presença em todas as reuniões seguintes.

<sup>186</sup> Remete a uma visita ao núcleo de estudos açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina e uma breve reunião com a então coordenadora do programa de pós-graduação em antropologia social da mesma universidade, professora Ilka Boaventura Leite. Maiores detalhes em: NEA. Página inicial. 2015.

<sup>187</sup> Remete ao período como docente visitante na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>188</sup> Remete a revista Etnográfica, número 4 e volume 2 de novembro de 2000.

<sup>189</sup> Remete ao encontro na Arrábida, já mencionado por outras partes.

## 5 TRAÇANDO RELAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Social anthropologists route connections through persons. They attend to the relations of logic, of cause and effect, of class and category, that people make between things; it also means that they attend to the relations of social life, to the roles and behaviour, through which people connect themselves to one another. And habitually they bring these two domains of knowledge together, as when they talk about the relation between culture and society.<sup>190</sup>

Marilyn Strathern

Sendo ordenações cronológicas por essência fortes enviesadoras de argumentos, as narrativas históricas permitem colocar ainda vieses de perspectivas estruturalmente limitantes nas construções de relatos das descrições, e principalmente em posteriores apresentações, ao serem alardeadas enquanto leituras etnográficas dessas problemáticas. E etnografias submetidas a prisões ou adestramentos de cabrestos em narrativas com tão limitados alcances se fecham, ficando dotadas de abordagens aos campos com aproximações bastante encapsuladas. Viciadas.

Boas antropologias não são academicamente monogâmicas, estando disponíveis a relações múltiplas, abertas, temporárias e sem compromissos de religiosas fidelidades, com outros campos de saber. Diálogos com a história, como com outras ciências, humanas ou não, são positivos, tendo

---

<sup>190</sup> Uma tradução possível do original em Strathern (1995:11) pode ser lida como:

*Antropólogas e antropólogos sociais traçam conexões através de pessoas. Elas e eles tem atenção para as relações de lógica, de causa e efeito, de classe e categoria, que povos fazem entre coisas; isso também impute que elas e eles tenham atenção para as relações da vida social, para as regras e comportamento, por onde povos se conectam e relacionam com outros. E habitualmente elas e eles possuem estes dois domínios de conhecimento em conjunto, como quando elas e eles falam sobre as relações entre cultura e sociedade.*



problemas em muito reduzidos a padronizações e práticas de exclusividades ou mesmo de tentativas de manutenção de posição enquanto única orientação de aproximação a objetos de estudo. Situação similar pode ocorrer ao estabelecer *matrimônios de permanente duração com a filosofia*,<sup>191</sup> sempre no *singular, dita ocidental e tida europeia*.<sup>192</sup> O objetivo de algum canibalismo científico não é se tornar o outro, pois assim se perde a posição predatória, para se tornar presa. As relações são em fagócitos e mínimos empréstimos, posteriormente regurgitadas se necessário, e não em tentativas de substituições, transplantes ou fusões de complexas aglomerações de específicas partes.

*Então, quando algumas pessoas fazem só uma destas, perdem o resto. É o que eu acho. Acho que então enganaram-se, queriam ser filósofos e enganaram e foram pra antropologia e deitam fora aquela, conjunção preciosa que a antropologia tem, e vão só fazer filosofia. Sem ter treino filosófico. Pra mim, errado. Porque, vão fazer uma filosofia que não é validada por filósofos, e que não é bem antropologia, mas que passa por uma espécie de meta-antropologia. As vezes, alguns são muito inspiradores. De fato, o Clifford Geertz é muito inspirador. Não é que eu particularmente aprecie tudo o que ele faz, mas ele escreve de uma maneira magistral.*

Entrevista com Cristiana Bastos

O próprio modelo frequentemente difundido de prática de uma suposta antropologia faz uso e é consumido por vícios de uma série de *caixas-pretas*<sup>193</sup> e de *instituições*,<sup>194</sup> ao invés de propor desconstruí-las e questioná-las em suas descobertas diárias. Em uns tantos programas de pós-graduação no Brasil, sem qualquer dificuldade resume-se oito-nove em dez trabalhos de dissertação e de teses, assim como os infinitos *papers* que deles e para eles resultam, a uma ou mais de versões de: *construções literárias e fabricadas de outrem; especificidades de abordagens consoantes uma determinada temática que é validada, - e apenas - por suas partes, como fundamentação teórica*, sendo esta sempre acompanhada do *não domínio ou total desconhecimento de uma sem fim quantidade de outras temáticas* caras à antropologia, impossibilitando quaisquer diálogos ou produção de interseccionalidades; *paternalismos e agenciamentos por “antropólogas e antropólogos” de sujeitas e sujeitos de estudo*; *exagero na propaganda de políticas públicas ou financiadores*; e por fim as horríveis análises com discussão única e - alegada como - oriunda de outros campos do saber, com algum destaque

<sup>191</sup> Cf. VIVEIROS DE CASTRO, E. A propriedade do conceito. 2001: 2-4, 36-37.

<sup>192</sup> Cf. MENEZES BASTOS, R. Esboço de uma teoria da música. 2013: 77.

<sup>193</sup> Cf. ASHBY, W. The black box. 1956:86-117.

<sup>194</sup> Cf. DELEUZE, G. Instincts and institutions. 2004:19-21.

para discentes em fuga da história, do direito, da psicologia e da sociologia,<sup>195</sup> que uma vez, inúteis e impotentes em seus próprios domínios de origem, literalmente rumam para a antropologia, que os acolhe sob alegadas e defendidas interdisciplinaridades, que se resumem na verdade a substituição, em uma espécie de proposta de *assimilação*<sup>196</sup> às avessas, ignorando potenciais aprendizados e sugeridas trocas de saberes, quando sucumbe ao fagócito científico com o qual afirma e acredita estar em diálogo. É uma tentativa de limitar as *três pontas da teoria da dádiva: dar, receber e retribuir*,<sup>197</sup> em uma: receber, de outras disciplinas. Um empréstimo que não será devolvido. Pode ser interessante considerar a oferta de *contra-dádivas a influências acadêmicas*.<sup>198</sup>

Há opções de fugas a tais padrões, que em muito podem acabar em tentativas de sutilmente buscar desviar de modelos de *monografias antropológicas*,<sup>199</sup> em um processo que pode ser parte de algo que se diz *iniciar nos primórdios da década de 70*,<sup>200</sup> quando é permitido avançar na apresentação do observado e do vivido enquanto etnografias com apresentações em tese *subalternas*,<sup>201</sup> onde se permite romper com as *estratégias de coerções de ilegalidades*,<sup>202</sup> previamente propiciadas por grilhões metodológicos em voga de aceitação e difusão na academia. Apesar de tentativas de resgates e manutenções de permanências se pautarem por afirmações que podem ser generalizadas como sugeridos alarmes quanto a supostos *exageros estatísticos*,<sup>203</sup> ou procuras por objetos de estudo demasiadamente sociológicos para a antropologia, é de se ressaltar a pertinência de constantes aberturas e reconstruções enquanto menções frequentes nos discursos antropológicos, ou mesmo o *mapeamento de parte dessas revisões*.<sup>204</sup>

Um primeiro equívoco pode surgir ao aceitar que tudo é etnografia, sendo ainda mais problemático quando a etnografia é reduzida a uma *representação em texto do trabalho de campo realizado*,<sup>205</sup> e agravada por ser *orientada para um ou mais tipos de potenciais consumidoras e consumidores*<sup>206</sup> deste material supostamente etnográfico.

Além do fato óbvio de que *nem sempre a tarefa de escrever etnografia é tão*

---

<sup>195</sup> São também representativas as fugas de partes oriundas das ciências da comunicação e da filosofia.

<sup>196</sup> Cf. LEÃO, A. Nós e os franceses. 2014:629-630.

<sup>197</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, C. Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss. 1968: 33.

<sup>198</sup> Cf. YÁÑEZ-CASAL, A. O projeto sócio-antropológico de Mauss. 2005:114.

<sup>199</sup> Cf. JACOBSON, D. Introduction. 1991:1-3.

<sup>200</sup> Cf. ARDENER, E. The new anthropology and its critics. 1971:450-452.

<sup>201</sup> Cf. SPIVAK, G. Can the subaltern speak? 1994:78.

<sup>202</sup> Cf. FOUCAULT, M. La punition généralisée. 1975:91-92.

<sup>203</sup> Cf. ARDENER, E. The new anthropology and its critics. 1971:450-451.

<sup>204</sup> Cf. ASAD, T. Introduction. 1973:12.

<sup>205</sup> Cf. CUSHMAN, D. MARCUS, G. Ethnographies as texts. 1982:27.

<sup>206</sup> Cf. CUSHMAN, D. MARCUS, G. Ethnographies as texts. 1982:50-54.

*simples, automática, precisa e preciosa*<sup>207</sup> quanto sugerida ou acreditada por quem não faz etnografia. É possível que a antropologia não se reduza a produtora de sugeridas e incentivadas literárias *descrições fabricadas de outrem para exportação*,<sup>208</sup> principalmente quando ocorrem coletivas ignorâncias e intencionais esquecimentos de que *antropologia não se reduz à etnografia*.<sup>209</sup>

Durante uma aula de antropologia urbana, certa professora antecipadamente complementa o que passados dois meses eu escuto de outra em uma entrevista. Enquanto a primeira alerta que: “*Apenas descrever o que lá está não é antropologia. Se calhar, lá longe, mas longe mesmo, podemos discutir se isto é etnografia. Eu adianto que não penso que seja, mas antropologia definitivamente não é.*”, A segunda adverte que: “*É que quem diz que isso é antropologia, conclama como a mais “alta literatura”, quando nem entre literatura barata isso sobreviveria, mas como tudo “pode” ser antropologia...*”.

Diário de campo, de 20 de junho de 2015

Neste sentido, as primeiras desconstruções a serem provocadas podem ter precauções quanto a limitações e orientações provocadas por direcionamentos de descrições contínuas, incentivadas e constantemente dotadas de perspectivas lineares de continuidades de eventos, atos, encontros e desenvolvimentos. A proposta pode ainda ser complementada por abordagens descritivas que não se reduzam a apresentar o outro enquanto exótico em textos vulgarmente sugeridos e que se declaram como literários, ainda que priorizem discursos quase esópicos.

Uma proposta mínima de perceber parte das *redes de relações*<sup>210</sup> pode desconsiderar os comuns protagonismos de linhas cronológico-sequenciais nas exposições de relatos que se afirmam etnográficos, especialmente quando envoltos em discursos orientados a produção de relatos em ficção de fantasia afirmada como etnográfica.<sup>211</sup>

É importante reiterar como as manutenções de protagonismos é que podem ser revistas, e não estando no foco das argumentações as potenciais existências destes, ou mesmo nas comuns opções por adoções destes

<sup>207</sup> Cf. CUSHMAN, D. MARCUS, G. Ethnographies as texts. 1982:29.

<sup>208</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, C. La fin des voyages. 1957:9-15.

<sup>209</sup> Cf. INGOLD, T. Anthropology is not ethnography. 2008:90.

<sup>210</sup> Cf. GALLOIS, D. Gêneses waiãpi, entre diversos e diferentes. 2007: 67-72, ver notas 18-20.

<sup>211</sup> A proposta pode não ser de fácil inclusão nas discussões autodeclaradas como etno-históricas, por exemplo.

dispositivos de apresentação ou ainda quando em usos de *espetacularização*<sup>212</sup> em face de outras abordagens estético-discursivas de exposição ou sugeridas críticas antropológicas.

Talvez ao compreender que ao invés de linhas do tempo, quase que como resquícios de continuidades de *lógicas evolucionistas*,<sup>213</sup> podem se talvez procurar por *tempos*,<sup>214</sup> é que se identifique que provavelmente não são unitários e *não merecem ser essencializadores*.<sup>215</sup> Deixando de serem viáveis tão facilmente as reduções destes enquanto categorias unitárias ou binárias, e em não raras vezes declaradas como *oposicionistas*,<sup>216</sup> evitando por fim que o aceite de relatas *ideologias*<sup>217</sup> feche as aberturas que são supostas por caracterizar a antropologia.

Cercear descrições etnográficas a uma lógica de temporalidade, por exemplo, e principalmente enquanto milimetricamente sequencial, ou a sua constante ausência, no singular, é reduzir os potenciais de etnografias em abrir horizontes perceptivos de antropólogas e antropólogos. Além de focalizar a noção de etnografia a algo que a descaracteriza, ainda permite - e até pode incentivar - normatizar a prática etnográfica feita pelo antropólogo e pela antropóloga a algo fechado em si mesmo.

Se não é sugestão aceitar que tudo é uma sequência temporal linear, e como tal deve ser apresentada e descrita, a opção por mergulhar nas profundezas desconhecidas do maniqueísmo da adoção do automático oposto, por meio de *validação relativa de antíteses*<sup>218</sup> não deve ser vista como única saída. A ausência de temporalidades pode envolver um conjunto de riscos que antropólogas e antropólogos devem problematizar, se desejam evitar a abertura de brechas para percepções e discursos envoltos em alegadas falsas simetrias de reposicionamentos, ou mesmo de ausências e presenças.

Compreender o “automático oposto” como a virada em exatos cento e oitenta graus, seja de perspectiva, posição, existência ou valor, em subjetiva tese para uma situação tida como oposta. Se em alguns casos pode revelar a sua valia quase construtivista ou revolucionária por provocar uma virada de perspectiva, em outros, há aberturas para

<sup>212</sup> Cf. DEBORD, G. Le temps spectaculaire. 1967:95-97.

<sup>213</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, C. Histoire et ethnologie. 1962:5-14.

<sup>214</sup> Cf. DURKHEIM, E. Subject of our study. 1915:10-20.

<sup>215</sup> Cf. RALPH, M. Killing time. 2008:21-23.

<sup>216</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, C. L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie. 1962:42-55.

<sup>217</sup> Cf. ZIZEK, S. The spectre of ideology. 1994:2-3.

<sup>218</sup> Cf. ENGELS, F. Ludwig Feuerbach and the end of classical german philosophy. 2001:68-70.

afirmações e deduções dessas viradas quase como o gêmeo maligno, que acabam por permitir acusações a *posteriori* de existências de falsas simetrias ou reposicionamentos.

Diário de campo, de 1 de agosto de 2015

Em outros casos, sem grande dificuldade a virada em cento e oitenta graus promove apenas uma falsa sensação de desconstrução, quando o que ocorre é apenas uma inversão, temporária, de papéis ou funções, por vezes tentativas falhas de permutas de posições. As giradas e viradas não devem se reduzir apenas a um sinal de negativo, ou a uma imagem espelhada ou invertida. A variedade de lentes possíveis de provocar os deslocamentos é elevada demais para se reduzir à tamanha (não) diversidade de precisos ângulos, ou a curtos feixes de espectros de reflexos e em espelhadas imagens.

Outras valorizações de deslocamentos para perspectivas mais subalternas podem remeter a inclusões nas agendas de infinitudes de outras *agencialidades*,<sup>219</sup> *marcadores socioculturais das diferenças*<sup>220</sup> e *campos de possibilidades*.<sup>221</sup> que perpassam por lugares e *não-lugares*,<sup>222</sup> materialidades e imaterialidades, *humanos e não-humanos*,<sup>223</sup> permitindo assim outras formas de perceber, analisar e principalmente descrever, por exemplo, alguns dos infinitos *passados*.<sup>224</sup>

É problemático quando se há confinamentos desde o princípio para apresentação de dados em formatos de construções de percepções (e percepções de construções) em sequências temporais e quase lineares. Torna-se sintomático ao tentar mapear os *déjà vu* que recebo em campo. São duas, três, quatro situações que se não remetem ao mesmo, parecem no mínimo repetições. Há vantagens em incluir perspectivas dotadas de maiores subjetividades para possibilitar desconstruções de verdades metodológicas, teóricas e principalmente estéticas. Mais de uma vez escuto que nem tudo está escrito nos livros. E tampouco em cursos de antropologia.

<sup>219</sup> Cf. GELL, A. The theory of the art nexus. 1998:16-17.

<sup>220</sup> Cf. BRAH, A. PHOENIX, A. Ain't I a woman? 2004:76.

<sup>221</sup> Cf. VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. 1994:40.

<sup>222</sup> Cf. AUGÉ, M. Le proche et l'ailleurs. 1992:47-49.

<sup>223</sup> Cf. TARDE, G. Partie VII. 1893:42-49.

<sup>224</sup> Cf. ERRINGTON, S. Some comments on style in the meanings of the past. 1979:242-244.

Diário de campo, de 1 de agosto de 2015

É suposto que os instrumentos oferecidos pela antropologia tornem possíveis e permitidos os meios de tecer redes de *descrições*<sup>225</sup> e de *significados*,<sup>226</sup> que ainda que cunhadas apenas sob as reflexões que são capazes de serem provocadas perante os reflexos das facetas que se procura apresentar, possa permitir problematizar e romper as mazelas das *estruturas*<sup>227</sup> de percepções que afetam antropólogas e antropólogos.

*Problemas evidentes de abordagens relativistas*<sup>228</sup> e de infinitas reflexões produzidas sobre reflexos são parcialmente conhecidos e expostos:

But Clifford has gone beyond all that. Clifford is no longer interested in “the Other”<sup>229</sup> (i.e. the ethnographic object, other societies, cultures): the “Other” for Clifford is the anthropological representation of the Other. Rabinow deconstructs Clifford’s deconstruction of anthropologists’ deconstruction of... Where will it all end? Clifford is not interested in the Navajo or Nuer or the Trobrianders, he is interested in what anthropologists say about them... How about someone only being interested in what Clifford says about what others say...<sup>230</sup>

Ao evitar inspirações e tentativas de participação nos círculos de reflexões de outrem sobre as imagens construídas nas experiências de percepção de outras partes, torna-se possível o real objeto da etnografia: Talvez encontrar partes das *linhas que formam os primeiros traços das superfícies*<sup>231</sup> que algumas e alguns de nós buscam descrever.

Traços e linhas que não raras vezes caem nas comuns armadilhas das linearidades cronológicas. As quais, como já expostas, podem ser ainda mais

<sup>225</sup> Cf. LATOUR, B. How to deploy controversies about the social world. 2005:22-33.

<sup>226</sup> Cf. GEERTZ, C. Thick description. 1973:6.

<sup>227</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, C. L’analyse structurale en linguistique et en anthropologie. 1962:58-59.

<sup>228</sup> Cf. GELLNER, E. Relativismus über alles. 2003:40.

<sup>229</sup> É intencional a manutenção da capitalização em Other, Navajo, Nuer e Trobrianders.

<sup>230</sup> Uma tradução possível do original em Gellner (2003:40) pode ser lida como:

*Mas Clifford vai além de tudo isso. Clifford não está mais interessado no “Outro” (i.e. os objetos etnográficos, outras sociedades, culturas): O “Outro” para Clifford é a representação antropológica do outro. Rabinow desconstrói a desconstrução de Clifford da desconstrução de antropólogos da desconstrução de... Onde isso irá parar? Clifford não está interessado nos Navajo ou Nuer ou Trobriandeses, ele está interessado no que antropólogos dizem sobre eles... E sobre alguém que está somente interessado no que Clifford diz sobre o que outros dizem...?*

<sup>231</sup> Cf. INGOLD, T. Traces, threads and surfaces. 2007:43-47.

limitantes.

Neste sentido, os relatos aqui expostos podem fugir a totalidades de linearidades cronológicas de sistemas estruturalmente simplistas de repetição de variáveis da composição, para buscar permitir rever partes da descrição etnográfica. A consulta aos múltiplos lugares e aos múltiplos tempos é proposta, em concomitância com a ruptura aos ideais hierárquico-sequenciais das narrativas histórico-cronológicas. Ao invés de afirmar *seguir objetos*<sup>232</sup> ou *seguir pessoas*,<sup>233</sup> ou de buscar *encontrar lugares*<sup>234</sup> ou tentar *encontrar tempos*,<sup>235</sup> se buscam, seguem e também são construídas relações.

Um mês antes, a mesma professora de antropologia urbana sugere que: “*Malinowski é acusado e responsabilizado por forçar as antropólogas e os antropólogos à observação participante localizada, quando o senhor nunca o fez. Se olharem bem, ele estava sempre a se mover pelos barquinhos*”. E minutos mais tarde esclarece a importância ao sugerir que: “*As cidades só crescem porque há migrações. As cidades não crescem por autorreproduções, mas sim pela chegada de mais pessoas. E por isso não se percebe o urbano se não for levado em consideração as zonas [rurais] de “origem” dos grupos migratórios*”.

Diário de campo, de 11 de abril de 2015

A questão não está em quem é a primeira (ou última) pessoa em antropologia a propor ou fazer “trabalho de campo”, ou se esta é localizada ou multi-localizada. O cerne está no caráter intrínseco de observar relações sociais ao tentar realizar alguma antropologia. Relações sociais que podem ser incluídas em fluxos migratórios ou de deslocamentos, estabelecidas em trocas de pessoas (e objetos), ou na manutenção de zonas de contatos (e fronteiras),<sup>236</sup> ou permitir criações e manutenções de misturas.

As relações sociais é que podem ser “seguidas” e orientadoras do trabalho de campo em antropologia, permitindo inclusive revisar e remodelar as regras e padrões em voga do trabalho de campo em antropologia.

---

<sup>232</sup> Cf. MALINOWSKI, B. The essentials of the Kula. 2005. 62-64.

<sup>233</sup> Cf. MAPRIIL, J. Introdução. 2008:10-13.

<sup>234</sup> Cf. MARCUS, G. Ethnography in/of the world system. 1995:96-99.

<sup>235</sup> Cf. CUNHA, O. Tempo imperfeito. 2004:291-295.

<sup>236</sup> Cf. TURNER, F. The significance of the frontier in american history. 1894:200-201.

## 6 MARTELOS E A ANTROPOLOGIA: QUESTÃO DE LÍNGUA?

Art is not a mirror to hold up to society, but a hammer with which to shape it.<sup>237</sup>

Autoria incerta

Mesmo que não seja possível confirmar se a autoria é de Vladimir Mayakovsky,<sup>238</sup> ou se é de Bertolt Brecht,<sup>239</sup> ainda assim se pode fazer uso da citação para propor algo próximo à antropologia.

E não pela posse de uma potencial descrença das capacidades de transformação que a antropologia pode promover (e provocar) a quem estuda (e a outrem),<sup>240</sup> mas por propor algo mais característico da respectiva, ainda que nitidamente invisibilizado, que se pode propor a tentativa de destaque enaltecendo que ainda que a antropologia revele algo das sociedades, serão apenas partes de uma ou mais das múltiplas facetas das sociedades. E ainda que a antropologia seja capaz de moldá-las, será novamente apenas em partes de uma ou mais dessas facetas.

*Historicamente, agora colocando a coisa em um plano mais amplo, de um ponto de vista longo de ver, isso só foi possível a partir do momento em que a antropologia do ISCTE e a antropologia da [Universidade] Nova [de Lisboa] começaram a renovar a própria antropologia portuguesa. [...] O problema*

---

<sup>237</sup> Uma tradução possível do *apud* em McLaren & Silva (1993:80) e em Samuels (1993:9) pode ser lida como:

*A arte não é um espelho para revelar a sociedade, mas um martelo que permite moldá-la.*

<sup>238</sup> Cf. SAMUELS, A. The mirror and the hammer. 1993:9.

<sup>239</sup> Cf. MCLAREN, P. SILVA, T. Decentring pedagogy. 1993:80.

<sup>240</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:77-78.



*colonial da antropologia portuguesa que vinha de antes do 25 de abril, ligada a escola colonial, que depois tem continuidade no ISCSP. [...] Ou seja, foi preciso haver uma inovação da antropologia em Portugal, uma modernização. E a europeização foi muito boa, e só assim é que depois a gente conseguiu ir ao Brasil, de uma forma que não tivesse a ver com um discurso de lusobrasilidade que os próprios coloniais tinham.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Considerando discursos antropológicos que sugerem aberturas para constantes revisões que a antropologia pode se submeter, é de se sugerir que um *efeito-martelo* seja utilizado ao próprio método etnográfico e também ao existente ideal de descrição etnográfica.

Compreender o “efeito-martelo” da e na antropologia como a capacidade em provocar revoluções de funções, definições, morfologias ou limites aos próprios métodos de pesquisa, por base em resultados, e principalmente em reflexões sobre os resultados, que se recebem e constroem após o uso ou mesmo a análise dos respectivos métodos de pesquisa. É um exemplar dotado de retroalimentação próxima a idealizada máquina de *moto-perpétuo*,<sup>241</sup> ou mesmo as repetições do homônimo *moto-perpétuo musical*,<sup>242</sup> aplicada a teorias sociais e potenciais e permanentes habilidades de provocar autotransformações e rupturas de paradigmas, não apenas em seus campos de estudo, como em suas internas metodologias e externas estéticas.

Diário de campo, de 2 de setembro de 2015

Viradas em cento e oitenta graus costumam ser compreendidas e almeçadas como iminentes e potenciais revisoras de *paradigmas*<sup>243</sup> em curso, quase como viradas *decoloniais*.<sup>244</sup> Mas as inversões de valores, hierarquias e percepções pouco ou nada promovem, além de trocas de papéis e posições, no máximo forçadas e batidas, sugeridas e idealizadas permutas de perspectivas, portando alcunhas como a de viradas *ontológicas*.<sup>245</sup>

---

<sup>241</sup> Cf. ORD-HUME, A. What is perpetual motion? 1977:19-20.

<sup>242</sup> Cf. ARRUDA, C. Texturas cravísticas tradicionais presentes em 6 stücke. 2012:71-72.

<sup>243</sup> Cf. KUHN, T. The nature of normal science. 1970:43-44.

<sup>244</sup> Cf. MIGNOLO, W. Coloniality of power and de-colonial thinking. 2010:19.

<sup>245</sup> Cf. VIVEIROS DE CASTRO, E. And. 2003:8.

Teorizar reposicionamentos recém-distribuídos nos pontos de alocação já conhecidos dentro da estrutura enquanto estágios terminais de mudanças, ou mesmo definitivos pontos finais, permite criar apenas novos pontos paradigmáticos a serem desconstruídos, na próxima “virada”. As desconstruções podem ser contínuas e expansíveis, e em deslocamentos, e antes de promoverem focos a passados e futuros, podem destacar o fim de posições de hegemonia e rigidez nos espaços e tempos presentes, ao invés de disputa-las.

Inversões de forma, posição ou valor que possuem total falta de comprometimento com a *heurística*<sup>246</sup> que em tese as invoca são nada mais do que luxos de matrizes (pseudo) filosóficas (ou políticas), e não antropológicas. São parte do conjunto de objetos e campos de estudo da antropologia, e não necessariamente partes fundantes e automáticas de suas raízes de fundamentação teórica, e principalmente metodológica.

Ao invés de incentivar as permutas de posições e de valores, pode ser ainda mais valioso pensar em *desconstruções*,<sup>247</sup> que podem estar ou não com orientações para se revelarem alargadas e mais independentes de categorizações, reduções e limites de escopo. De certa forma, além de desconstruir, também tentar revisitar *rastros que estão marcados na superfície*.<sup>248</sup>

Ao compreender que o efeito-martelo da antropologia pode permitir total revisão de marcados modelos teóricos e metodológicos, e se identificadas limitações nos métodos de exposição dos resultados da pesquisa, é compreensível *propor revisões inclusive na apresentação*<sup>249</sup> de dados e de informações, consoante o observado ou o vivido em campo.

Ao propor comparações de deslocamentos de perspectivas e aproximações das *imaginadas nações*<sup>250</sup> pelas presentes desigualdades entre elas, não se deve compreender alguma sugestão sobre eventuais ausências de hierarquias dentro de campos de saber entre suas componentes, mas sim possibilidades de perceber flexibilidades de deslocamentos e desconstruções, e também compreender que tais hierarquias não estão em níveis próximos de projeção, aceite e estabilidade como as sustentadas homônimas separações entre “países”.

De certa forma, se pode ainda acrescentar o potencial valor do caráter pouco explorado de pesquisas que não se reduzam a perspectivas construídas sobre os limites de uma ou mais construídas *nações*<sup>251</sup> geográficas, econômicas ou políticas.

Neste sentido, também pode haver desvios do que em outras autorias

<sup>246</sup> Cf. PEDERSEN, M. Common nonsense. 2012:7.

<sup>247</sup> Cf. HEMMINGS, C. Invoking affect. 2005:555-556.

<sup>248</sup> Cf. INGOLD, T. Traces, threads and surfaces. 2007:43-47.

<sup>249</sup> Cf. ANZALDÚA, G. Tlilli, Tlapalli. 1999:88-91.

<sup>250</sup> Cf. ANDERSON, B. Introduction. 2006:5-7.

<sup>251</sup> Cf. APPIAH, K. Cosmopolitan patriots. 1997:623-624. Ver também notas 8 e 9.

ocorre como destaques, enquanto valorizações de pensamentos de selvagens em calculistas *consultas a soluções de conflitos*,<sup>252</sup> quase aceitando lhes conceder uma alcunha de intelectuais.

Estas posições de perspectivas, onde são priorizados reduzidos, básicos e ineficientes sistemas de oposições se revelam insuficientes para compreender relações complexas e em constante construção, dignas de análises que priorizem analisar dinâmicas que estão por trás das cortinas, como as redes transnacionais acadêmicas em antropologia.

E apesar de discursos sobre a construída *pós-modernidade*<sup>253</sup> usualmente *alardearem o fim da modernidade*,<sup>254</sup> é possível ir além do óbvio e perceber que o provável é a *multiplicação e não o extermínio*<sup>255</sup> de categorias de origem, ainda que *pulverizações de modernidades não sejam automaticamente percebidas com tais alcunhas*.<sup>256</sup> E em próximas lógicas, é possível sugerir que os ditos pós-colonialismos, podem ser característicos por abrir espaços à facetas de emergentes colonialismos, independentemente de estes receberem próximas nomenclaturas e percepções.

Neste sentido, ainda que dotadas de demasiadas pretensões, é esperado que escritas críticas colaborem para tecer aproximações teóricas, metodológicas e reflexivas que permitam algum avanço para além da

análise antropológica dos processos de poder-saber coloniais, a abordagem etnográfica dos terrenos ex-coloniais e a consideração do *continuum* histórico e da mútua constituição das identidades de colonizadores e colonizados [que] estão apenas no início.<sup>257</sup>

Não se parece também fazer necessário retomar a *desconstrução da fabricada unidade cultural ou política em espaços tidos como luso-brasileiros*<sup>258</sup> ou tampouco resgatar as *problemáticas de “inocentes” valorizações à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP*<sup>259</sup> e outros órgãos e instituições similares.

*Foi criada uma horizontalidade em que nós não quisemos por um lado, por razões talvez políticas e ideológicas de todos nós, brasileiros e portugueses, não caímos na armadilha de chamar isso de lusofonia. [...] Fomos pelo lado de que, ok, nós somos os dois periféricos, temos uma ligação histórico cultural, e temos formações internacionais parecidas. E neste sentido*

<sup>252</sup> Cf. THOMAZ, O. Tigres de papel. 2014:54-55.

<sup>253</sup> Cf. REYNOSO, C. Presentación. 1998:11-12.

<sup>254</sup> Cf. REYNOSO, C. Presentación. 1998:15.

<sup>255</sup> Cf. ONG, A. Anthropology, China and modernities. 1996:64-65,84-85.

<sup>256</sup> Cf. THOMAZ, O. Tigres de papel. 2014:55-56.

<sup>257</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. O atlântico pardo. 2014:40-41.

<sup>258</sup> Cf. THOMAZ, O. Tigres de papel. 2014:60-61.

<sup>259</sup> Cf. THOMAZ, O. Tigres de papel. 2014:62-64.

*somos cosmopolitas. [...] Então, tentamos fazer uma coisa contra-hegemônica, por assim dizer [...] que fosse mutualmente benéfica, que não tivesse a ver com nenhuma ilusão ou elogio de lusobrasilidade, nenhum resgate ao passado. [...] E uma das formas de fazer isso foi olhar criticamente para essas continuidades colonial e pós-colonial.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

O escape à tentativas de corrupção envoltas nos discursos abraçados a lusofonia são acompanhados por algo que, ainda que sugira um “fundo cultural comum”, parte de outra perspectiva, como já explicitada, mais horizontalizada, e menos colonialista.

*É... Eu acho que por um lado é [a] facilidade da língua, não é? Mas por outro lado é justamente, eu acho que pela língua, pela similitude de certos temas, por algum fundo cultural comum, no fundo é mais fácil, digamos sermos entendidos por colegas brasileiros, do que por muitas vezes sermos entendidos por colegas da Europa do norte, né? Não estou a falar de Espanha, estou a falar da Europa do norte, sobretudo.*

Entrevista com João Leal

Assim há ainda opções adjacentes e quase marginais, em retornos incomuns, procurando aproximações, seja na tentativa de execução de uma *etnografia crítica de arquivos do passado*,<sup>260</sup> ou nas caçadas a alegadas *intenções identificadoras de circunstâncias políticas que poderiam ser mapeadas em narrativas de outras mídias*<sup>261</sup> ou nas *visitas a casos específicos, e sugerir não querer generalizar, mas assim se permitir*.<sup>262</sup>

Ao compreender que além de movimentos arriscados, estão dotados de perigosas análises tardias de documentos mutilados e frequentemente carregados de viciadas percepções terceiras, são formadas amálgamas com limitadas capacidades de críticas, e enquanto descontextualizadas dos contextos de origem que buscam descrever ou encontrar, movem em repetida e falha direção para o criminoso comportamento de crítica ao passado por impróprios olhos do presente, algo que pode ser visto como o reflexo gerado pela posse, aceite e uso de *historicismos exacerbados*,<sup>263</sup> promovendo fugas à antropologia.

Mais do que embrenhar pelos caminhos ocultos do desconhecido

---

<sup>260</sup> Cf. PORTO, N. O museu e o arquivo do império. 2014:120-122.

<sup>261</sup> Cf. LINHART, A. Tensões e legados coloniais no cinema. 2014:71.

<sup>262</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. Galvão na terra dos canibais. 2014:97-99.

<sup>263</sup> Cf. ROSA, F. Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade. 2010:297.

passado, é possível que etnógrafas e etnógrafos se permitam encontrar antropologias, em comunhões com interlocutoras e interlocutores com quem produzem diálogos em seus campos de pesquisas e aprendizagens. Uma antropologia *com outrem, e não sobre outrem*.<sup>264</sup>

De certa forma pode se compreender que o traçado visa estar

buscando recuperar certas dimensões excluídas das análises mais pujantes. As formas políticas, as tradições de conhecimento geradas na metrópole e redefinidas através do confronto e da experiência colonial, efeito de um processo de mútua constituição, num mundo que hoje é cada vez mais pensado a partir de noções como as de *fluxos, redes e processos*, [que] têm permanecido de fora de uma pesquisa aprofundada.<sup>265</sup>

Não apenas promover algum abandono de constantes tentativas de estabelecimentos de pontos finais, pois podem ser proveitosas as possibilidades de engajamentos por antropologias que se permitam encontrar e conhecer os fluxos, redes e processos compositores do objeto ou campo de pesquisa ao quais almeja produzir algum diálogo.

---

<sup>264</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:76.

<sup>265</sup> Cf. SOUZA LIMA, A. Tradições de conhecimento na gestão colonial da desigualdade. 2014:156.

## 7 NOVAS APROXIMAÇÕES E RECORTES ÀS PESQUISAS

Ao ingressar em programas de pós-graduação em antropologia social, seja no Brasil ou em Portugal, discentes se inserem em lógicas acadêmico-cêntricas que favorecem a obrigatoriedade de frequência em *disciplinas*<sup>266</sup> teórico-metodológicas entre dois e quatro semestres letivos, pelo menos, antes de receberem autorização ou recomendação para a partida e iniciar a execução de “trabalho de campo”. Exceções a *regras*<sup>267</sup> existem, sendo possíveis, por exemplo, depois de aceites em programas de mobilidade com *calendários singulares ou a recepção de auxílios-financeiros de órgãos externos*, ou ainda devido a urgências particulares de cada contexto de pesquisa.

Ao final das quase duas horas de discussão da reunião do colegiado, e intervenção de pelo menos três docentes, enfim a coordenação do programa de pós-graduação se convence de que pode ser uma boa ideia aceitar o meu pedido de saída para campo antes do fim do segundo semestre letivo, convencionado como mínimo de permanência. Na hipótese de receber uma negativa eu seria obrigado a pedir cancelamento da bolsa e das passagens, que já estavam inclusive pagas pela comissão europeia.

Diário de campo, de 23 de julho de 2014

É possível, no entanto, que as obrigatoriedades de frequência nas respectivas disciplinas garantam *revisões de literatura e do projeto de pesquisa por*

---

<sup>266</sup> Cf. FOUCAULT, M. *Les corps dociles*. 1975:139.

<sup>267</sup> Cf. FOUCAULT, M. *La punition généralisée*. 1975:96-101.

*corpos discentes e docentes*, e idealmente permitindo se inserir em um ou mais *núcleos de pesquisa*, e se assim for, a opção pela ida a campo antes do término da revisão de literatura ou da reescrita do projeto de pesquisa, podem não apenas provocar um atraso na execução destas atividades, como também adaptações ao método ou procedimentos que se espera executar em uma prévia preparação e idealização sobre o campo.

Não deve ser improvável o imaginar que para iniciar uma pesquisa sobre “redes lusófonas de pesquisadoras e pesquisadores em antropologia”, sejam necessários mapeamentos prévios aos primeiros deslocamentos ao campo, e que estes sejam “limitados” a iluminadas sugestões oriundas da supervisão de tese, de contatos recebidos durante uma passagem prévia por Lisboa, que se tornam cada vez mais preciosos e raros, podendo ser incrementados por entrevistas exploratórias iniciais, ou outras imersões ao campo, como por exemplo, pesquisas realizadas via a rede mundial de computadores, popularmente conhecida como internet.

E nestes casos, uma das vantagens de pesquisas exploratórias realizadas pela internet está na possibilidade de afastar a pesquisa de limites de círculos pessoais e sociais, ao tentar garantir maior distância do cotidiano, seja este de uso ou não da internet. Pode-se adotar a *navegação em modo privado ou anônimo*,<sup>268</sup> o uso de proxies para redirecionamento ou alteração de localização geográfica, ou realizar uma *limpeza da memória de cache*,<sup>269</sup> para reduzir resultados intrinsecamente próximos a buscas anteriores ou ao histórico regular de uso da internet, por exemplo.

Para ilustrar,<sup>270</sup> as *buscas no Google pelo termo antropologia*<sup>271</sup> podem acabar em resultados que são em dimensões improváveis de análises em tempo hábil e principalmente distantes de objetivos de pesquisa menos abrangentes, que incluam ou se limitem a academia, ou a geografias portuguesas ou lusófonas.

As inclusões de termos adicionais como *curso* ou *departamento*,<sup>272</sup> *faculdade* ou *universidade*<sup>273</sup> podem produzir resultados mais específicos aos contextos acadêmico-universitários. E uma *busca pelo conjunto dos termos antropologia e Lisboa*,<sup>274</sup> pode permitir situar próximo a um contexto regionalizado, e limitado quase ao contexto acadêmico.

São provavelmente acusados centenas de milhares ou milhões de resultados em cada uma destas primárias somas de variáveis de buscas,

<sup>268</sup> Cf. GOOGLE. Navegar em modo privado. 2015.

<sup>269</sup> Cf. GOOGLE. Limpar cache e cookies. 2015.

<sup>270</sup> Não são incluídos exemplos pois as consultas aos links fornecem versões atualizadas.

<sup>271</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/zEsIdq>.

<sup>272</sup> Resultados similares disponíveis em <http://bit.ly/1JhXcDt> e <http://bit.ly/1JhXgmI>.

<sup>273</sup> Resultados similares disponíveis em <http://bit.ly/1JhXha6> e <http://bit.ly/1JhXhqS>.

<sup>274</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhWEgU>.

incentivando o uso de novos filtros, quem sabe em *amálgamas dos existentes*,<sup>275</sup> como unir os termos antropologia, curso, departamento, faculdade, universidade e Lisboa.

Ao adicionar termos a busca, a quantidade de resultados pode reduzir cada vez mais. E após estes testes de compatibilidade de filtros, talvez uma opção seja a utilização de *filtros mais complexos, como a função OR*,<sup>276</sup> concatenando resultados em uma seleção mais inteligente e mais aglutinante, onde é possível receber milhões de resultados, sem perder o foco aparente a recortes sugeridos de pesquisa. Estão reordenados.

Outras opções de filtros complexos incluem a *restrição a domínios específicos como .br .pt ou mesmo .edu*,<sup>277</sup> buscando páginas hospedadas no Brasil, em Portugal ou mesmo páginas de instituições classificadas enquanto educacionais. Este tipo de filtro pode reduzir a quantidade de resultados de pesquisa, e tende a remover dos resultados páginas de associações científicas e de centros de pesquisa, assim como quaisquer outras páginas hospedadas fora das instituições de educação ou em domínios terceiros, como .org ou .com, sendo sua efetividade questionável ou até incentivada consoante as pesquisas a serem realizadas.

É provável que ao proceder com a utilização de termos de busca em língua portuguesa os resultados se restrinjam, ou privilegiem este idioma, e neste sentido, a contextos lusófonos, que podem incluir Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, mas também Goa e Macau. E dada alguma hegemonia da antropologia produzida na rede luso-brasileira entre todos estes cenários, esta pode ter algum destaque, e dependendo do contexto onde a pesquisa é realizada pode ser uma mais valia ou uma inconveniente e infiltrada distração.

Assim, a possibilidade de incluir alguns *termos excludentes na pesquisa, como por exemplo -wikipedia, -youtube ou -missionária*,<sup>278</sup> pode também ser acionada na tentativa de remover resultados distantes da proposta de pesquisa, incluindo domínios nacionais, como .br. Também não se é descartável a presença de resultados em outros idiomas, falsos cognatos ou não, dos termos de busca, principalmente quando em escrita por idiomas de origem latina.

Se na busca individualizada do termo há expectativa por grande quantidade de resultados, mas dispersos do foco da pesquisa, em buscas com múltiplos termos há redução da dispersão, mas também da quantidade de resultados. É possível que a aplicação combinada de *funções inteligentes*,<sup>279</sup> reproduza maior foco e elevada quantidade de resultados, alterando

<sup>275</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhXNVL>.

<sup>276</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhXD0r>.

<sup>277</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1br71Dv>.

<sup>278</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1cbTnW5>.

<sup>279</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1cbUxAZ>.



prioridades e regras de ordenação dos resultados.

E adotadas opções de procedimentos complementares prévios como *navegação anônima*,<sup>280</sup> o uso de proxies de redirecionamento, ou as remoções de cache, os resultados podem ser apresentados em quantidades muito superiores e também menos viciados aos resultados recebidos em consultas simples.

Independente dos filtros ou termos utilizados, logo nas primeiras páginas de resultados devem surgir outros resultados inesperados como *páginas não encontradas (erro 404)*<sup>281</sup> que em alguns casos ainda podem, se necessárias, serem consultadas uma ou mais *versões armazenadas no cache do Google*<sup>282</sup> da página, ou mesmo em serviços como o *archive.org*.<sup>283</sup>

Na coleta de endereços de acessos online de departamentos e das páginas pessoais e de centros de pesquisa, para posteriores consultas, é possível que determinados endereços de acesso se revelem inacessíveis temporariamente ou permanentemente. Salvo os casos onde o endereço é informado indevidamente, buscas diretamente por termos relacionados ou mesmo pela nomenclatura pode resultar nos novos endereços, páginas em redes sociais ou até viabilizar o acesso as já citadas versões em cache destes endereços.<sup>284</sup>

Os resultados que são exibidos priorizam termos que considere relevantes entre si, dando prioridades aos resultados que incluam maior quantidade de termos sugeridos na busca, promovendo dispersão do foco principal com o avançar para próximas páginas de resultados, como as mensagens que são disponíveis ao final de alguns conjuntos de resultados:

Para mostrar os resultados mais relevantes, omitimos algumas entradas muito semelhantes às já apresentadas. Se pretender, pode repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos clicando neste link.

A preocupação com resultados similares, parecidos ou idênticos pode ser contornada, seja para inclui-los ou para confirmar que estão removidos da longa lista de resultados da consulta.

E na hipótese de buscas orientadas a encontrar “*nomes de docentes de*

<sup>280</sup> É necessário diferenciar a “*navegação sem consulta ao histórico (de cookies)*”, da “*navegação criptografada ou invisível*”. Devido a não centralidade desta discussão na proposta, ela é evitada. Assumir que as menções durante o ensaio remetem a “*navegação sem consulta ao histórico*”, e não a “*navegação criptografada ou invisível*”.

<sup>281</sup> Cf. GOOGLE. Erros: Não encontrado (404). 2015.

<sup>282</sup> Cf. GOOGLE. O que é a versão armazenada em cache de uma página? 2015.

<sup>283</sup> Maiores detalhes em: ARCHIVE.ORG. Página inicial. 2015.

<sup>284</sup> Registre-se que sites como o *archive.org* e o *arquivo.pt* permitem o acesso para versões em cache de quaisquer páginas que estejam indisponíveis. Assim, qualquer referência eletrônica incluída neste livro que encontre-se indisponível poderá ser visualizada num destes canais.

*antropologia em Portugal*”, os resultados das primeiras páginas que disponibilizem “*páginas de universidades com cursos na área de antropologia*”, além das páginas destes cursos podem permitir acesso aos corpos de docentes de maneira bastante direta e seletiva.

Para evitar reconsultas desnecessárias, pode ser válido produzir outra lista, com nomes de universidades onde os corpos docentes estão mapeados. Algumas universidades podem possuir listas de quadros de honra, sejam de ex-pesquisadoras e ex-pesquisadores, doutoras e doutores com formação recente ou mesmo docentes em estado de aposentadoria ou afastamento que também podem valer a inclusão à lista para análise posterior.

Nomes de centros de investigação, ou de projetos de pesquisa em curso ou concluídos também são possíveis de serem disponibilizados nas páginas das universidades, que em alguns casos ou contextos de pesquisa acabam por serem interessantes cópias para consultas posteriores. Visitas individuais a páginas específicas de cada curso ou projeto podem informar sobre atividades realizadas em ambientes multi-institucionais, agregando novos nomes de universidades e de docentes a listas prévias. Consultas a páginas referentes às *relações internacionais*<sup>285</sup> podem ainda fornecer elementos e acelerar o desenho de cartografias de relações institucionais, como é observado na página do departamento de antropologia do ISCTE:

O Departamento de Antropologia tem protocolos de cooperação com várias universidades. Destacam-se entre elas: **Universidade Federal de Santa Catarina**, Brown University, University of California - Berkeley, Indian Institute of Technology. Esses protocolos asseguram a circulação de docentes de acordo com as suas especialidades e com as temáticas dos cursos de pós-graduação oferecidos em cada ano. Está projectado para breve a formalização de novos protocolos com outras universidades estrangeiras seleccionadas em função da sua possível contribuição para o desenvolvimento das áreas estratégicas do Departamento, e que incluam a possibilidade de conferir graus de dupla titulação.

Após a consulta a duas ou três centenas de resultados da busca inicial, algumas situações envolvendo dúvidas quanto a inclusões de docentes de disciplinas do curso de antropologia, mas vinculados a outros departamentos, podem surgir. É possível identificar programas de cursos onde *todas as disciplinas são oferecidas por docentes do departamento de antropologia*,<sup>286</sup>

---

<sup>285</sup> Cf. ISCTE. *Relações internacionais*. 2015.

<sup>286</sup> Identificado na Universidade Nova de Lisboa.

ou programas onde o *corpo docente do curso é compartilhado com docentes de departamentos terceiros*,<sup>287</sup> e neste último caso, ainda é possível ocorrer *um único corpo docente para todos os cursos, não distribuído por departamentos*.<sup>288</sup>

Não se pode descartar que em algumas instituições apesar de prévia existência de *departamentos ou centros de investigação em antropologia ocorra conversões a ciências biológicas, psicológicas, e da cognição, ou educação física*.<sup>289</sup> Se a pesquisa referir apenas a redes entre docentes de antropologia, por exemplo, pode ser aceitável desconsiderar docentes que não possuam formação, experiência ou contatos evidentes com antropologia.

Uma coleta destes nomes, já com potenciais e individualizadas exclusões e adições posteriores em lista à parte pode facilitar a organização das informações encontradas e disponíveis online. Em poucas horas de trabalho é possível encontrar pouco mais de uma centena de distintos nomes espalhados por pelo menos dez universidades portuguesas, dentro e fora de Lisboa. A lista pode ser complementada e ampliada com listagens oficiais, *mais*,<sup>290</sup> ou *menos*,<sup>291</sup> atualizadas, ao nível de instituições, fornecendo uma aproximação credível dos corpos docentes com formação em antropologia e ministrando disciplinas em Portugal. As universidades que apresentarem um ou mais indicadores ou especificidades podem ser finalmente revisitadas pela *busca mais precisa e individualizada ao nível de docentes*.<sup>292</sup>

Terminadas estas buscas, a lista de docentes em Portugal com formações em antropologia, seja a nível de graduação ou pós-graduação, e considerando informações disponíveis online entre 2014 e 2015 pode ultrapassar a quantidade representativa de meio milhar de nomes. A quantidade é superior ao número de membros na época na associação portuguesa de antropologia,<sup>293</sup> ou das pessoas que participam de seus congressos nacionais, por exemplo.

Finalizada esta lista, pode ser valioso remover os nomes duplos e incluir recém doutoras, doutores, pós-doutoras e pós-doutores, sejam na figura de pesquisadoras e pesquisadores, nas figuras de titulares de diplomas ou mesmo para compreender outros extratos e nós das redes portuguesas de

<sup>287</sup> Identificado no ISCTE e na Universidade de Coimbra.

<sup>288</sup> Ocorre no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e na Universidade Aberta.

<sup>289</sup> Identificado na Universidade do Porto e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

<sup>290</sup> Cf. MEC. Rebides. 2012.

<sup>291</sup> Cf. MEC. Rebides. 2011.

<sup>292</sup> Cf. MEC. Rebides. 2013.

<sup>293</sup> Informação obtida extraoficialmente, que remete a algo inferior há quatro centenas. Após a comunicação da situação de dados incompletos sobre a população de antropólogos em Portugal para colegas integrantes da APA iniciou-se uma discussão interna e que até o final do ano de 2015 conceberá um grande projeto de investigação e entre os seus objetivos destaca-se o primeiro: “*Levantamento de informação quantitativa sobre a caracterização da comunidade de antropólogos portuguesa*”. Maiores detalhes sobre o projeto estão disponíveis online em: ISCSIP. O perfil do antropólogo em Portugal. 2018.

antropologia.

Durante todo o processo, nomes de estrangeiras e estrangeiros podem surgir, e se *uma portuguesa (e uma argentina) são partes semipermanentes no comitê editorial da associação brasileira de antropologia*,<sup>294</sup> assim como há inclusão do nome de *uma brasileira, no comitê científico do III congresso da associação portuguesa*,<sup>295</sup> e de um brasileiro, já na WCAA,<sup>296</sup> se pode compreender que é de se ressaltar o valor e aceite de antigas presenças de forasteiras e forasteiros nas redes portuguesas de antropologia também.

*A maioria dos professores eram de influência francesa ou belga. [...] E os homens desta geração, que foram meus professores, de fato tinham feito a formação em países francófonos. [...] Também havia algumas pessoas que não tinham sido exiladas, mas que também tinham tido influência francesa. [...] Depois, há uma geração [...] que veem, por conta até de um centro de estudos que havia na [Fundação Calouste] Gulbenkian, que era de demografia histórica, [...] o Robert Rowland, e vieram vários, o Brian O' Neill, o Raul Iturra, foram vários, agora não me lembro os nomes todos [...] também nessa altura o João [de] Pina- Cabral. Eram vários antropólogos que vinham de língua inglesa [...] aí também havia um colega aí que, [tal qual o Jorge Dias] era de formação alemã, que é o Jorge Freitas Branco.*

Entrevista com Cristiana Bastos

O aceite de corpos estrangeiros na antropologia portuguesa é de certa forma naturalizado, ainda que com conotação distinta daquela que pode ser observada quando descrevem o cenário brasileiro:

*E depois o Brasil tem essa coisa que é muito interessante, há os antropólogos brasileiros e depois há os brasilianistas, e que no fundo, são tratados como se fosse uma espécie de brasileiros, tem essa capacidade de comer o outro né? Uma antropofagia. É muito interessante, se considera francês mas, de fato é mais brasileiro do que francês. O próprio [Claude] Lévi-Strauss, também é considerado “prata da casa” né?*

Entrevista com João Leal

E por fim, pode ser complementada a lista de nomes com mais pesquisadoras e pesquisadores e seus diplomas recentes de doutoramento

<sup>294</sup> Cf. ABA. Informativo n° 09/2015 | 06/05/2015. 2015.

<sup>295</sup> Cf. APA. III Congresso da APA (2006). 2007:4.

<sup>296</sup> Cf. APA. III Congresso da APA (2006). 2007:5.

em antropologia para ter uma noção de últimas pessoas a ingressar no atual corpo de pesquisa e ensino em antropologia em Portugal, ou de relações que estão sendo “perdidas” ou “iniciadas”.

Com este corpo minimamente estabelecido, podem ser válidas novas visitas em todas aquelas páginas de centros de investigação, periódicos e de projetos, buscando por bolsistas, consultorias externas, corpos editoriais, teses defendidas, projetos finalizados e todo tipo de produção científica ou parcerias de produção que possam ser encontradas e que adicionem nomes à lista. E assim como o trabalho de campo em antropologia sugere que após algum tempo “*tudo começa a se repetir e ser quase previsível*”, os poderosos métodos quantitativos de análise quase sociológica se revelam incapazes de mapear ocorrências de *imponderáveis da vida cotidiana*,<sup>297</sup> sendo saudáveis propostas que promovam contatos mais diretos com potenciais sujeitas e sujeitos de estudo.

Ao terminar a fase “final” de ampliações do corpo de estudo, preciosas especificações, que, no caso de procura por docentes com foco ou relações no Brasil, podem ser filtradas em consultas individualizadas em um longo, mas produtivo trabalho que pode passar por páginas que são a *versão lusitana do brasileiro Lattes*,<sup>298</sup> o próprio *Lattes*,<sup>299</sup> e *repositórios de pesquisa de alcance global*<sup>300</sup> ou sistemas online de *arquivo de teses*,<sup>301</sup> artigos ou livros.

Assim são identificadas co-produções acadêmicas, focos de temáticas de pesquisa, visitas realizadas na condição de docentes, participações de congressos no Brasil, orientações e co-orientações com laços no Brasil, sendo possível atingir um grupo de menos de cinco dúzias de pessoas, que podem provocar e incentivar consultas e visitas aos *perfis públicos em redes sociais*,<sup>302</sup> mas também a busca por potenciais artigos em sites de jornais e revistas portuguesas, ou páginas pessoais, como blogs, falando sobre o Brasil, ou sobre brasileiras, brasileiros e Portugal.

Todas estas pesquisas, ainda realizadas em ambiente online, fornecem a matéria-prima, ainda bruta, para produzir primeiros e tímidos contatos com potenciais interlocutoras e interlocutores. E nesta *zona de fronteira*<sup>303</sup> é que são produzidas *tentativas pra cruzar os limites entre online e offline*,<sup>304</sup> e assim, um simples e-mail, pode permitir este raro momento de *liminaridade*,<sup>305</sup> ou transição, onde, de uma maneira geral, os e-mails de contatos podem seguir

<sup>297</sup> Cf. MALINOWSKI, B. Introduction. 2005:15-18.

<sup>298</sup> Maiores detalhes em: DEGÓIS. Sobre o DeGóis. 2015.

<sup>299</sup> Maiores detalhes em: CNPQ. Sobre a plataforma lattes. 2015.

<sup>300</sup> Maiores detalhes em: ACADEMIA.EDU. About. 2015.

<sup>301</sup> Maiores detalhes em: RCAAP. Advanced search. 2015.

<sup>302</sup> Por exemplo no <http://facebook.com> e <http://twitter.com>.

<sup>303</sup> Cf. GODINHO, P. Processos de emblematização. 207-209. Ver também nota 3.

<sup>304</sup> Cf. BECHKOFF, J. *et alia*. Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication. 2009:77-78.

<sup>305</sup> Cf. TURNER, V. Liminality and communitas. 1991:95-96.

certos corpos, bastante *domesticados*,<sup>306</sup> de frases, que de maneira geral sugerem respeito, interesse e alguma relação mínima, que pode ser fortalecida ou evidenciada enquanto reconhecida:

- Cumprimentos iniciais, pessoais e direcionados,
- Apresentação mínima em uma ou duas linhas.
- Breve histórico de contatos e relações prévias com pontes existentes com quem se busca contatar. E confirmação de permanência nesta rede de relações, se possível.
- Demonstração de como este contato pode ser incluída na pesquisa como um todo.
- Sugestão mínima e aberta para datas e esclarecimento se há retornos diretos envolvidos.
- Agradecimentos e cumprimentos finais.

Uma primeira dificuldade óbvia pode ser levantar as informações de contatos das dúzias de docentes que se espera, ou no mínimo se busca contatar. Não é surpresa que tais endereços estejam desatualizados nas páginas, que não existam informações sobre os respectivos em CVs online, ou tampouco em publicações passadas. Alguns contatos de fato podem não ser possíveis por este obstáculo.

O exagero de homônimos que ocorre em Portugal, muito graças a *lista de nomes oficial que o país mantém em uso*,<sup>307</sup> é outra situação que pode necessitar de atenção dedicada. Para o caso singular das mulheres, o primeiro nome “Maria” é sumariamente removido de todas as listas de organização que construo, por questões de ordem prática. É de se reiterar que tal nome é frequentemente ignorado das próprias docentes em todas as referências que se auto declaram. Reforço aqui a minha surpresa, ao saber que várias das docentes que me deram aulas por [quatro] semestres a fio possuíam o mesmo nome, até então por mim desconhecido, que é o mesmo de minha mãe: Maria.

Diário de campo, de 29 de agosto de 2015

---

<sup>306</sup> Cf. FOUCAULT, M. Les corps dociles. 1975:151-158.

<sup>307</sup> A lista de nomes “admitidos” pode ser consultada no seguinte endereço: [http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a\\_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista\\_de\\_nomes18-06-2015.pdf?nocache=1434623650.94](http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista_de_nomes18-06-2015.pdf?nocache=1434623650.94).

Após as tentativas de contatos iniciados com as seis ou sete dezenas de docentes as respostas podem ser imediatas de uma mínima parte, e distantes meses de outra mínima parte, sendo complementadas por ausências de respostas de significativa quantidade e com outras respostas distribuídas ao longo das próximas semanas.

Se as subjetividades nas pesquisas em antropologia podem ser *valorizadas*,<sup>308</sup> algumas vezes também vistas sob lentes de supostas revisões bibliográficas, ou até questionadas, é de se enaltecer que dentre as dezenas de docentes que são produzidos contatos, as respostas são maiores e mais rápidas exatamente das redes de relações mais próximas, ou parentadas, ainda que em parte desconhecidas.

E apesar de pesquisas etnográficas em ambiente offline usualmente serem sugeridas como muito *singulares quando em comparação contra pesquisas etnográficas em ambiente online*,<sup>309</sup> algo próximo a similaridades podem ser identificadas. Talvez o que se deve destacar nas pesquisas online é a sua capacidade de inovação, pelo diálogo possível com a *cibernética*,<sup>310</sup> em *revisar criticamente metodologias em antropologia*,<sup>311</sup> em especial se há interesse em algo que remeta para uma *antropologia do contemporâneo*.<sup>312</sup>

---

<sup>308</sup> Cf. GROSSI, M. Na busca do outro encontra-se a si mesmo. 1992:10-14.

<sup>309</sup> Cf. BECHKOFF, J. *et alia*. Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication. 2009:52-59.

<sup>310</sup> Cf. BATESON, G. From Versailles to cybernetics. 1987:481-483.

<sup>311</sup> Cf. BUDKA, P. From cyber to digital anthropology to an anthropology of the contemporary? 2011:3-6.

<sup>312</sup> Cf. BUDKA, P. From cyber to digital anthropology to an anthropology of the contemporary? 2011:11-12.

## 8 DESCREVENDO UM CONGRESSO EM PORTUGUÊS

Imagine agora, não a primeira, nem a segunda edição de um congresso, mas já lá pela décima-segunda recorrência, passados uns bons vinte e cinco anos, pelo menos umas nove cidades, cerca de quatro países, distribuídos entre três diferentes continentes.<sup>313</sup> E não apenas um congresso nacionalmente chamado português, ou mesmo binacional, tido como luso-brasileiro, mas um congresso que se auto declare como representante do continente africano, ainda que restrito aos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), acrescido do país-continente Brasil e como de praxe, sediado em Portugal, mas desta vez não em Coimbra,<sup>314</sup> e sim na capital portuguesa, incluindo tal país no discurso, permitindo ressaltar o apelo ao que compreende como lusofonia.

O congresso ocupa literalmente metade das edições em solo português, mostrando que o luso prevalece sobre o brasileiro, mas principalmente sobre o africano: As edições portuguesas são Coimbra em 1990, Lisboa em 1994, Porto em 2000, Coimbra em 2004, Braga em 2009 e retorna à Lisboa

---

<sup>313</sup> Cf. AILPCSH. Congressos anteriores. 2015.

<sup>314</sup> Em metade das realizações o congresso é realizado em solo português, e destas, a única cidade onde há reincidência é Coimbra. Evidencia o que de fato entende, por trás do discurso acadêmico, como “descolonização” e “epistemologias do sul”, aquele que é o portavoz da primeira edição do congresso e figura carimbada em cada edição na mesa de abertura. E sempre com o mesmo discurso: “*Um congresso onde a maior parte das apresentações remete a pesquisa sobre a África. Muitos nunca lá estiveram. E garanto que uma ínfima parte é de lá*”. Passados vinte e cinco anos talvez fosse possível lembrar o nome de pelo menos uma ou duas pessoas entre as dezenas de orientandas e orientandos que lhe passaram pelo escritório nascidos naquele continente. Ou, se calhar, os quatro-cinco anos em contato de “orientação” com este senhor sejam suficientes para evitar qualquer diálogo neste sentido. O Fórum Social Mundial, o (projeto brasileiro de) Partido Raíz e as constituições de Bolívia e Equador são outros exemplos do alcance dos tentáculos de seu projeto pessoal de neocolonização.



em 2015. Mesmo o Brasil é representado, sozinho, mais vezes que toda a África junta, ocorre em 1992 em São Paulo, em 1996 e 2002 no Rio de Janeiro e em Salvador em 2011. As edições no continente africano se restringem as capitais Maputo, em 1998 e Luanda em 2006.

Uma das partes com a qual eu conversei, já fora de espaços acadêmicos<sup>315</sup> sugere que na verdade isto ocorre pois até pelo menos 1994 não havia qualquer percepção desta gente, africana, enquanto produtores de conhecimento. São meros sujeitos de pesquisa, sendo o congresso um encontro entre quem pesquisava sobre África, e escrevia em português. E no encontro em 1996, é que se estabelece e planeja uma edição futura, em solo africano.

Agora é a *décima-segunda edição do congresso luso-afro-brasileiro*.<sup>316</sup> É um congresso bianual, remetendo justamente aos primeiros anos da última década, do século final, no anterior, já concluído e passado milênio. Congresso esse que nasceu justamente quando é sugerido o início de maiores diálogos entre lá e cá. Também dito por umas e uns como *anos 90*.<sup>317</sup>

O luso, no nome, é aquele que remete diretamente a lusofonia, ou à Portugal, nação que nas palavras de um brasileiro, Gilberto Freyre, nasce e tem a missão, quase um *destino manifesto*,<sup>318</sup> de colonizar, de *criar novos povos*.<sup>319</sup> Afro, esta palavra que diz nada sobre muito. Uma década estudando antropologia e ainda não compreendo o que se entende por “afro” ou “africano”, ainda penso que se olharmos para um país qualquer subsaariano deste já nomeado continente, que aliás, possui outros 53 países, a diversidade étnico-cultural, de crença, alimentação ou educação *é maior do que a diversidade na Europa inteira*.<sup>320</sup> Europa esta, que é o sonho futuro e passado, além de presente aceite e obrigação, de pertença do país que é sede desta sessão do Conlab. E brasileiro sendo positivo aqui apenas quando remete ao fruto da colonização portuguesa que deu certo.

Mas neste congresso científico, como nos demais, se deve ressaltar que antes de ter o direito a fala - ou mesmo a escuta -, é preciso pagar. Como havíamos encaminhado uma *proposta de grupo de trabalho*,<sup>321</sup> com mais três colegas, eu já havia pago a minha inscrição há meses. Tais colegas ainda terão de pagar, para trabalhar.<sup>322</sup>

<sup>315</sup> A identidade, deste relato, será preservada, por razões óbvias.

<sup>316</sup> Maiores detalhes em: AILPCSH. XII Conlab. 2015.

<sup>317</sup> Cf. BASTOS, C. A década de 1990. 2014:393-399.

<sup>318</sup> Cf. RAMPINELLI, W. Fátima, o salazarismo e o colonialismo. 2011:64-65.

<sup>319</sup> Cf. CASTELO, C. Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre. 2011:263-270.

<sup>320</sup> Cf. EKWE-EKWE, H. Do you still read or hear of “sub-Sahara Africa”? 2013:1-7.

<sup>321</sup> Maiores detalhes em: CONLAB. GT 94. 2015.

<sup>322</sup> Desde o princípio, duas partes componentes da coordenação do grupo de trabalho não sabiam se poderiam se deslocar à Lisboa, muito devido a dificuldades de obter autorização de entrada em Lisboa, assim como financiamento das instituições de origem. Convém

Independente de pagamentos realizados ou não, ainda é preciso finalizar o credenciamento, presencialmente, e ao sair do hostel onde pernoitei trabalhando são cerca de 15 minutos caminhando pela avenida que é batizada com o nome daquele que foi o terceiro presidente da sociedade de geografia de Lisboa.<sup>323</sup> Homem que também é portador das pouco reconhecidas paternidade e responsabilidade técnico-química pela melhoria da qualidade do vinho português,<sup>324</sup> para chegar ao local do evento.

Sabendo que a conferência de abertura se dará no mesmo local onde resido<sup>325</sup> durante estes 10-11 meses em Lisboa, me dirijo ao respectivo, com alguma antecedência e descubro que a entrada é permitida apenas após o credenciamento. Ocorre que como bem sinalizado nas entrevistas com docentes de antropologia, houve no passado algumas fortes disputas em Lisboa sobre quem sedia o que nos congressos em antropologia,<sup>326</sup> e hoje, disputas similares permanecem no que concede as ciências humanas.

Ao analisar a programação, há uma tentativa de distribuição de atividades que pode, inutilmente tentar eliminar ou reduzir as disputas: A conferência de abertura ocorre na reitoria da Universidade Nova de Lisboa, enquanto a conferência de encerramento ocorre na Cidade Universitária, sede da Universidade de Lisboa e ao lado do Instituto de Ciências Sociais e também do ISCTE. O credenciamento, no entanto, fica no exato ponto geográfico entre estes dois extremos, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Os jantares e outras cerimônias também estão distribuídos entre lá e cá. O deslocamento para quem quiser participar das várias atividades científicas e principalmente celebrações do congresso será constante.

Ainda que bem sinalizada desde a entrada da *esplanada que tem uma faculdade*<sup>327</sup> até o já informado credenciamento, são vários minutos esperando até ser atendido no balcão de credenciamento, que está praticamente vazio. Os outros dois balcões de credenciamento também estão vazios. Tudo porque um senhor, alto, já com poucos (ou nenhum) cabelos, e passados dos cinquenta anos de vida, repete inúmeras vezes,

---

destacar que nosso grupo de trabalho foi o único, dentre mais de cem, que estava igualmente distribuído entre homens e mulheres, e com majoritária participação de componentes com origens africanas na coordenação. Éramos uma cabo-verdiana, uma moçambicana, um moçambicano, e um brasileiro. Eu era o único que não era negro. Fato único em todo o congresso. Esta situação de acesso reduzido à Portugal impactou na impossibilidade de Helder obter visto de entrada, mesmo com cartas de recomendação do congresso, e de responsabilidade, minha, junto a embaixada portuguesa em Maputo.

<sup>323</sup> Maiores detalhes em: SGL. Presidentes. 2015.

<sup>324</sup> Maiores detalhes em: SGL. Presidentes. 2015.

<sup>325</sup> Maiores detalhes em: UNL. Residência Alfredo de Sousa. 2015.

<sup>326</sup> Em parte dada a fatura de institutos e universidades com departamentos de antropologia e pelas antagônicas visões científico-políticas entre eles.

<sup>327</sup> Cf. GUERREIRO, A. Abrir um restaurante dentro da FCSH. 2015:2.

enquanto tenta manter alguma parcimônia:

*Eu não quero me associar a mais uma associação [pausa] científica. Principalmente esta. Eu quero apenas coordenar o GT<sup>328</sup> que vocês inclusive JÁ aceitaram. Eu não vou me associar. Eu não tenho interesse. E eu já paguei a absurda taxa de inscrição no evento. Não vou pagar nada mais.*

São pelo menos três monitoras e monitores a cercar o senhor, aos movimentos semicirculares, com braços levantados, pessoas claramente despreparadas, gerando total ausência de diálogo, enquanto repetem o *script* que lhes foi ensinado:

*Mas senhor, digo, professor. [pausa] Não somos nós quem fazemos as regras. Todos os coordenadores de grupo de trabalho se associaram, alguns antes de se credenciar. Você é o primeiro a contestar.*

A procura por alguém responsável é totalmente infrutífera, mas o senhor decide esperar tal chegada. E após a chegada de tal pessoa, ocorrem então ameaças de um lado de “*não ser possível a apresentação sem realizar a inscrição como membro efetivo na associação*”<sup>329</sup> e de outro de “*ser a última vez que participaria de tamanha alegoria*”. Ao fim de um bom número de pares de minutos não me fica claro se de fato ocorreu o pagamento ou não da inscrição. Pela insatisfação final do professor, português, e antropólogo, aparentemente sim.

Após a minha inscrição eu permaneço a procura de colegas brasileiras, que como outras hoje, e no passado recente, veem ao velho continente para apresentar e conhecer trabalhos em e sobre antropologias. Não há encontro, e tento correr, para enfim alcançar a mesa, que na verdade são duas, de abertura enquanto é tempo.

O salão da reitoria da Universidade Nova de Lisboa está vazio. É um salão grande e espaçoso, com duas grandes entradas, uma de cada lado, seguidas de duas grandes arquibancadas e um vão entre elas, central. Também vazios, tanto pelos espaços dedicados as partes que possuem direito a fala, como nos maiores, reservados as partes que possuem direito a escuta. Arrisco dizer que muita gente *naquele momento* é que foi realizar a inscrição, como eu, após ser impedida a entrada na reitoria. Um dos lados está, inclusive, com a entrada ainda bloqueada.

A mesa permanece vazia por longos minutos, minutos que vão sendo preenchidos com a chegada espaçada e frequente de pessoas nas centenas

---

<sup>328</sup> Literalmente “grupo de trabalho”.

<sup>329</sup> Maiores detalhes em: AILPCSH. Historial e missão. 2015.

de lugares vazios. Quase totalmente preenchidos antes da primeira pessoa sentar na centralizada mesa com quatro cadeiras, encostada a parede. Há flores na frente e atrás. São rosas. Acho.

O homem sereno e negro, talvez o único com tal fenótipo no auditório, salvo as representantes fenomônimas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e da Universidade Federal da Bahia, sentadas na primeira fila do lado esquerdo, fala calmamente em um telefone celular, ou apelidado telemóvel em Portugal, um misto de francês com português, talvez seja algum específico crioulo cabo-verdiano.

A abertura que virá a seguir será múltipla, e em duplas partes. A primeira roda é chamada de *abertura formal*, acredito que nome melhor não lhe caberia. Já a segunda é dita redonda, e também de abertura. É uma mesa. A *mesa redonda de abertura*.

A primeira sugere política, a segunda afirma acadêmica. Como se houvesse academia sem política ou política sem ciência. O simples fato de chamar autoridades políticas para a academia deveria ser suficiente para declarar o absurdo de tal distinção e separação.

Chegam uns senhores engravatados, aos pares e trios, alguns sentam nas cadeiras atrás da mesa, outros puxam celulares e papéis. Há uma, agora duas, mulheres. Alguns são convidados a sentar *fora* daquela mesa. Aguardar.

A primeira mesa conta com nomes como António Rendas,<sup>330</sup> Fernando Luís Machado,<sup>331</sup> Arlinda Cabral,<sup>332</sup> João Costa,<sup>333</sup> José Luís Cardoso,<sup>334</sup> e Cláudio Furtado.<sup>335</sup> E a segunda mesa é menor, mantendo a presença do

---

<sup>330</sup> Na altura reitor da Universidade Nova de Lisboa, em tese a universidade que sediava o evento.

<sup>331</sup> Na época era vice-reitor do ISCTE, representando a universidade. É simbólica a ausência da chefia da reitoria, uma vez que o congresso em sua primeira realização em Lisboa não incluiu a respectiva instituição enquanto sede.

<sup>332</sup> Única mulher, e veio representando a secretaria executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. É de se considerar qual é a pertinência de tal presença no congresso, uma vez que a presença é de uma representação, da secretaria executiva, que já é por si uma representação da diretoria da “comunidade”.

<sup>333</sup> Enquanto diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que realmente sediava o evento. Há evidente tensão entre a faculdade de ciências sociais e a reitoria da universidade durante a mesa.

<sup>334</sup> Apresentado como diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. A chegada deste ocorre com elevado atraso, e a saída é antecipada em uns quantos minutos. É inexistente o espaço para questionamentos pela plateia. Nas semanas prévias este senhor se ausentou de duas entrevistas públicas agendadas na televisão aberta portuguesa (redes SIC e TVI). E nas semanas imediatamente anteriores às entrevistas houve o escândalo envolvendo a censura incentivada publicamente contra a revista científica *Análise Social*, de ISSN: 0003-2573, sob direção do respectivo instituto.

<sup>335</sup> Presidente da AILCSH. Como manda a tradição, uma próxima edição, provavelmente será em Cabo Verde ou na UFBA (ele assina como integrante de ambas universidades). Imagino que na UFBA porque a imediatamente seguinte será em Moçambique, dada a nova

último nome, com a adição de outras três partes: Manuela Carneiro da Cunha,<sup>336</sup> Boaventura de Sousa Santos,<sup>337</sup> e João Paulo Borges Coelho.<sup>338</sup>

E acertadas as ordens de falas, tempos de exposição e outras regras da partida que iria começar, soam nos autofalantes a frase de Cláudio Furtado: “Está aberto o décimo-segundo Conlab”!

É perceptível um nervosismo razoável em Cláudio Furtado. Não demora muito para continuar a fala, e logo entra nas questões financeiras de uma associação de tal porte, mas não usa o termo financiamentos. Há então uma série de desculpas, pelas falhas da organização, e de agradecimentos de instituições à pessoas, de associações à comunidades, que rapidamente são substituídas pelo discurso da lusofonia em tempos de publicações em inglês. Sugere que as agendas não podem se resumir, nem ao português, nem ao inglês. É uma crítica mínima a lusofonia, se é que isto é permitido em tal espaço. Também sugere que não podemos nos restringir às ciências sociais e humanas.

Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015

É curiosa a tentativa de crítica à lusofonia em um evento construído por e para ela. E às ciências humanas, com homônima titulação da associação, a qual preside. É claro que tal comentário, ainda que discreto e pontual não seria perdoado e passado em branco. A resposta vem logo na próxima pessoa que pede a fala:

Na sequência é a senhora que representa a *comunidade dos países com língua oficial portuguesa - CPLP*, que em muito resumo recupera os elogios à

---

diretoria eleita.

<sup>336</sup> Única mulher nesta mesa, representando “o Brasil”. País que curiosamente visita a cada triênio. Quando é convidada para visitar como pesquisadora externa, i.e. estrangeira. Se o próprio Lévi-Strauss pode ser considerado *prata da casa*, sua pseudo-pupila seria auto-exilada.

<sup>337</sup> Figura carimbada em todas as edições do congresso. Dotado de um discurso supostamente decolonial. Questiona a ausência de africanos, mas dentre as dezenas de orientações que já realizou com estes é incapaz de indicar um para lhe substituir a cadeira em qualquer uma das doze edições do congresso.

<sup>338</sup> Homem com a missão de representar TODOS os países africanos, além das ex-colônias portuguesas que mantém falantes do homônimo idioma. Nos corredores diziam que veio substituindo Mía Couto, que se negou a prestar honras ao congresso. Curiosamente, dentre os mais de um bilhão de africanos, centenas de milhões negros, a representação de todos é um homem branco.

lusofonia. O uso de termos *expansão*, *avanço* e *comunidade*, é frequente. Além do óbvio, *lusofonia*. A atenção para a fala dela quase é substituída pelo alarde com os grupos de pessoas que acabam de chegar do credenciamento. Enfim abrem o segundo lado do auditório.

Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015

Após as outras três falas, fica evidente que Cláudio Furtado só participa do encontro por ser presidente da associação, e mesmo assim, o respeito a sua posição pode ser questionado quando

eu reparo que apesar de ser o presidente da sessão, e não o reitor da Universidade Nova de Lisboa, nenhuma das autoridades autorizadas a falar, percebe que, ainda que negro e principalmente “africano”, Furtado deveria ser a primeira pessoa a receber cumprimentos. Nenhuma delas o cumprimenta antes dos reitores e vice-reitoras, uma delas inclusive prioriza *as mulheres*, que era apenas uma. Uma representação, da representação, da secretaria, da fabricada comunidade de países. E após tais cumprimentos, de um lado e de outro das universidades e institutos há alguma sinalização para como este tipo de evento facilita e permite *parcerias* entre as universidades em, e não de, Lisboa. Falam de um consórcio futuro, parecido com *aquele do norte*.<sup>339</sup>

Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015

São umas boas horas de fala até completar os espaços vagos no auditório, e também os espaços de fala. E terminadas as falas, há surpresas, dentre elas, a impossibilidade de perguntas a quaisquer partes da mesa, provavelmente pela delicada situação de um certo senhor, que *tentava, meses antes censurar*<sup>340</sup> *específica revista de ciências sociais*<sup>341</sup> em Lisboa. Estava eu lá com um dos meus exemplares para lhe perguntar. Mas não ocorreu a oportunidade ou espaço. Ele saiu cinco minutos antes do fim do tempo, pela porta de trás. Mal deu tempo para começar a apresentação que era chamada de

---

<sup>339</sup> Maiores detalhes em: UP. O primeiro consórcio de universidades portuguesas nasce no norte. 2014.

<sup>340</sup> Cf. OLIVEIRA, P. Grafitti polêmicos vencem censura na Análise social. 2014.

<sup>341</sup> Remete a revista Análise Social, de ISSN: 0003-2573.

*Fado dançado*,<sup>342</sup> onde é facilmente possível de ser *visualizada*<sup>343</sup> grande distinção por género e por fenótipo, as dançarinas são cinco mulheres e apenas um homem, e os instrumentistas são todos homens. A maioria esmagadora de pele negra. Quase terminando a apresentação a mesa é convidada a participar, e entre todas e todos, apenas Cláudio Furtado é quem aparenta ter algum jeito para a coisa. Escuto um comentário na fila de trás descrevendo o possível porque. Não o quero registrar.

Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015

E acabando a primeira mesa são poucos minutos até a segunda completar o mesmo espaço, após a troca de garrafas de água, que não foram abertas.

Dentre as partes há um Boaventura, que se limita a criticar o título do congresso, diz ser impossível *revisar*, em uma jogada estratégica, traz uma definição de dicionário, saltando de *repensar para revisar*.<sup>344</sup> Sugere visitar, e aí tece uma crítica. Curioso para alguém que pede, no subtítulo, uma nova universidade, via *reforma*,<sup>345</sup> a crítica dispensa qualquer guião de leitura. Há também um sereno Cláudio Furtado, que lê, da primeira à última letra a fala. E um escritor de literatura, que faz saltos pela história, ou o contrário. Vive o sonho idealizado por nove entre dez estudantes de pós-graduação em antropologia social. E uma Manuela Carneiro da Cunha que é quem de fato começa a segunda rodada de falas, as académicas, e que se tropeça ao falar do fim da ditadura portuguesa, sugere ter acabado em 1985, foi a brasileira. Deve ter confundido. Essa gente toda falava português e era envolta por militares. E ela, sempre esteve mais lá, nos Estados Unidos, do que cá, nestes lugares que ainda falam português. Repete mais duas vezes o ano de 85. Na segunda, a última, há risos. Provavelmente pela audaciosa opção por não

---

<sup>342</sup> Maiores detalhes em: BATOTOYETU. Quem somos. 2015.

<sup>343</sup> Maiores detalhes em: YOUTUBE. Fado dançado Lisbon @ Conlab. 2015.

<sup>344</sup> Remete ao título do congresso: Imaginar e repensar o social.

<sup>345</sup> Remete ao livro: A universidade no século XXI, de ISBN: 978-85-249-1606-9.

trazer um *script* de leitura, como será identificado em todos os demais falantes, com exceção de Boaventura. Ele não precisa. A fala [dela] se estende, começa em Lévi-Strauss, salta para o perspectivismo, elogia Eduardo e começa a falar sobre a produção de mel. Talvez uma menção impossível de identificar ao *cru ou ao cozido*.<sup>346</sup> Talvez ao *mel ou as cinzas*.<sup>347</sup> Há alguma crítica a monocultura em oposição à tecnocracia. Eu poderia jurar que as abelhas, citadas como exemplos, são adeptas de monocultura. Mas como bem dito por docentes em meu departamento, eu não percebo nada disso. Há um outro que diz que não devo assinar nada antes de acabar um doutorado. A fala remete aos *laudos*.<sup>348</sup> Senhor este que nunca escreveu um.

Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015

Apesar de estar coordenando, juntamente com três colegas, um grupo de trabalho,<sup>349</sup> há espaço para visitar outros mais, e dentre estes, percebo a frequência rara de antropólogas e antropólogos no geral neste congresso de ciências sociais, tanto nos anais impressos, mas principalmente nas apresentações orais. Assim como de pesquisadoras e pesquisadores oriundos daquele continente que, mesmo após o suposto fim da colonização ainda é tido como país-objeto-de-pesquisa: África. Apenas no nosso grupo de trabalho, são quatro as pessoas que não puderam apresentar, pela “origem africana” e total incapacidade de financiamento para o deslocamento até a Europa.

Um de nossos coordenadores, eram três pessoas de lá - ocorrência única entre os mais de cem grupos de trabalhos -, inclusive não veio para o congresso, mesmo com bilhetes reservados e com recursos, pois dada a origem, de ex-colônia, de seu país de origem, hoje Moçambique, e dos *esforços dos serviços de emigração e fronteiras*<sup>350</sup> em manter *essa gente* longe do precioso espaço europeu, não lhe foi permitido o visto de entrada. A participação no congresso se deu via Skype.<sup>351</sup>

Em outros grupos de trabalho escuto uns relatos interessantes, encontro docentes famosos apenas como pacientes ouvintes - fugindo do congresso -

<sup>346</sup> Remete ao livro: *Mythologiques: Le cru et le cuit*, de ISBN: 978-22-590-0413-8.

<sup>347</sup> Remete ao livro: *Mythologiques: Du miel aux cendres*, de ISBN: 978-22-592-1101-7.

<sup>348</sup> Cf. LEITE, I. Os laudos periciais. 2005:15-18.

<sup>349</sup> E como de praxe sem apoio financeiro por parte de meu programa de pós-graduação.

<sup>350</sup> Maiores detalhes em: ACIDI. Retorno voluntário. 2015.

<sup>351</sup> Maiores detalhes em: SKYPE. Sobre o Skype. 2015.



, em suas palavras, e também bons livros, alguns de editoras africanas.<sup>352</sup> Muitos em português.

Imagine a minha surpresa ao ouvir aquela senhora apresentando a sua longa pesquisa, de três meses, com refugiados “africanos” residentes no Brasil quando expõe que:

*E ele veio me dizer, nestes termos, bastante alterado, enquanto eu tinha que controlar os policiais qualquer coisa como “minha senhora, não existem gays [como você descreve] no Congo”. Eu tive que rir na cara dele, como assim não existem? Não é porque ele nunca viu, que ninguém nunca os encontrou que eles não existem. Até parece que existe um lugar no planeta que não existem gays.*

Em outro lado do congresso encontro um professor, praticamente expulso desta universidade, e que aqui retorna, agora como debatedor em um congresso. Fato curioso, como de costume, fumando, quando lhe pergunto sobre a possibilidade de uma entrevista, e este me recebe com uma resposta afirmativa. Algum tempo depois encontro ele em outra instituição. É uma entrevista aos sons de decolagens e pousos dos aviões da TAP. Afinal, Lisboa tem um aeroporto praticamente dentro da cidade. É impossível passar umas poucas *horitas*<sup>353</sup> ali e não ouvir os aviões a chegar e a sair.

E foi num destes aviões, que eu vou embarcado para Barcelona seis meses antes, para não encontrar lá brasileiras ou brasileiros.<sup>354</sup> O jeito é pegar outro voo e ir até a Estônia, no maior congresso europeu de antropologia social. Sou uma das poucas, somos oito, pessoas aceitas a apresentação de dois materiais no encontro. Ainda assim não é suficiente para justificar a recepção de auxílios financeiros em meu programa de pós-graduação.

---

<sup>352</sup> Sugiro a coleção “Cadernos de ciências sociais”, da Escolar Editora, por Carlos Serra.

<sup>353</sup> O mesmo que *horazinhas*, é frequentemente utilizado em Lisboa.

<sup>354</sup> A organização do congresso decidiu entregar os certificados de apresentação durante a inscrição, no primeiro dia do evento. O resultado foi que os brasileiros e as brasileiras, que respondiam pela maioria esmagadora de participantes no evento, literalmente trocaram a universidade pelos bares catalães, deixando quase todas as salas da universidade vazias.

## 9 UMA RELAÇÃO EUROPEIA: O CASO DA EASA E PORTUGAL

Passados 25 anos desde o primeiro congresso da associação europeia de antropologia social, que foi realizada em Coimbra, é simbólico o convite para a então presidente da associação portuguesa de antropologia fazer a fala de abertura na plenária principal da 13ª reunião da respectiva europeia associação. Simbólicas mesmo podem ser aquelas partes dos discursos que encerram tais pronunciamentos:

*The creation of EASA in 1989 was an important turning point for anthropology. And also for portuguese anthropology. [...] In our peripheral condition, portuguese anthropology was very successful in addressing the challenges [...] through the articulation up the networks in Europe and the Atlantic world, namely with the vibrant<sup>355</sup> anthropology of the portuguese speaking world, which brazilian anthropology is a good example. His bridges for collaboration where one of the most important outcomes from EASA.*<sup>356</sup>

Há um ponto intermédio, em 2004, quando um português, João de Pina-Cabral, é presidente da associação europeia de antropologia social, e

---

<sup>355</sup> Passados quase dois anos ainda me restam dúvidas se a semelhança com o nome e a nacionalidade do periódico, de ISSN: 1809-4341, não é intencional. Uma performance.

<sup>356</sup> Uma tradução transcrita possível do original em Lima (2014) pode ser lida como: *A criação da EASA em 1989 foi uma importante reviravolta para a antropologia. E também para a antropologia portuguesa. [...] Em nossa condição periférica, a antropologia portuguesa obteve muito sucesso em encaminhar os desafios [...] pela articulação de redes na Europa e no transatlântico, nomeadamente com a vibrante antropologia dos países falantes de idioma português, onde a antropologia brasileira é um bom exemplo. As pontes para a colaboração foram um dos mais importantes resultados obtidos pela fundação da EASA.*

permite que lá haja espaço quase reservado para uma mesa inteira de antropologias brasileiras. A questão das antropologias escritas e faladas em português, é retomada, pela mesma antropóloga, dias mais tarde, no mesmo evento, na apresentação do novo editor geral da *American Ethnologist*:<sup>357</sup>

O auditório está lotado. Todas as pessoas aqui aguardam duas falas em especial: Uma sobre o significado histórico da edição da *American Ethnologist* pela primeira vez realizada fora dos Estados Unidos. E outra, sobre as propostas da nova equipe editorial. Nesta segunda fala, o que mais chamaria a atenção, sem distância alguma, é quando Niko Besnier comenta que “*serão incentivados, e parcial ou totalmente financiadas as traduções e reviews em idiomas distintos do inglês*”. Melhor, haverá recepção de originais em outros idiomas. E não somente *européus*, seja lá o que isso signifique. Após o alvoroço posterior a tal afirmação, um sem fim número de braços vão sendo levantados, as perguntas variam desde “*quem vai pagar por isso*”, ou “*quais os idiomas que serão prioritários*” até resistências afirmando que “*toda a gente tem de saber publicar em inglês*”, mas dentre estas perguntas, aquela que vem da atual presidente da associação portuguesa de antropologia é a que mais me chama a atenção: “*Eu compreendo a importância de traduções de textos escritos em idiomas como russo, chinês, árabe, entre outros, mas gostaria de saber, considerando a antropologia produzida nos países falantes em português, nomeadamente Brasil e Portugal, qual é a possibilidade de termos subsídios para este tipo de avaliação, de materiais escritos em português?*” Ainda mais surpreendente é a resposta, que é prontamente disponibilizada, com um “*o idioma português, juntamente com os respectivos chinês, russo, árabe, e adicionaria pelo menos alemão e francês, além do italiano, japonês e espanhol, serão prioritários. E nós entraremos em contato com as respectivas associações nacionais, pedindo pareceristas falantes e fluentes destes idiomas*”.<sup>358</sup>

Diário de campo, de 3 de agosto de 2014

De certa forma, não é difícil assumir que a internacionalização das antropologias e países, com ditas, periféricas posições, parece

<sup>357</sup> Remete ao periódico homônimo, de ISSN: 1548-1425.

<sup>358</sup> O registro de tais comentários estão feitos em português em meu diário de campo.

necessariamente passar, tanto por congressos como por periódicos internacionais, e normalmente com redes de difusão em inglês.

Para a associação europeia de antropologia social não é muito diferente, se quando nasce (1990), tem o primeiro encontro em Portugal, fora da capital, passados dois anos vai à República Tcheca (1992). Nos encontros seguintes, passa por Noruega (1994) e por Espanha (1996). E em 1998 se realiza na Alemanha, e passados mais dois anos vai à Polônia (2000). Apenas após passar por Dinamarca (2002) e por Áustria (2004), é que de fato o congresso chega a um país reconhecidamente como referência mundial em antropologia: Inglaterra (2006), mas não será em Londres. Posteriormente ainda passa por Eslovênia (2008) e novamente no Reino Unido, agora na Irlanda (2010), para então aterrissar na França (2012), praticamente em Paris, chegando, enfim em 2014 na Estônia, na capital, Tallinn.

Ao olhar os anais desta última conferência, em Tallinn, da associação europeia de antropologia social, é perceptível a redução do corpo de brasileiras e brasileiros, quando comparada as edições anteriores. É que este encontro no entanto, ocorre na mesma semana da reunião brasileira de antropologia. Não são necessárias grandes reflexões ou grandes explicações. E o erro, como já exposto nos capítulos introdutórios, não são de alguém que falasse português pleno, fosse este brasileiro, europeu ou africano.

Não querendo dizer qualquer coisa neste sentido, mas ao analisar a coordenação de grupos de trabalho, seminários e a participação nas conferências nos quatro principais congressos de antropologia social que podem envolver corpos de pesquisa de Brasil e Portugal, o que é mapeado é que:

Dos 136 painéis realizados na Estônia em 2014, em quatro deles há alguém de Portugal na coordenação. Em outros três há alguém do Brasil. Não há parcerias entre os dois países enquanto coordenadores.<sup>359</sup> É um número bastante distinto do observado dois anos antes, em Paris, onde ocorrem 141 painéis, mas em quatorze deles há alguém de Portugal na coordenação. E em um décimo-quinto há alguém do Brasil, há ainda um último, onde ocorre uma parceria na coordenação.<sup>360</sup> E em 2010, sediada em Maynooth, são apenas 120 painéis, mas em sete deles há alguém de Portugal na coordenação. Não há ninguém do Brasil coordenando, exceto naquele painel onde há coordenação é compartilhada com uma face portuguesa.<sup>361</sup>

Confirmando os nomes, de alcunha portuguesa, que se ausentaram na última edição da EASA, e que estavam presentes nas duas anteriores, todas

---

<sup>359</sup> Cf. EASA. Panels. 2014.

<sup>360</sup> Cf. EASA. Panels. 2012.

<sup>361</sup> Cf. EASA. Panels. 2010.

as partes, sem exceção, estavam na última RBA. E destas, uma pessoa, agora é residente permanente na Unicamp e no Brasil.<sup>362</sup>

E ainda sem querer dizer nada além disso, mas se dando ao luxo de dizer, apenas em efeito de comparação, nas últimas três RBA, a quantidade de grupos de trabalho e seminários saltou de 79 em 2010, para 134 em 2012 e se manteve nos 135 em 2014, e a participação portuguesa manteve um percentual relativo ao total nas três edições. Se em 2010, são seis os corpos de coordenação com participantes do Brasil e de Portugal simultaneamente,<sup>363</sup> em 2012 este número dobra, atingindo a quantia de doze corpos de coordenação com participantes de Portugal,<sup>364</sup> não muito distante das onze participações que se juntam com nativas e nativos em 2014.<sup>365</sup>

A situação pode ser percebida e mapeada por múltiplas perspectivas:

E eu, mesmo apresentando duas comunicações daqui umas semanas no maior congresso de antropologia da Europa, em Tallinn, recebo a seguinte justificativa de negativa do pedido de apoio financeiro do programa de pós-graduação em antropologia social no Brasil para um deslocamento dentro do espaço europeu: “*de acordo com a CAPES<sup>366</sup> nem a pró-reitoria de pós-graduação nem [o] programa de pós-graduação podem conceder auxílio evento para participação de mestrands em eventos na Europa*”, enquanto sei de uma massiva presença de colegas com destino à *reunião brasileira de antropologia*<sup>367</sup> para reapresentar prévias sínteses de trabalhos de conclusão de curso da graduação em ciências sociais, ou ainda atuais projetos de pesquisa, das recém-inscrições para ingresso no mestrado, de graduadas e graduados em áreas distintas das ciências sociais, e obviamente da antropologia, sob financiamento gerido por tal homônimo programa de pós-graduação.

---

<sup>362</sup> Remete a professora Susana Durão.

<sup>363</sup> Cf. ABA. 27ª RBA. 2010.

<sup>364</sup> Cf. ABA. 28ª RBA. 2012.

<sup>365</sup> Cf. ABA. 29ª RBA. 2014.

<sup>366</sup> Remete a portaria nº 64 da CAPES, de 24 de março de 2010. Online e disponível em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento\\_PROAP\\_Portaria64\\_240310.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento_PROAP_Portaria64_240310.pdf). Posteriormente é revogada pela portaria nº 156 da CAPES, de 28 de novembro de 2014, que remove esta e outras limitações. Online e disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/PORTARIA-N-156-DE-28-DE-NOVEMBRO-DE-2014.pdf>.

<sup>367</sup> Maiores detalhes em: 29ª RBA. Página inicial. 2015.

Diário de campo, de 19 de julho de 2014

Desilusões variadas pelas sobreposições de datas entre a reunião de antropologia no Brasil e o encontro de antropólogos e antropólogos sociais na Europa são também compartilhadas em outros relatos:

*Não, é que foi dramático. Eles marcaram a RBA<sup>368</sup> naquela data pra não coincidir com a EASA.<sup>369</sup> E a EASA mudou a data [depois]. [...] Eu [me] lembro de estar em uma conversa com a Carmen [Rial] e a Miriam [Pillar Grossi] na EASA anterior, em Paris [...] estar a conversar e a Miriam a dizer: “Não, vamos mudar a data da RBA”. [...] Eu estava para não ir a EASA, para poder ir pra RBA, entretanto eu tive o convite para ir para a EASA falar no plenário principal. E quem é que vai dizer que não [vai]? [...] Se não fosse a plenária eu não teria ido pra Estônia.*

Entrevista com Antônia Pedroso de Lima

Além de ser possível a observação de outras manifestações por curiosos atentos:

Porque é no mínimo provocador de especulações sobre relações entre associações nacionais e internacionais de antropologias quando a passada presidência da associação portuguesa de antropologia literalmente abandona o encontro bianual europeu de antropologia, às pressas, acompanhada do novo editor do periódico *American Ethnologist*<sup>370</sup> para se encontrarem com as representações da associação norte-americana de antropologia e outra meia dezena de antropólogas e antropólogos com origens portuguesas, entre outras europeias origens, que já estão na reunião brasileira de antropologia e nem os pés colocaram em Tallinn. Diria que para chegar ao pós-evento que os inclui enquanto presença esperada e obrigatória. Lembram-me das recentes presenças brasileiras na última reunião da associação japonesa de antropologia.<sup>371</sup>

Diário de campo, de 4 de agosto de 2014

---

<sup>368</sup> Remete a 29ª reunião brasileira de antropologia.

<sup>369</sup> Remete a 13th *European association of social anthropologists biennial conference*.

<sup>370</sup> Que pela primeira vez foi editado fora dos Estados Unidos, de ISSN: 1548-1425.

<sup>371</sup> Cf. ABA. Informativo nº 08/2014 | 14/05/2014. 2014.

E se estas fugas para o Brasil não são assuntos tabu entre as partes que delas participam, curiosas seriam se não fossem previamente arquitetadas e intencionalmente e minuciosamente planeadas:

*Bom, eu agora sou presidente da APA.<sup>372</sup> E justamente nós na APA, já [desde] a última direção, e a anterior, com a Susana [de Matos] Viegas, e o Robert Rowland, lutou-se imenso por [estabelecer e fortalecer] esta relação entre a ABA e APA. No último congresso, em Vila Real,<sup>373</sup> a Carmem Rial era presidente da ABA, e foi convidada pra vir, pra participar nos nossos duetos<sup>374</sup> [...] no congresso da ABA no ano a seguir [...] eu fui convidada pra ir pra Natal. [...] Mas claro que a antropologia portuguesa e brasileira tem um longo historial de relações, sobretudo, mais recentemente, [...] com a Cristiana [Bastos] e com o Miguel [Vale de Almeida] [...] e a Bela Feldman-Bianco. [...] Por duas razões: Uma eu queria imenso [ir ao congresso da ABA], achava mesmo ser importante, a relação, entre Portugal e Brasil, as duas associações de antropologia, e outra, era uma questão de retribuição com colegas do Brasil que tinham vindo cá, em 2013. E em terceiro lugar, eu queria ir a EASA, mas não dava de ir pra lá, porque era uma correria louca. [...] Queria mesmo ir [ao congresso da ABA]. Foi mesmo uma opção, por várias razões, e sobretudo institucionais e pessoais também. E achei que o convite da Miriam [Pillar Grossi] foi muito agradável, e foi bom. E enfim, abdiquei mesmo da EASA pra ir a ABA, sim.*

Entrevista com Clara Saraiva

Outras fronteiras e contatos são visíveis entre a Europa e a Rússia, em Tallinn, onde é permitido conhecer também as identidades políticas e académicas que perpassam os contatos entre os países membros da associação europeia de antropologia social quando é necessário pontuar sob um acordo comum uma definição de quais são os objetivos da associação,

---

<sup>372</sup> Remete a associação portuguesa de antropologia. ABA, por sua vez, remete a sigla da associação brasileira de antropologia. No entanto, assim como identificado nas conversas com outras partes docentes, é uma menção à RBA, que seria a reunião brasileira de antropologia. A substituição de RBA por ABA nas falas de docentes provavelmente se deve a homonímia identificada entre o congresso e a associação portuguesas. Situação próxima ocorre, como visto na mesma fala, com as menções ao encontro da associação europeia de antropologia social, EASA.

<sup>373</sup> Maiores detalhes em: APA. Congresso 2013. 2013.

<sup>374</sup> Arrisco dizer que se trata de uma conferência plenária e não um dueto. Talvez ambas.

via publicação de uma *resolução específica*.<sup>375</sup>

E esta gente investe se não todo, mais da metade do tempo disponível a discussões em torno de um ponto dos denominados “objetivos da associação”, especificamente propondo alterá-lo do texto original que é “*The objects of the association are to promote education and research in social anthropology by improving understanding of world societies and encouraging professional communication and cooperation between anthropologists, especially those working in and on Europe*” para “*The objects of the association are to promote education and research in social anthropology by improving understanding of world societies and encouraging professional communication and cooperation between anthropologists, especially in Europe*”.<sup>376</sup> Há euro-dificuldades aparentemente em compreender que “aqui” nascer, viver ou pesquisar não possui sinônimo em consenso quanto à primazia e hierarquia enquanto categorias com capacidades de produção de discursos sobre práticas de “identidades” em antropologia.

Diário de campo, de 4 de agosto de 2014

A discussão que versa sobre a manutenção de um estatuto enquanto “*quem possui identidade legitimada por esta associação enquanto europeia*” pode variar de múltiplas abordagens e defesas, perpassando por: “*nascer na Europa*”, “*viver na Europa*”, “*ter se graduado na Europa*”, “*trabalhar na Europa*”, “*pesquisar na Europa*”, “*pesquisar sobre a Europa*”, “*todas as anteriores e umas mais*” até a quase unanimidade, e final decisão, e ressaltos que é prévia ao debate, que é “*ter as quotas com a european association of social anthropologists em dia*”, afirmadas e repetidas desde o início: “*I repeat: Only full members has right to vote*”.<sup>377</sup> E ao fim há terminal confirmação de aceite enquanto identificador o desejo demonstrado pelo pagamento em centenas de euros realizado.

<sup>375</sup> Cf. EASA. Members’ forum discussion. 2014:4.

<sup>376</sup> Uma tradução possível dos trechos em discussão pode ser lida como:

“*Os objetos da associação são promover educação e pesquisa em antropologia social por incrementar a compreensão das sociedades no mundo e incentivar a comunicação profissional e cooperação entre antropólogas e antropólogos, especialmente aquelas pessoas trabalhando na e sobre a Europa.*” & “*Os objetos da associação são promover educação e pesquisa em antropologia social por incrementar a compreensão das sociedades no mundo e incentivar a comunicação profissional e cooperação entre antropólogas e antropólogos, especialmente na Europa.*”

<sup>377</sup> Uma tradução possível da fala de abertura que gerou a Newsletter (EASA, 2014) pode ser lida como:

*Eu repito: Apenas sócios de direito pleno possuem o direito ao voto.*



Ao partir de similares perspectivas não deve ser difícil atingir semelhanças nas problemáticas de definição de limites no ambiente de identidades lusófonas produzidas entre antropologias brasileiras e portuguesas. E ao buscar definições com alguma articulação política, se pode apropriar dos ideais de *lusotropicalismo*,<sup>378</sup> enquanto aquilo que se revela parte do que busca definir e construir lógica, mas a tendência é perceber como o lusotropicalismo é constituído sob uma ideologia *lusocentrista*,<sup>379</sup> que em consequência permite remover e impossibilitar *tropicalismos*.<sup>380</sup> Mas as relações não devem ser compreendidas ou problematizadas enquanto produtoras de limites entre antropologias, mas entre produtoras de conexões entre as várias partes que compõem o que se definem enquanto pesquisas, e neste sentido, devem incluir desde antropólogas e antropólogos até os corpos de interlocutoras e interlocutores.

O fato de todos os duetos na última reunião da associação portuguesa de antropologia<sup>381</sup> serem formados por pares dos dois lados do atlântico, e de duas, das três conferências maiores serem reservadas à antropologia brasileira - a terceira é reservada ao mesmo senhor que tem o capítulo final daquele *livro que falava sobre antropologia brasileira*,<sup>382</sup> também reservado para si-, é o único estrangeiro lá, deve dizer algo sobre as aproximações entre as duas antropologias. Assim como, neste mesmo congresso, dos 60 grupos de trabalho, quatorze incluem uma ou mais partes do Brasil, e oito são formados unicamente por brasileiros, ou em alguns casos, parcerias entre Brasil e Espanha, sem o lado português.

---

<sup>378</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. Portugal's colonial complex. 2008:1.

<sup>379</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. Portugal's colonial complex. 2008:7-8.

<sup>380</sup> Cf. HOLLANDA, H. O susto tropicalista na virada da década. 2004: 62-64.

<sup>381</sup> Cf. APA. Congresso 2013. 2013.

<sup>382</sup> Remete ao livro: O campo da antropologia no Brasil, de ISBN: 978-85-8601-181-8.

## 10 PRODUZIR ANTROPOLOGIAS EM PORTUGUÊS

E tanto lá, quanto cá, se é que é possível estabelecer tais lados, de certa forma pode ser identificada alguma relação entre o fazer antropológico e a participação em congressos científicos, sejam eles nacionais ou não. Há quem se permita voltar uma ou quase duas décadas atrás, buscando primeiros traços de tais participações. De certa forma, quase justificando relações da contemporaneidade:

*Há um interesse que nós começamos a ter. O nós sou eu e a Susana [de Matos Viegas], mas ao mesmo tempo uma ligação que tínhamos com a Bela [Feldman-Bianco] em Campinas. Em Lisboa, João de Pina-Cabral também estava interessado nisso. Tínhamos já uma amizade, uma conexão com o Omar [Ribeiro Thomas], também em Campinas. E por sua vez a Bela tinha ligações com historiadores e antropólogos outros.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Sem grandes dificuldades é possível perceber que há agentes, locais, focos de pesquisa e instituições que sustentam alguns nós das relações que vão sendo mapeadas. Os propósitos de tais relações é que podem não ser tão evidentes, mas principalmente as possibilidades que acabam por lançar.

*E nós começamos a organizar um seminário, que aconteceu em Campinas [em São Paulo] e aconteceu também na Arrábida, aqui perto de Lisboa, na Fundação Oriente.<sup>383</sup> Os dois seminários é *sui generis* ao juntarmos esse grupo de pessoas mais alguns convidados e a ideia era discutir aquilo que está*

---

<sup>383</sup> Recebi informações de outras partes que houve mais dois seminários não relacionados.

*no [livro] trânsitos coloniais.<sup>384</sup> Pronto. Não há grande novidade aí. Eu, entretanto organizei um número especial da [revista] etnográfica sobre antropologias brasileiras.<sup>385</sup> Pronto.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Os desenvolvimentos futuros mais evidentes são vistos e alegados como produções académicas, seja na forma de livros, congressos ou mesmo dossiês em periódicos, mas inocentes seríamos, se pensássemos que os avanços são finitos a bens materiais, e que não houvesse desenvolvimentos teóricos ou epistemológicos únicos.

*Eu estou a falar dessas duas coisas por quê? Porque é tudo coincidente: Fazer trabalho de campo no Brasil, mas ficar fascinado com o colonialismo português, graças ao trabalho de campo no Brasil. E ao mesmo tempo a conexão entre antropólogos portugueses e antropólogos brasileiros através da conexão ISCTE e Instituto de Ciências Sociais, e Campinas, sobretudo a Unicamp.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Algumas agentes, no entanto, podem ter papéis um tanto quanto de distinção, ou diria de maiores envolvimento, em dados momentos do processo de construção das relações.

*Quer dizer, quem iniciou a relação entre as duas antropologias foi a Cristiana [Bastos], porque na época ela estava fazendo o doutorado em Nova Iorque, no início de noventa. [...] Com trabalho de campo no Brasil, e depois, mais tarde ela vinculou com o pessoal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, não do Museu [Nacional]. [...] E organizou um primeiro seminário, uma espécie de seleção de antropólogos portugueses, e de antropólogos brasileiros, para se juntarem e se conhecerem.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Mas tão inocente quanto, seria supor que a rede se estabeleceria ali. E assim se concluiria, ou permaneceria sem posteriores novos ingressos:

*Conheci pessoas como o João Pacheco [de Oliveira], o Antônio Carlos de Souza Lima, o Luiz Fernando Dias Duarte, na*

---

<sup>384</sup> Remete ao livro homónimo, “Trânsitos coloniais”, de ISBN: 978-972-671-089-9.

<sup>385</sup> Remete a revista Etnográfica, número 4 e volume 2 em novembro de 2000.

*altura Yvonne Maggie, o Peter Fry, eram pessoas que eu nunca tinha ouvido falar, imagine, o grau de afastamento e ignorância, e eles nunca tinham ouvido falar de nós. Nada, nada, nada, nada, nada.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

E de certa forma, a perspectiva de Europa, ou Estados Unidos, enquanto ápice e centro de pensamento, notadamente antropológico contemporâneo, quase tido como único e primordial, pode ser revelada como desconstruída, assim como permitir evidenciar a alocação de novas figuras de empoderamento, sejam humanas ou institucionais:

*Ou seja, nós vivíamos na esfera “nacional” e já muito na esfera europeia. Nós, antropólogos portugueses, contemporâneos, que trabalham nos departamentos estávamos há muito tempo entrosados com a associação europeia de antropologia social, o primeiro congresso foi feito cá [em Coimbra] [...] E aí com muita liderança do Pina-Cabral. [...] Ou seja, a nossa ligação era toda aí. Depois alguns de nós, claro, faziam antropologia... [E] tinham ligações antropológicas internacionais através da american association of anthropology dos Estados Unidos, mas era basicamente a european association of social anthropologists quando nós vamos ao Rio de Janeiro nesse primeiro encontro. [...] Mas eu acho que foi noventa e cinco.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Assim, mais do que apresentar contextos que surgem após práticas categorizadas enquanto de períodos coloniais, pode-se propor enaltecer especificidades que ocorrem no fabricado mar de relações tecido entre territórios lusófonos específicos.

*Foi uma preocupação, que eu acho que tem a ver com o ar dos tempos, com a globalização, com a necessidade de criar uma ligação transversal, horizontal, em que tanto os brasileiros como os portugueses reconheçam que eram periféricos. [...] mas isso foi apenas um aspecto de alguns de nós, houve pessoas que começaram a trabalhar [...] [por exemplo, sobre] toda uma agenda de pensamento sobre a questão indígena. Outros de nós sobre questões coloniais e pós-coloniais. E depois, a partir daí, começa, e eu acho que é a partir do ano 2000 mais ou menos... O século XXI é que marca isso aí. É um boom, que já nós não controlamos. Esse é um boom que tem várias coisas: [...] é o boom dos [doutorados] sanduíches brasileiros, e*

*da circulação internacional brasileira. Tem uma importância gigantesca o esforço e a generosidade de colegas brasileiros, que tendo financiamento nos levavam muito pra lá, congressos, conferências, aulas, etc. Coisa que nós não podíamos retribuir do mesmo modo, pois nós apanhamos a queda do financiamento. Retribuímos como? Recebendo muita gente. E aí recebemos mais do que receberam lá. Mas também ninguém queria ir de cá pra lá. [...] Só agora, com a crise do emprego é que as pessoas vão, e inclusive há colegas nossos que vão [quando] abrem concursos lá, concorrem, etc. Mas, uma coisa é certa: A partir de um determinado momento, os nossos alunos de pós-graduação, começam a levar o Brasil a sério.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

Não é difícil mapear a origem destes financiamentos e recursos, ainda que quase impossível perceber tal situação para quem vive na Europa. A década foi marcada, não por um,<sup>386</sup> nem por dois<sup>387</sup> investimentos, mas por toda uma coletânea, que aqui não cabe listar, diretamente nos tais doutorados-sanduíches e doutorados plenos no exterior.

Apesar de sugerida apresentação dicotômica, em exclusivos dois lados, e em tese com *status* fixos, na colonização, não raras vezes *em traços maniqueístas de ação*,<sup>388</sup> há autorias que questionam os limites de tal binarismo, apresentando potencialidades de *permuta de agência de influência entre as partes*,<sup>389</sup> *inversões de posições ou papéis*,<sup>390</sup> ou perspectivas alternativas de distribuição de agência, como *centros subalternos*<sup>391</sup> ou compartilhados de construções e usos de poder.

Portanto, há toda uma influência que não é necessariamente neocolonial, é mais de comunidade, isto é, de reconhecimento mútuo, a mesma língua, a ideia de uma sociedade organizada de forma semelhante, sistemas políticos com alguma semelhança e uma herança histórica rotativamente semelhante.<sup>392</sup>

Outras análises podem ser dualistas e se esforçar para *delimitar dois lados*

<sup>386</sup> Maiores detalhes em: MEC. Capes altera programa de bolsa de doutorado-sanduíche no exterior. 2005.

<sup>387</sup> Maiores detalhes em: MEC. O que é o REUNI. 2010.

<sup>388</sup> Cf. PELS, P. The anthropology of colonialism. 1997:165-166.

<sup>389</sup> Cf. CASTELO, C. Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre. 2011:272-274.

<sup>390</sup> Cf. BASTOS, C. Um centro subalterno? 2014:149-150, ver nota 25.

<sup>391</sup> Cf. BASTOS, C. Um centro subalterno? 2014:137-138.

<sup>392</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. *et aliae*. Sobre a conquista de direitos civis em Portugal. 2012:475-476.

de fronteiras, com identidades em deslocamentos em áreas afirmadas como transnacionais,<sup>393</sup> orientadas por aportes históricos, ainda que com esporádicas sugestões por alguma mobilidade de tais impressos limites.<sup>394</sup> E nesta produção de dualidades, há ainda possibilidades de sugestões de reapropriações no contexto brasileiro de discursos criados previamente no velho mundo antes de estes terem retornos à Europa,<sup>395</sup> ou apostas na constituição de uma história de produção antropológica quase comum aos países da península ibérica, ou mesmo europeia.<sup>396</sup>

Assim, não somente não se reduzem a primazias por ver um lado, ou outro, da história registrada ou conhecida, mas sim, permite conhecer partes das facetas “posteriormente” a estes contextos tecidas.

Ao permitir concordar com existências de relações de parentesco, alianças e continuidades de contatos prévios entre antropologias e colonialismos,<sup>397</sup> há abertura para paralelos aceites de promoções de sugestões por deslocamentos metodológicos para selecionar não territórios, ou fabricados Estados-nações,<sup>398</sup> distinguidos entre nações colonizadoras e nações (diria territórios)<sup>399</sup> colonizadas, para aproximações na pesquisa, mas priorizando contatos com campos e áreas de saber. Os impactos para a seletiva ignorância podem ter longa duração.

*Hoje começa haver, digamos alguma convergência, mas [...] havia uma certa divergência, primeiro porque essa gente que estava na antropologia física eram todos médicos [...] Aquela antropologia era uma anatomia dos povos primitivos [...] uma disciplina comparativa. Se quisesse uma disciplina de anatomia comparativa. Ponto. Na crença de que as raças até de um ponto de vista físico eram diferentes e classificáveis entre si. Iam muito pelos fenótipos. [...] E com isso pensavam que essa diferença era fundamental. [...] Ou seja, essa marca, “ideológica”, da antropologia física, permaneceu e marcou. Portanto a etnologia, a antropologia social e cultural tem uma “repulsa” em relação a essa parte. [...] E depois a essa repulsa, juntou-se outra, quando foi a revolução [dos cravos], em 74-75 [...] havia também um mal-estar e uma convivência difícil com o seu passado colonial, e o que [e] que [se] fez? Aconteceu o seguinte: Deixou-se também a etnologia colonial ser contaminada pela [repulsa pela] antropologia física*

<sup>393</sup> Cf. GOMES, F. Entre fronteiras e sem limites. 2014:177.

<sup>394</sup> Cf. GOMES, F. Entre fronteiras e sem limites. 2014:190-191.

<sup>395</sup> Cf. LEÃO, A. Nós e os franceses. 2014:644-645.

<sup>396</sup> Cf. SÁNCHEZ GÓMEZ, L. Cien años de antropología en España y Portugal (1870-1970). 1997:301-303.

<sup>397</sup> Cf. ASAD, T. Introduction. 1973:14-16.

<sup>398</sup> Cf. SOUZA LIMA, A. Tradições de conhecimento na gestão colonial da desigualdade. 2014:154-156.

<sup>399</sup> É sobre os territórios que a relação entre geografia, antropologia e colonialismo se molda.

*colonial. “É tudo a mesma coisa”, quando é [tudo] muito diferente.*

Entrevista com Rui Mateus Pereira

Assim, ao invés de imersões etnográficas escolhidas ao arbítrio entre Brasil ou Portugal, pode-se optar pela tentativa de imersões em mobilidades por antropologias entre elas produzidas. Ainda que bastante questionáveis as capacidades em quem se afirma precursor, algumas possibilidades também podem sugerir encontros com abordagens que algumas autorias podem comparar com tipologias autoproclamadas *multi-situadas*<sup>400</sup> com incentivos a tais mobilidades, para permitir, em tese, tecer outras aproximações entre os sugeridos contextos, idealmente outras configurações, mais sofisticadas de mobilidades na prática etnográfica.

*A questão da mobilidade não esteve no presente do pensamento antropológico, mas teve lá sempre paradoxalmente... Neste mesmo senhor que “inventa a observação participante”, que depois é pensada como uma coisa localizada, ele inventa numa situação de mobilidade. Porque, para todos os efeitos o Kula,<sup>401</sup> é um sistema de mobilidade entre ilhas, não é? [...] Portanto, a ideia de mobilidade não nasce de repente na antropologia pós-moderna americana no fim da década de 80, ou durante a década de 80 e 90. Mas não tendo nascido aí [há ainda] todo o pensamento que faz a desmontagem epistemológica da história da antropologia [...] [que] desmonta de forma correta tudo aquilo que inibiu o tratamento da mobilidade. Ou seja, mostra que realmente a mobilidade não foi trabalhada, porque a própria concepção do que [é] que era a cultura, e do que [é] que era o outro, e do que [é] que era o tradicional, etc., etc. essa mesma concepção inviabilizou as tomadas de atenção para as questões da mobilidade.*

Entrevista com Filomena Silvano

E ao priorizar relações e movimentos em campos de saber, e não desvios entre ideais do que se pode afirmar enquanto transferências e influências entre nações se torna permitido evitar parte das construídas e prévias distinções entre subalternidades e hegemonias (e tantos outros potenciais sistemas de fabricadas oposições e binarismos) como alegadas perspectivas de saídas principais, como as conclamadas posições de conflitos entre quem em tese domina e quem em contrapartida é alvo de

<sup>400</sup> Cf. MARCUS, G. Ethnography in/of the world system. 1995:96-97,105-110.

<sup>401</sup> Cf. MALINOWSKI, B. The essentials of the Kula.2005:62.

proclamadas dominações, que acabam disfarçadas quase como *perguntas de partida*.

Destaco que as duas-três únicas aulas de método durante todo o período de mestrado em antropologia que faço em Portugal, são incluídas na única cadeira de teoria antropológica e são independentes da existência de qualquer disciplina homónima no curso. Há, no entanto, constantes incentivos e também alertas para todo o corpo discente nas aulas, principalmente sobre a escrita da tese e sobre a urgência em definir “*o que vão pesquisar*”, sendo esta situação distante do vislumbrado em minha universidade de origem, onde encontro dezenas de colegas que possuem a pergunta, no singular (e diria que na imensa parte dos casos também a resposta, também no singular), além de todo o referencial bibliográfico “necessário-adequado”, antes mesmo do ingresso no programa de pós-graduação, sendo este referencial não raras vezes temático, ou oriundo da primeira formação, que é distante da antropologia, e onde o diálogo com a antropologia se não inexistente, é reduzido.<sup>402</sup> A bibliografia em muito pende a fidelidade para a orientação e é utilizada sem grandes rodeios unicamente para fins de validação e justificação da **pergunta que é construída para uma resposta que lhe é prévia**. A pergunta de saída é assim, quase uma noiva ofertada à prévia e estranha resposta, que é paga com o dote denominado referencial bibliográfico, sendo tal lógica distante de comuns antropologias e com fortes tendências em inviabilizar qualquer mínima produção de saber antropológico a partir da pesquisa de terreno, uma vez que o respectivo é conduzido a ser ilustrativo de um ideal prévio e

---

<sup>402</sup> Prevendo automáticas defesas da “*antropologia enquanto disciplina interdisciplinar*” é importante diferenciar o aspecto de diálogo do característico aspecto de substituição. Sendo estas situações agravadas pela fraca formação de origem, que em vários casos impossibilitou o ingresso no mestrado (ou doutorado) homónimo à prévia formação, e pela inaptidão à antropologia provocando a posterior substituição desta por uma versão supostamente científica do que varia entre a opinião do “agora antropólogo” ou da “agora antropóloga” e uma versão romantizada do senso comum tecida sobre um específico outro. A estes eventos, especial culpa possuem partes de comitês de seleção que são incapazes de avaliar candidaturas pela acuidade antropológica, restando apenas à consulta e sobrevalia de temáticas propostas consoante uma hierarquia impressa entre campos e objetos de pesquisa em noções que em muito se distanciam de saberes antropológicos.



não condutor da ilustração de estudo de caso descoberto.

Diário de campo, de 4 de novembro de 2014

Percepções sobre partes dos jogos de configurações atuais permitem mapear concentrações de envolvimento enquanto evidenciam possibilidades de fortalecimento nestas relações:

*Portanto, [hoje] há alguns intercâmbios a nível de pesquisa. Os antropólogos brasileiros vêm trabalhar cá, e antropólogos portugueses que vão trabalhar lá. Esses intercâmbios em nível de pesquisa são importantes, embora não sejam tão evidentes. Em nível de estudantes, por exemplo, que vem fazer doutorado cá em sanduiche, muitos dos estudantes que eu tenho recebido aqui, acabam por fazer uma pequena investigação empírica sobre Portugal e depois adicionam um capítulo comparativo. [...] Eu imagino que no Brasil, tem tanta coisa pra pesquisar, não seja propriamente uma prioridade, mas do lado português é pena que não haja [mais], há pessoas a fazer essas viagens. Acho que há pessoas tentando fazer essas “viagens”, mobilidades [...] e no fundo grande parte dos temas que se estuda na antropologia portuguesa são estudados na antropologia brasileira, portanto, seria fácil haver maior mobilidade, mas creio que neste momento preciso, o que seria, há poucas pessoas a pesquisar abertamente sobre o Brasil. O Miguel [Vale de Almeida] já fechou, a Susana [de Matos Viegas] já fechou, o [João de] Pina-Cabral já fechou. [...] É, a Clara [Saraiwa], tinha me esquecido. Mas a Susana Durão já não entra aqui, porque no fundo ela foi bem mais tarde também.*

Entrevista com João Leal

Assim, as relações entre um lado e outro do atlântico em português, acabam não apenas compartilhando interesses de pesquisa, mas também as redes de relações. Acabo por optar pelo contato com apenas um dos lados, no caso, o português, pela valorização do distanciamento e do aprender com o outro, afinal, ainda que falemos o mesmo idioma e compartilhamos a mesma disciplina, há algo que ainda nos distingue, ainda que nos permita relações e trocas de saberes.

A opção por não entrevistar docentes do Brasil em muito deve à inviabilidade temporal, prática e financeira, mas também para delimitar um recorte de interlocutoras e interlocutores. Se quiser, um dos lados da rede. Aquele, que parece em uma primeira vista mais estrangeiro.

## 11 UMA RELAÇÃO PRIVILEGIADA DE RECIPROCIDADES

De certa forma não é difícil reconhecer nas falas certas proximidades projetadas, talvez percebidas e posteriormente aceitas, por tantas pessoas até sustentadas ou mesmo por outras sendo desejadas para com esta outra parte, com a qual compartilham muito além dalguma língua. Não raras vezes, em clara distinção, em um quase sistema de oposição de valia com outras possíveis parcerias. Ainda que explicações sugiram facilidades idiomáticas e culturas compartilhadas, há quaisquer coisas além disso. Algumas partes podem reconhecer apenas quase que coincidências ou acaso:

Enquanto preparava a introdução a este dossiê, tive a oportunidade de conhecer o interessante trabalho de um artista brasileiro, André de Castro.<sup>403</sup>

É quase como uma relação de reciprocidade atrasada. Ainda que o francês tenha deixado explícito que *reciprocidades não precisam ser síncronas*.<sup>404</sup> É ainda possível ser outro tipo qualquer de deslocamento, não necessariamente temporal ou de contemporaneidade.

Talvez seja mais, como diz aquele professor, algo como “*uma ajuda mútua*”. Uma ajuda, que não se limita à recursos financeiros, sai desde a recomendação - e posterior aceite - de potenciais candidaturas a orientação, até o compartilhamento de lideranças em grandes associações e congressos internacionais, passando por um sem fim número de outras opções de

---

<sup>403</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. *et aliae*. Sobre a conquista de direitos civis em Portugal. 2012:475-476.

<sup>404</sup> Cf. MAUSS, M. *Essai sur le don*. 1968.

*reciprocidade*,<sup>405</sup> mas aqui, em *três vértices, e não duas*.<sup>406</sup> Algumas partes dizem, ou me permitem dizer, que ocorre quase que programações sobre os futuros das antropologias mundiais.

É bastante significativo quando se fala em uma potencial fusão entre a IUAES e a WCAA,<sup>407</sup> que são as duas maiores associações internacionais de antropologia social hoje. Principalmente quando Nas vice-presidências ou corpos diretores de ambas as associações há ex-presidências da associação brasileira de antropologia. Entre outras vice-presidências ou integrantes de diretorias prévias, que também falam português. Talvez não seja apenas simbólico, quando é informada que a próxima reunião da IUAES irá ocorrer em concomitância com a RBA.<sup>408</sup>

Diário de campo, de 1 de outubro de 2015

As visitas de comitês em congressos nacionais diversos (e aqui cito, Japão,<sup>409</sup> México<sup>410</sup> e Taiwan,<sup>411</sup> apenas para citar os mais recentes e publicamente divulgados) sugere os alcances de tal proposta. E ao analisar a próxima edição do congresso português, não é difícil encontrar o nome IUAES em pelo menos umas quantas atividades, incluindo um grupo de trabalho exclusivo. O último a aparecer na programação.<sup>412</sup>

É próximo ao observado ao analisar a decisão de *três associações nacionais de antropologia em assinarem uma sugestão ao conselho mundial de antropologia em conjunto*,<sup>413</sup> e dentre as três, duas são as tais lusófonas, a terceira é a poderosa associação norte-americana, a famosa AAA.<sup>414</sup>

A tal *triple A*,<sup>415</sup> é a associação nacional justamente do país, que via uma série de bolsas e acordos, além de protagonismos enquanto formador de cientistas sociais, notadamente antropólogas e antropólogos é um nó, ainda que não falante de português, ao ser constituinte de uma série de falantes de português, seja dito europeu ou chamado brasileiro, da antropologia ou de

<sup>405</sup> Cf. MAUSS, M. *Essai sur le don*. 1968.

<sup>406</sup> Cf. YÁNEZ-CASAL, A. *Introdução*. 2005:8, 16-17.

<sup>407</sup> Cf. ABA. WCAA e IUAES conversam sobre possível união. 2015.

<sup>408</sup> Cf. IUAES. *Notices*. 2015.

<sup>409</sup> Cf. ABA. *Informativo nº 08/2014*. 2014.

<sup>410</sup> Cf. ABA. *Informativo nº 21/2015*. 2015.

<sup>411</sup> Cf. ABA. *Informativo nº 12/2014*. 2014.

<sup>412</sup> Cf. APA. *Painéis*. 2015.

<sup>413</sup> Cf. ABA. *Informativo nº 12/2014*. 2014.

<sup>414</sup> Associação americana de antropologia ou *American anthropological association*.

<sup>415</sup> Idem.

áreas próximas:

*E isso pra dizer que então havia muitas influências. De fato, por acaso não havia muito influência americana, mas também não foi pra ser original que eu fui pros Estados Unidos. Foi porque havia lá um conjunto de coisas que me interessavam. [...] Alguns colegas meus foram fazer mestrado lá, como a Clara Saraiva e o Miguel Vale de Almeida. [...] Eles foram antes, mas foram só pra fazer o mestrado. [...] Havia um programa, não havia FCT neste tempo. Havia o Fulbright.<sup>416</sup> [...] E dava bom arranque, porque dava uma espécie de certificado de qualidade, que depois ajudava a ter outras bolsas das universidades, e de outras instituições de lá. Então eu fui, e houve alguns outros portugueses da minha geração que foram, por exemplo lá da [Universidade] Nova [de Lisboa], o João [Carvalho], da Etnomusicologia. E muita gente da etnomusicologia, porque Salva Castelo-Branco tinha estado na Columbia.*

Entrevista com Cristiana Bastos

Mas também podem ser mapeadas passagens que vão sugerir a construção de relações em redes internacionais já incluindo antropólogos e antropólogos:

*Ah, eu conheci alguns colegas, que eram brasileiros. Era o Gustavo Lins Ribeiro, a Lígia Simonian, [...] e mais tarde, foi a Telma Camargo, de Goiânia. E o então marido, o Marcos. Mais a Lígia me apresentou ao Antônio Carlos de Souza Lima, que estava de visita, foi lhe visitar. E ficamos amigos desde então. E eles convenceram-me a ir visitar o Brasil. Eles é que me convenceram. E sabe, o Gustavo me apoiou também. Eles meio que me convenceram [a fazer pesquisa sobre o Brasil, especificamente com a Fiocruz, no Rio].<sup>417</sup>*

Entrevista com Cristiana Bastos

Ainda que se sugira alguma rede internacional, a parceria entre antropologias brasileiras e portuguesas não se limita, e não surge neste meio tão amplo como algo aleatório, mas não se omite do respectivo. Se foi um português quem agilizou a primeira reunião europeia de antropologia social, talvez seja um par de brasileiras a organizar a primeira reunião pós-fusão

---

<sup>416</sup> Maiores detalhes em IIE. Fulbright. 2015.

<sup>417</sup> Esta situação será tratada exclusivamente na entrevista, a ser publicada, em outro espaço.

IUAES-WCAA.

Mas voltando a idealismos sobre reciprocidades, dizem que ela *também afeta cientistas sociais*,<sup>418</sup> talvez quem faça alguma antropologia, afinal, *a dádiva é a relação social por excelência*,<sup>419</sup> é talvez possível de se fazer relações sociais em antropologia por ela.

Não se sabe se para a antropologia há objetivos definidos, e se para tais, se resumam a encontrar, talvez apenas buscar, alguma lógica, razão ou sentido na dádiva. E não há confusões aqui sobre *permanecer* na sociedade dita moderna, é mais algo no sentido de que não existe sociedade sem a dádiva.

Por isso é quase possível afirmar que se faz necessário tentar analisar tais relações, acadêmicas e lusófonas, sob certos prismas, que alguns podem dizer de reciprocidade tida como *maussiana*.

A dádiva é tão moderna e contemporânea como é alardeada como tradicional e constituinte das sociedades primitivas. Está tão presente nas sociedades científicas como nas religiosas. A dádiva pode ser vista, em tese, como *o fato social total*.<sup>420</sup>

Apesar de *antropólogas e antropólogos se manterem em suas torres de marfim*<sup>421</sup> e se julgarem distantes, em outras orbes, que aquelas e aqueles aos quais escrevem sobre, é questionável se estão tão ausentes deste típico tradicionalismo. Pois devem ter em mente que o automático oposto deste tradicionalismo é justamente o capitalismo selvagem que tanto gritam que criticam. Talvez haja um terceiro, ou terceiros, pontos de posição.

Mas reforço que, sendo a dádiva o motor social das relações, a ausência de dádivas, contra-dádivas e de recepções destas, permite unicamente o flagelo social, a obliteração das relações. Deve ser por isso que não há grande possibilidade de haver relações sociais entre lá e cá, se não houver oferta, recepção ou contraofertas acadêmicas, é impossível a manutenção de tais, ditas, privilegiadas relações. Se as ofertas são acadêmicas, a relação também o será.

Neste sentido, é no mínimo instigante quando partes entrevistadas fazem, no mesmo discurso e na continuidade de fala, instantes de frases sobre como foi bom receber os brasileiros e as brasileiras *aqui*, para concluir dizendo que, *nós é que recebíamos, e muito mais do que lá*. Não há inocentes ou imóveis ações na dádiva. Como já muito bem exposto por certo francês, aqui já nomeado, a dádiva se constrói em três relações: Dar. Receber. Retribuir.

<sup>418</sup> Cf. YÁNEZ-CASAL, A. Introdução. 2005:7-8.

<sup>419</sup> Cf. MAUSS, M. Essai sur le don. 1968.

<sup>420</sup> Cf. GODBOUT, J. Introduction. 1992:20-21.

<sup>421</sup> Cf. VIRGÍLIO, J. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? 2015:80.

## 12 ÚLTIMOS APRENDIZADOS NESTAS EXPERIÊNCIAS

The best advice I can give on this is, once it's done, to put it away until you can read it with new eyes. When you're ready, pick it up and read it, as if you've never read it before. If there are things you aren't satisfied with as a reader, go in and fix them as a writer: that's revision.<sup>422</sup>

Neil Gaiman

E assim, pergunto quais são as distâncias e diferenças desde o início daquelas semanas que inocentemente são percebidas, e covardemente delegadas, para ter a responsabilidade de representar o trabalho de campo que orienta este ensaio e as pesquisas com as quais há a tentativa por um matrimónio académico e estas, que ao final, ainda que não delegadas o fazem.

Se no início desta pesquisa me encontrava em apuros pelo pouco tempo disponível, como dito, despedaçadas semanas entre ir e vir, ao final da respectiva ocorre um *déjà vu* devido a próximas, ou similares percepções.

É a última semana em Lisboa. Faz-me imensa impressão o acúmulo de entrevistas, transcrições, e como isto começa a dar cabo de minha saúde.

Diário de campo, de 28 de junho de 2015

---

<sup>422</sup> Uma tradução possível do original em Gaiman (2015) pode ser lida como:

*O melhor conselho que eu posso dar é que, uma vez escrito, deixe o texto de lado até poder ler com novos olhos. Quando estiver preparada ou preparado, pegue de volta e leia o texto, como se nunca tivesse lido antes. Se estão lá coisas que você não se satisfaça com a leitura, vá em frente e as corrija como um escritor ou escritora: Isso é revisar.*

Se antes, quis acreditar ser viável entrevistar umas quantas pessoas em umas poucas semanas, agora começo a ter desespero pela iminente passagem, já adquirida, de retorno ao Brasil, e óbvio receio do tempo disponível não ser suficiente.

Estamos em maio. Na próxima semana é meu aniversário. E das doze entrevistas eu fiz apenas duas. E nisto me recorro que em junho já não estará ninguém em Lisboa, por conta do verão.

Diário de campo, de 8 de maio de 2015

Ao reparar que restam pouco mais de um mês para convencer algumas pessoas a concessão de uma entrevista, gravada, o desespero pode surgir. A situação se agrava, quando com a maior parte já foram trocados vários e-mails, e com uma destas pessoas inclusive já havia feito a entrevista, mas tido problemas com o gravador. Ao perceber que não apenas uma gripe, e por isso a cada cinco minutos é necessário se levantar para ir limpar o nariz, ou que a cada uma ou duas horas de leitura no computador se repara não um ou dois fios, mas verdadeiras mechas de cabelo sob o teclado do computador, a situação começa a se revelar quase assustadora.

Doenças são muito comuns no momento da escrita da tese. [...] Sugiro tomar estas doenças como “sintomas” do sofrimento maior, que é o da escrita da tese [...] Muitas foram as doenças que me foram espontaneamente relatadas: perda de dentes, alergias, vários tipos de câncer, infartos, problemas sérios de coluna, miomas, tireoidismo, abortos espontâneos, sem falar em freqüentes cólicas, diarreias, gripes e resfriados. [...] meus informantes não estabeleciam relações entre as doenças e a tese, mas as doenças eram a explicação pela “demora do fim da tese” [...] percebi também o quanto estes argumentos parecem tocar bancas e professores [...] como se efetivamente a doença fosse um argumento socialmente reconhecido como legítimo e auto-explicativo. [...] Talvez fosse mais saudável se conseguíssemos permitir a nossos alunos a elaboração do que significa o processo criativo de escrever uma tese.<sup>423</sup>

Jamais, no entanto, ousei pedir maior prazo. É, ao meu ver inconcebível. Mesmo quando me pego em alternância entre dormir e escrever naquele

---

<sup>423</sup> Cf. GROSSI, M. A dor da tese. 2004:225.

longo voo para casa. Eu não conseguiria pensar em qualquer outra coisa. Não faço ideia do que comi no avião, mas posso enumerar as páginas que acrescentei<sup>424</sup> e as que removi, de marcações,<sup>425</sup> na minha última viagem transcontinental.

Ao decidir que onze ou doze horas de voo entre a Espanha e o Brasil são adequadas para revisar e idealmente remover “*marcações em vermelho*” desta primeira versão da tese não esperava que ao término deste período de releituras e reescritas proporcionassem além de um maior número de páginas, uma significativa quantidade de novas marcações.

Diário de campo, de 9 de julho de 2015

Ainda que não sejam evidentes e em tempo de anotar no diário de campo, não havia, na verdade, tempo hábil antes disso. Eram necessárias leituras. E sem as leituras as entrevistas seriam infrutíferas, ou pouco pertinentes. Provavelmente teriam de ser feitas, duas, ou três vezes.

E nisto lembro-me da primeira pessoa que me responde o e-mail, parece mesmo que foi ontem, quando eu já havia mandado uns três e-mails. E a última frase do primeiro contato é logo alertando-me sobre o básico da comunicação com docentes em Portugal, ao fim do e-mail, encontro:

*“Ps.: desculpe esta sugestão: talvez ninguém lhe tenha dito que a forma “vós” já não é usada há séculos. Os filmes usam isso para a realeza, alguns romances idem, e há um remanescente nalgumas partes do país para plurais. Nunca para singulares”.*

Diário de campo, de 4 de agosto de 2015

Esta capacidade de anteceder a proposta, ou mesmo de acelerar me o processo, como já reportado é visto noutros momentos, como nas entrevistas, quando em alguns casos, a própria ideia de fazer listas ordenadas de perguntas, vai se parecendo com algo quase estúpido. Revela que a comunicação e a desenvoltura está em tal nível de plenitude que as perguntas vão sendo respondidas, na ordem que eu as havia proposto, sem nem mesmo ser necessário eu as enunciar. É mágico. Talvez seja outro tipo

---

<sup>424</sup> Foram exatas doze páginas incluídas. Destas, duas eram de novas marcações.

<sup>425</sup> Escrevi duas novas páginas inteiras de itens a incluir e revisar ao fim da escrita.



de magia, típica de antropólogas e antropólogos.

Nesta correria de entrevistar um docente duas horas antes de ir ao embarque, e outras duas pessoas no dia imediatamente anterior, eu acabo não adquirindo presentes para nenhum *parente*. Também não tenho tempo de trocar as moedas *fora do aeroporto*. Vou chegar no Brasil com menos de 20 reais. Não pagará nem um taxi. Não somente, tive duas malas quebradas, e por falta de tempo para as organizar, levo uma terceira. É mais barato pagar uma mala adicional do que enviar pelo correio internacional 120 livros de Portugal.

Diário de campo, de 9 de julho de 2015

Há, ainda hoje, questionamentos, sobre porque acabar em Portugal, sendo frequentemente realizada uma redução a questões de ordem idiomática. Supostamente por não saber falar francês ou inglês.

Curiosamente, nenhuma das autorias que são identificadas como centrais no estabelecimento destas redes fizeram seus doutorados em território português, enquanto de lá nacionais. E por consequência, nenhuma das autorias brasileiras, que seriam homofuncionais às portuguesas, deixaram também de realizar seus doutorados no estrangeiro. Sem exceção, é mapeado que todas as partes centrais neste conjunto de engrenagens, quer sejam brasileiras ou portuguesas acabaram sendo formadas em solo longe de casa. Não raras vezes no tríplice epicentro antropológico: França-Inglaterra-Estados Unidos.

A questão não é. E arrisco dizer que *provavelmente nunca foi* uma limitação de idioma por parte daquelas partes, ou das instituições, que compõem as redes de relações aqui representadas.

## 13 TRAVESSIAS ANTROPOLÓGICAS DO ALÉM-MAR

Temos, no Brasil, amigos mais retóricos; não temos nenhum que, pelo estudo e pelo poder de síntese, pela base científica dos seus juízos e pela clareza da prosa de grande escritor de ideias, contribua mais para nos tornar respeitados, quer no seu país, quer na América do Norte, onde é muito grande o prestígio desse mestre [Gilberto Freyre] de renome internacional.<sup>426</sup>

José Osório de Oliveira

Se há quem diga que as influências das misturas de fragmentos culturais que permitem o tropicalismo enquanto tendência, em espaços tidos lusófonos, *são oriundas pelo menos desde a semana da arte moderna de 1922*,<sup>427</sup> em percepções mais embrionárias de antropologias há apelos destas enquanto formas de *mestiçagens*,<sup>428</sup> sendo recente a menção feminista aos *ciborgues*,<sup>429</sup> e ainda que negligenciada, a popular e posterior tradução filósofo-francesa dos ciborgues, chamada de *híbridos*,<sup>430</sup> entre muitas outras.

As teorias alargam de *músicas a artes*,<sup>431</sup> alteram de *raças para culturas*,<sup>432</sup> e destas para identidades e então para *ontologias*,<sup>433</sup> mas o principal equívoco se mantém, por que pode ser complicado pontuar onde, quando ou como

---

<sup>426</sup> BRASIL. *Cópia de informação dirigida por José Osório de Oliveira ao Agente Geral das Colônias. Correspondência de portugueses para Gilberto Freyre*. Arquivo Documental Gilberto Freyre da Fundação Gilberto Freyre. Datada de 25.01.1951.

<sup>427</sup> Cf. HOLLANDA, H. O susto tropicalista na virada da década. 2004:64.

<sup>428</sup> Cf. GRUZINSKI, S. Introduction. 2004:3.

<sup>429</sup> Cf. HARAWAY, D. A cyborg manifesto.1991:149-151.

<sup>430</sup> Cf. LATOUR, B. Crisis. 1993:10-12.

<sup>431</sup> Cf. HOLLANDA, H. O susto tropicalista na virada da década. 2004:64.

<sup>432</sup> Cf. WIKAN, U. The politics of culture.2002:79-83.

<sup>433</sup> Cf. VENKATESAN, S. *et ali*. Ontology is just another word for culture. 2010:152-155.

“acabam” ou “chegam” influências de antropologias brasileiras em Portugal.

E não sei se antropologias brasileiras são tão independentes de influências de antropologias portuguesas como me parece ao início.<sup>434</sup> É possível que hoje estas antropologias estejam de fato em uma concebida ou quase consensualmente aceite hierarquia de desigual influência teórica, mas além de dúvidas quanto a esta solidez, mantenho ressalvas ao que ocorre no período de *visitas de Jorge Dias à universidades brasileiras*<sup>435</sup> ou de *Gilberto Freyre às colônias de Portugal*,<sup>436</sup> por exemplo, e dos impactos das presenças de antropólogos e antropólogas de origem portuguesa nas reuniões da associações científicas e políticas no Brasil. Uma análise dos convites e temas de interesse nas palestras e aulas de docentes lusófonos em ambos os países talvez auxilie a mapear parte deste cenário.

Sustentar a manutenção de orientações argumentativas onde se compreendem que há apenas um estado de perspectiva sobre os objetos e campos de pesquisa (tudo é heterogéneo), ou em raros casos, o máximo dos dois estados (ou é homogéneo ou é heterogéneo), é o que permite ignorar potenciais existências de variados níveis de aglutinação, ou processos de transmutações temporárias (ou não) por fissão ou fusão dos objetos, sujeitos e campos de estudo, e não perceber a potencialidade destas variedades se revelarem em infinitas facetas, por formas, contextos, perspectivas, posições, temporalidades e espaços, além dos diferentes tipos e níveis de *agencialidades*<sup>437</sup> que estão ali tidos como intrínsecos. As relações são produções dinâmicas, relacionais e participantes de múltiplas agendas.

Afirmar que “*tudo é heterogéneo*” soa como afirmar que *todos são nativos*,<sup>438</sup> ou que *todos são (criativos) antropólogos*.<sup>439</sup> Além de óbvio, pode soar desde ofensivo até inútil ao permanecer tão impreciso. Heterogeneidades, como natividades e antropologias, são distintas e variáveis, dotadas de revisões e transformações frequentes demais para serem reduzidas a tais generalizantes e imprecisas divagações. Aceitar vãs filosofias como algo orientado ao conhecimento ou à *verdade*<sup>440</sup> sem as contextualizar e problematizar é assumir a posse, domínio e acordo com a prática de preguiçosa, e acrescentaria ainda pseudo, antropologia. Quase uma tentativa de provocar intencionalmente o *fracasso metódico da etnografia*,<sup>441</sup> dada a primazia à *hipocondria epistemológica*<sup>442</sup> vigente. No mínimo, deve ser esperado de

<sup>434</sup> Remete ao projeto inicialmente construído e apresentado para desenvolver esta pesquisa.

<sup>435</sup> Cf. MACAGNO, L. Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica. 2002:103.

<sup>436</sup> Cf. CASTELO, C. Prefácio a presente edição. 2010:11-14.

<sup>437</sup> Cf. GELL, A. The theory of the art nexus.1998:16-17.

<sup>438</sup> Cf. GEERTZ, C. The way we think now. 2008:151.

<sup>439</sup> Cf. WAGNER, R. Culture as creativity. 1981:27-33.

<sup>440</sup> Cf. GADAMER, H. Retrieving the question of artistic truth. 2004:87-90.

<sup>441</sup> Cf. SÁEZ, O. O lugar e o tempo do objeto etnográfico. 2011:599-600.

<sup>442</sup> Cf. VERDE, F. A cristandade dos leopardos, a objectividade dos antropólogos e outras

antropólogas e antropólogos tentar compreender como tais percepções e valorizações são construídas e sustentadas, não somente por aquelas e aqueles com quais dialoga em campo, mas também com autorias, metodologias e teorias que dialoga enquanto teórica ou teórico.

Propostas válidas de menor enviesamento focal podem permitir aberturas de percepção, que além de ignorar reduções a categorias onde “*todas são misturas impuras, e assim devem permanecer ao serem alvos de análises e tratamentos*” também estejam livres das armadilhas de análises supostamente pós-binárias, *autodeclaradas pós-estruturalistas*,<sup>443</sup> mas que além de reproduzir específicos binarismos de oposição, produzem novos,<sup>444</sup> onde por exemplo “*quando não se pode ser puro e elementar, só há impuras misturas de indetectáveis singularidades*”, quase que impossíveis de as distinguir minimamente.

Mais do que inocências ou prepotências em acreditar e sugerir estabilidades ou permanências e continuidades de estados de e enquanto misturas é não considerar potenciais dinâmicas e processos de transformações destas mesmas potenciais misturas, além das redes de relações que são construídas antes, durante e depois da realização destes processos de transformação.

Pode-se, no entanto, permitir colocar hipóteses que tentem observar as alegadas misturas, sejam identitárias, sejam de categorias de análise como morfologias em movimentos e transformações, exigindo de analistas acompanhamentos que não raras vezes vão sugerir movimentos e transformações, de si, de teorias portadas, dos ideais de apresentação de resultados ou observações e de métodos de trabalho em uso.

Ainda que incentive a análise de antropologias identificadas enquanto periféricas para provocar novas reflexões de cunhos antropológicos, e por inicialmente afirmar uma relação vertical entre as antropologias brasileiras e portuguesas,<sup>445</sup> é possível que se trate de redes de relações mais complexas do que simples relações em oposições hegemônicas-periféricas. A solidez e a estabilidade sugeridas, além de outros *signos*<sup>446</sup> vislumbrados como compensação nas relações, podem estar *equivocadas*.<sup>447</sup>

---

verdades igualmente falsas. 1997:118.

<sup>443</sup> Cf. VIVEIROS DE CASTRO, E. Claude Lévi-Strauss, fundador do pós-estruturalismo. 2008:2-4.

<sup>444</sup> Tais quais os pós-modernismos e pós-colonialismos, como desenvolvi previamente.

<sup>445</sup> Refiro ao mandatório projeto de pesquisa antecessor a execução de trabalho de campo.

<sup>446</sup> Cf. SAUSSURE, F. Nature du signe linguistique. 1997:97-100.

<sup>447</sup> Cf. LUCIANI, J. Os encontros de saberes. 2009:288-289. Ver a citação na página 296.

Diário de campo, de 6 de julho de 2014

Se for dada alguma prioridade para a questão da língua ou idioma na aproximação com o campo de pesquisa, se pode afirmar que análises que cruzem discursos tidos coloniais e ditos pós-coloniais não raras vezes *possuem foco nos contextos de idiomas francófonos e principalmente anglófonos*,<sup>448</sup> tornando preciosas e caras as propostas que problematizem ou apresentem contextos mais subalternizados ou invisibilizados na academia, como os espaços e tempos criados durante e posteriormente ao *colonialismo lusófono*.<sup>449</sup>

Mais do que tentar mapear facetas “brasileiras”, “portuguesas”, “mistas” ou “lusófonas” nas redes antropológicas entre Brasil e Portugal, é de se esperar perceber reflexos dos nós de composição e manutenção da rede, enquanto teorias e metodologias, ou enquanto agentes ou instituições, para refletir em como se relacionam entre si, e nas transformações e transições que são configuradas nestes diálogos e permutas de posições, níveis e tipos de recepções, percepções e de influências. Mobilidades podem ser acionadas, sejam de perspectivas, sejam de enquadramentos teóricos, políticos ou metodológicos.

---

<sup>448</sup> Cf. BASTOS, C. *et alia*. Introdução. 2014:19-20.

<sup>449</sup> Cf. VALE DE ALMEIDA, M. O atlântico pardo. 2014:37-40.

## 14 PÓS-COLONIALISMOS EM PORTUGUÊS

Dessa forma, deverão ser ultrapassadas as clássicas dicotomias hierárquicas entre factores necessários e suficientes, constrangimentos sociais e agência individual, micro e macro, factores estruturais e conjunturais, deliberação e acaso, ou infraestrutura e superestrutura.<sup>450</sup>

Paulo Granjo

*Mas que tipo de pós-colonialismos são estes?*

É o tipo de pergunta que pode restar ou surgir ao acreditar se aproximar de algum possível término (ou abandono?) de pesquisa. Difícil responder, mas no mínimo, pelo que as partes comentaram alguns elementos podem ser mapeados, talvez em sugeridas existências:

Em primeiro lugar, é uma situação recente, jovem, e são desconhecidos seus futuros desenvolvimentos. E nesta condição se pode deduzir que possui um potencial de crescimento enorme. E pela própria concepção onde é construído, acaba por se revelar como uma relação contra-periférica, não merecendo uma reduzida percepção enquanto poli-periférica. É preciso revisitar as minhas primeiras e inocentes percepções sobre este conjunto de relações, entre instituições e agentes.

Nos relatos são sugeridos inícios e resquícios desde a segunda metade dos anos noventa, não chegando aí aos vinte, vinte-e-cinco anos de existência. É um tempo de maturação relativamente jovem, seja para uma relação académica internacional se firmar, seja para um movimento de renovação de preceitos.

A noção de jovialidade é, de certa forma compartilhada por boa parte

---

<sup>450</sup> Cf. GRANJO, P. Terreno, teorias e complexidade. 2013:43.

das partes consultadas, ainda que não haja similar percepção quanto ao possível estatuto em *formação* da relação. Para algumas partes, a situação, e passo a citar, “já está estabelecida”.

Esta situação de jovialidade, possível justificativa para específico estado de desenvolvimento, também pode ser compreendida sobre olhares que sugerem frequentes anacronismos no fazer antropológico português, sejam pelos quase quinze anos que separam os primeiros textos sobre antropologia nacional publicadas na Inglaterra e o seminal artigo português, ou pelo admitido estatuto sugerido por um,<sup>451</sup> e outro<sup>452</sup> antropólogos lusófonos, e por vezes também identificados em outros contextos políticos,<sup>453</sup> além de antropologias, se isto for possível.

Não apenas pelo recente nascimento, mas também pelo pouco espaço ocupado, lá e cá, as possibilidades de alargamentos ainda são bastante elevadas. Tanto a rede ainda é bastante limitada, atingindo apenas específicas parcelas das comunidades académicas aqui e lá, como o próprio conhecimento mútuo sobre o outro lado da rede é bastante limitado.

Neste sentido, este livro espera contribuir para reduzir esta distância e incentivar este tipo de diálogo. Que colegas do outro lado do atlântico, ou mesmo deste lado, se sintam com suficiente motivação para colaborar neste desbravamento. Não penso estar em um monólogo neste sentido quando escuto que:

*Do ponto de vista da pesquisa, eu percebo que para os brasileiros tem [...] com tantas opções de pesquisa, [...] que Portugal não seja propriamente uma coisa muito “apelativa”, [...] mesmo assim, continua a haver um certo trânsito, já não tanto de sênior, mas de estudantes de doutorado sanduiche [...] eu próprio tenho recebido estudantes [...] em regime de mobilidade [...] agora a nível de seniores, eu acho que poderia haver mais interesse. [...] Nós sobretudo. Eu acho que para um antropólogo português, é uma oportunidade de trabalhar sobre coisas muito diferentes, mas que usam a mesma língua, e que Portugal teria dado intermédio, [...] não é aquela alteridade total, [...] mas também não é fazer antropologia em casa.*

Entrevista com João Leal

Pelo duplo estatuto de periferia, tanto da antropologia portuguesa, como da antropologia brasileira, se pode facilmente alegar que a relação é quase

<sup>451</sup> Cf. PEREIRA, R. Introdução à reedição de 1998. 1998:IX-X,XLVII.

<sup>452</sup> Cf. PINA-CABRAL, J. A antropologia em Portugal hoje. 1991:23-25.

<sup>453</sup> Cf. PEREIRA, R. A «missão etnográfica de Moçambique». 2001:129-130, 154.

poli-periférica, próximo ao que é sugerido como eixo *sul-sul*.<sup>454</sup> Discordo. Aqueles que sugerem eixos sul-sul, ou mesmo *epistemologias do sul*,<sup>455</sup> desejam manter o respectivo eixo sul-sul enquanto periferias ao redor de seu centro de influência. É uma perspectiva bastante eurocentrista, vista de longe. E de quem quer garantir a manutenção da posição de metrópole.

De uma ou outra perspectiva, os autores [...] comungam dos objectivos das epistemologias do Sul mesmo que não designem como tal as suas investigações. Quase totalidade deles provém do Sul geográfico,<sup>456</sup> da África, da América latina e da Ásia e, dentro de cada uma destas regiões, posicionam-se do lado do Sul metafórico, ou seja, do lado dos oprimidos<sup>457</sup> pelas diferentes formas de dominação colonial e capitalista.<sup>458</sup>

O movimento e a relação são na verdade de contra-periferia, pretendendo muito mais sair da posição de periferia, ao estar literalmente, negando-lhe a existência, rompendo parcerias desiguais. É independente de atestados de validade epistemológica vindas de cima. Dasquelas e daqueles que ainda acreditam ter o porte da iluminada - e única, mantida no singular - verdade, blindada contra e assim isenta de quaisquer contestações.

*Agora, sim, talvez fosse bom falar do fato de que é verdade que tu tens aí uma rede de pessoas que são fundamentais nisso, e continuam a sustentar a ligação. [...] Perceberam a questão da escala e perceberam que o que interessa é estarmos integrados e acabou. E que isso é um contrapeso, um contrapeso contra as questões europeias e a hegemonia americana. Aliás se tu vires, quem é que tem sido fortíssimo nas construções do WCAA? Portugueses e brasileiros em geral. Tem sido, o Gustavo Lins Ribeiro, tem sido uma série de brasileiros. Sempre em aliança com portugueses que continuam mais ou menos a serem os mesmos. O João de Pina-Cabral, a Susana [de Matos Viegas], que estão também muito envolvidos nisso. E isso continua a acontecer, percebes? Ainda recentemente em Natal aproveitou-se para fazer uma sessão do WCAA, veio a presidente da AAA, estava a Miriam [Pillar Gross], a Carmem [Ria], a Bela [Feldman-Bianco] como antiga presidente, depois estava o pessoal todo do WCAA, de Portugal e não sei o que. E tu*

<sup>454</sup> Cf. GREENAWAY, D. MILNER, C. South-South Trade. 1990:47-49.

<sup>455</sup> Cf. MENESES, M. SANTOS, B. Introdução. 2009:7-8.

<sup>456</sup> Notadamente a organização da proposta, que representa cerca de 30% dos textos...

<sup>457</sup> Sendo a totalidade delas oriundas das classes altas e elites locais e nacionais...

<sup>458</sup> Cf. MENESES, M. SANTOS, B. Introdução. 2009:13.



*vês que, sei lá, isso é muito engraçado que tenha acontecido assim, sabes? [pausa] Foi assim um fenómeno que [...] aliás muitíssimo mais produtivo e interessante, e [mais] reconhecido internacionalmente do que qualquer ligação entre a Espanha e os países hispano-americanos, por exemplo.*

Entrevista com Miguel Vale de Almeida

## POST SCRIPTUM

Imagine agora, se um certo acadêmico de antropologia, dito aqui graduando, cerca de três ou quatro anos passados, resolve investir em uma mobilidade acadêmica, para um país terceiro, denominado português. Está ele caminhando atrás de uma tal antropologia aplicada, e de uma antropologia dita biológica. Ambas que não existem no Brasil. São proibidas.

E que após o levantamento de toda a documentação solicitada, falta-lhe um papel, com uma assinatura. Alguém precisa lhe orientar um trabalho de conclusão de curso. Ninguém quer lhe orientar. Bate a porta de uma senhora, que não sabe que daqui há quatro anos ele estará escrevendo sobre esta situação. Nem ele. Ela aceita assinar, sem saber que esta mobilidade lhe garantirá a orientação do primeiro graduado em antropologia de toda a universidade.

Há no entanto um gabinete, aqui chamado de secretaria, de relações internacionais, brasileiro, que acaba por esquecer de encaminhar a documentação, e sugira ao respectivo aluno, encaminhar, por conta própria, ele mesmo, e estabelecer os contatos. Alega que do outro lado, ninguém atende o telefone. Há fuso-horários, fator este desconhecido por este gabinete, que durante uma greve somente liga em um dos períodos. No final da tarde. Quando já é noite em Lisboa.

O acadêmico então, busca a coordenadora de curso de graduação, encontra uma docente que lhe diz, *ter contatos em Portugal*, mas é de outra universidade, não da Nova, não sabe se lhe será útil. Há trocas de e-mails, um senhor que estuda e pratica performance em Portugal, assim como aquela docente, é quem lhe responde, com dados de contato. Diretamente do departamento de antropologia. Ele tem contatos lá. Este senhor jamais imaginaria ser entrevistado por este rapaz passados outros três anos. Ainda mais sendo o primeiro de uma lista de mais de uma dúzia de pessoas

procuradas. O primogênito. Essencial.

O jovem acadêmico, após gastar uns tantos reais, já convertidos em euros, via Skype, consegue contato. A ligação é horrível, mas ambos os lados se esforçam em fazer compreender. Descobre que há duas secretárias de relações internacionais na mesma universidade. É aquela divisão entre as ciências sociais e humanas, e a reitoria, já vista em um certo congresso. Minutos de leituras atrás.

Há umas tantas trocas de informações, e se descobre o óbvio: Nunca houve contato completo partido do Brasil, e a Universidade Nova de Lisboa enviou seguidas e exatas doze mensagens de fax para o Brasil. Recebeu doze mensagens de erro. O fax brasileiro está sempre desligado no verão. É muito barulhento. Irrita quando ligado junto com o ar-condicionado. E hoje em dia todos entram em contato apenas por e-mail. Bastava então manter este último atualizado. Não está.

O aluno é quem implora um aceite. O prazo está vencido. Se for aceite não poderá ficar na residência universitária. Aquela mesma que irá residir passados outros dezoito meses do fim de sua primeira e longa estadia, por outros onze meses.

Há um e-mail, escrito em português europeu, diz que aceita o acadêmico, desde que haja alguém sendo responsabilizado, quer um pedido de desculpas formal. Necessita de carimbos e nomes. Há então uma resposta, em português brasileiro, alegando que foi uma estagiária, desconhecia os procedimentos. Já agora conhece. Há cópias de muitas pessoas, dizem valorizar a parceria com esta universidade. Há acordos, farão uma parceria. Coordenarão um projeto entre América Latina e Europa, o tal que vai garantir, veja só, uma bolsa de 1000 euros por mês para o acadêmico passados um ano e meio, em outra seleção, já enquanto estudante de mestrado. É possível que o acordo não sáisse se não houvesse briga. É ainda mais possível que não houvesse bolsa, se não fosse a primeira ida, sem bolsa.

Aquele professor de antropologia da performance, jamais imaginaria que ao ir, com um outro, para o Brasil, dar aulas iria encontrar lá um casal, de antropólogos a trabalhar com temas próximos, da performance, que ali nasceria uma parceria de grupos de trabalho, e até de um livro. Que daria entrevistas, para aquele jovem que nem conhecia e ajudou a ir a Portugal, muito tempo antes de o encontrar.

Assim como uma destas professoras, não imaginava, que ao ceder a casa a dois colegas de fora, um destes é quem salvaria a mobilidade do orientando de uma delas, anos depois. E a outra, presidiria a banca de mestrado do rapaz.

Assim como, aquele casal de docentes não imaginavam, que ao apoiar a ideia, maluca, daquelas professoras em *enviar pessoas do Brasil para Portugal e receber gente de Portugal no Brasil*, sem bolsa, apenas mantendo os salários,

poderia lhe render trabalhos e parcerias tão frutíferos em tão breve período.

Imagine agora saber, que na verdade a semente da proposta foi viável graças a outra senhora, que na altura era coordenadora da pós-graduação, ficou sabendo que um antropólogo de Portugal viria ao Brasil, quinze anos antes da data em que ela faz parte da banca de defesa deste académico. E esta senhora, ao estabelecer contato, ofereceu uma tarde de conversa, numa sala no departamento. Algo informal. Pensava em estabelecer acordos. Ainda sem grandes pretensões.

E que este antropólogo, foi outro que gostou muito quando este académico apareceu em Lisboa, vestia uma camisa com o nome da universidade, e aí o senhor perguntou desta senhora, e também de outras duas, casadas, hoje já são titulares. As primeiras do departamento.

Uma delas, como disse, está na banca, substituindo a outra, que está de licença. Que é a mesma que abriu a porta aquele dia para o jovem e futuro antropólogo. O primeiro da UFSC. E estas duas senhoras, juntas, foram quem se prontificaram a, em uma tarde em Lisboa, conversando com outra pessoa, sugerir essa ida e vinda de portugueses e brasileiros.

Foram elas quem ofereceram a casa, delas, onde ficaram hospedados aqueles dois estudiosos da performance. Aquele professor, companheiro da ex-coordenadora, agora é também parte desta banca de defesa, muito, graças a uma visita que recentemente fez a Lisboa, para visitar aqueles professores, que conheceu quando vieram dar aulas no Brasil.

Aquele senhor, o primeiro a chegar na ilha da magia, também veio cá dar aulas, mas veio sozinho, não em duplas, como foram dois pro Brasil, ou como dois seniors foram enviados a Portugal. É como aquela senhora, que agora está de licença, foi a Portugal, sozinha.

Sozinho também foi o académico, nas duas idas a Portugal. E na segunda escreve sobre a primeira. E sobre a segunda. Faz uma etnografia, ou tenta, destas relações.

Agora imagine se aquela senhora, quinze anos atrás não convidasse aquele antropólogo português, ou que ele não fosse à reunião, ou que ele não aceitasse conceder a entrevista aquele estudante brasileiro. Nem ele nem as outras partes todas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Carla Susana Alem. *Repertórios do conhecimento em disputa: trabalhadores indígenas e agricultores no colonialismo português em Angola, 1950. Anuário antropológico*. 39(1). Pps.: 195-218. 2014.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Indigenous people, traditional people, and conservation in the Amazon. Daedalus: Journal of the american academy of arts and sciences*. 129(2). Pps.: 315-338. 2000.
- ANDERSON, Benedict. *Introduction. Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso. Pps.: 1-7. 2006.
- ANZALDÚA, Gloria. *Tlilli, Tlapalli: The path of the red and black ink. Borderlands - La frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books. Pps.: 87-97. 1999.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitan patriots. Critical inquiry*. 23(3). Pps.: 617-639. 1997.<sup>459</sup>
- ARDENER, Edwin. *The new anthropology and its critics. Man*. 6(3). Pps.: 449-467. 1971.
- ARRUDA, Carlo. *Texturas cravísticas tradicionais presentes em 6 stücke für cembalo. 6 Stücke für cembalo de Cláudio Santoro: um estudo a partir do estilo do compositor, e da inspiração em obras cravísticas tradicionais*. Rio de Janeiro: UFRJ. Pps.: 54-85. 2012.

---

<sup>459</sup> Há uma edição prévia, publicada em 1996. A edição de 1997 possui adicionais notas.

ASAD, Talal. *Introduction. Anthropology and the colonial encounter*. London: Ithaca Press. Pps.: 9-19. 1973.

ASHBY, William Ross. *The black box. An introduction to cybernetics*. London: Chapman & Hall. Pps.: 86-117. 1956.

AUGÉ, Marc. *Le proche et l'ailleurs. Non-lieux*: Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Le Seuil. Pps.: 15-56. 1992.

BACHELARD, Gaston. *Le premier obstacle: l'expérience première. La formation de l'esprit scientifique*: Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: Vrin. Pps.: 23-54. 1967.

BASTOS, Cristiana. *A década de 1990: Os anos da internacionalização. Etnográfica*. 18(2). Pps.: 385-401. 2014.

BASTOS, Cristiana. *Das viagens científicas aos manuais de colonos: A sociedade de geografia e o conhecimento de África*. ROQUE, Ana Cristina. TORRÃO, Maria Manuel. **O colonialismo português**: Novos rumos da historiografia dos PALOP. Famalicão: Editora Húmus. Pps.: 321-346. 2013.<sup>460</sup>

BASTOS, Cristiana. *Um centro subalterno? A escola médica de Goa e o império*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 135-151. 2014.<sup>461</sup>

BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Introdução. Trânsitos coloniais*: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 19-27. 2014.

BATESON, Gregory. *From Versailles to cybernetics. Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 475-483. 1987.

BATESON, Gregory. *Metatalk: What is an instinct? Steps to an ecology of*

---

<sup>460</sup> Publicação coordenada pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto e pelo Instituto de Investigação Científica Tropical. Por este motivo a autoria registrada é reservada as duas instituições. A autoria incluída na bibliografia deste material remete as apresentadoras da coletânea.

<sup>461</sup> Todas as referências aos artigos desta coletânea remetem à segunda edição portuguesa, mais acessível. Há substanciais discrepâncias na paginação consoante à primeira edição portuguesa, mas não há significativa diferença no conteúdo geral enquanto em comparação à primeira edição. Não obtive acesso as edições brasileiras.

**mind**. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 48-69. 1987.

BECKER, Howard Saul. *The epistemology of qualitative research*. JESSOR, Richard. COLBY, Anne. SCHWEDER, Richard. **Ethnography and human development**. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 53-71. 1996.

BECHKOFF, Jennifer. CUI, Yan. GARCIA, Angela Cora. STANDLEE, Alecea. *Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication*. **Journal of contemporary ethnography**. 38(1). Pps.: 52-84. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Preface to english edition*. **Homo academicus**. California: Stanford University Press. Pps.: xi-xvi. 1988.<sup>462</sup>

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. *Ain't I a woman? Revisiting intersectionality*. **Journal of international women's studies**. 5(3): 75-86. 2004.

BUDKA, Philipp. *From cyber to digital anthropology to an anthropology of the contemporary?* **Working paper** (EASA media anthropology network's 38th e-seminar). Pps.: 1-15. 2011.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. PEDRO, Joana Maria. *Guerrilha de linguagem*. GARCIA, Olga; GROSSI, Miriam Pillar; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **Videoaulas do curso gênero e diversidade na escola**. DVD. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero. 21 minutos. 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O caboclo*. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas: Editora da Unicamp. Pps.: 117-144. 1996.<sup>463</sup>

CARSTEN, Janet. *Introduction: Cultures of relatedness*. Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 1-36. 2000.

CASTELO, Cláudia. *Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre*. **Blogue de história lusófona**. 6(1). Pps.: 261-280. 2011.

CASTELO, Cláudia. *Prefácio a presente edição*. FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas**. São Paulo: Realizações. Pps.: 11-29. 2010.

---

<sup>462</sup> Esta edição possui um prefácio distinto do publicado na versão original francesa.

<sup>463</sup> Esta edição possui um posfácio (escrito em 1994) exclusivo à respectiva.

COHEN, Anthony Paul. *Culture as identity: An anthropologist's view*. **New literary history**. 24(1). Pps.: 195-209. 1993.

CONCEIÇÃO DE SOUSA, Óscar. *O desafio da Lusofonia: diversos falares, uma só escrita*. **Revista lusófona de educação**. 16(1). Pps.: 39-46. 2010.

COSTA, Catarina Alves. *Perspectivas, caminhos e políticas de futuro para antropologia visual*. **Seminário internacional: 20 anos do programa de pós-graduação em ciências sociais da universidade do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ. Pps.: 1-8. 2014.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo*. **Mana**. 10(2). Pps.:287-322. 2004.

CUSHMAN, Dick; MARCUS, George. *Ethnographies as texts*. **Annual review of anthropology**. 11(1). Pps.: 25-69. 1982.

DEBORD, Guy. *Le temps spectaculaire*. **La société du spectacle**. Paris: Les Éditions Gallimard. Pps.: 94-101. 1967.

DE CERTEAU, Michel. *Cultures populaires*. **L'invention du quotidien**. Paris : Folio France. Pps.: 19-33. 1990.

DELEUZE, Gilles. *Instincts and institutions*. **Desert islands**: And other texts (1953-1974). New York: Columbia University. Pps.: 19-21. 2004.

DURKHEIM, Émile. *Subject of our study: religious sociology and the theory of knowledge*. **The elementary forms of the religious life**. London: Free Press. Pps.: 1-20. 1915.

DURO DOS SANTOS, Gonçalo. *Introdução: O que significa seguir uma regra científica? A escola de antropologia de Coimbra 1885-1950: O que significa seguir uma regra científica?* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 29-49. 2005.

DURO DOS SANTOS, Gonçalo. *O processo histórico de autonomização do campo da antropologia em Portugal no contexto europeu*. **A escola de antropologia de Coimbra 1885-1950: O que significa seguir uma regra científica?** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 51-87. 2005.

EASA. *Members' forum discussion*. **Newsletter 63**. Tallinn: EASA. s/p. 2014.



ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. *Etnografia: Saberes e práticas*. **Iluminuras**. 9(21). Pps.: 1-23. 2008.

ENGELS, Frederick. *Ludwig Feuerbach and the end of classical german philosophy*.  
ENGELS, Frederick; LENIN, Vladimir; LUXEMBURG, Rosa; MARX, Karl; TROTSKY, Leon. **Marxism, socialism & religion**. Abercrombie: Resistance Books. Pps.: 45-82. 2001.

ERRINGTON, Shelly. *Some comments on style in the meanings of the past*. **Journal of asian studies**. 38 (2). Pps.: 231-244. 1979.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. *Modern anthropological studies*. **Social anthropology**. London: Cohen & West. Pps.: 86-108. 1951.

EKWE-EKWE, Herbert. *Do you still read or hear of "sub-Sahara Africa"?... What is it anyway?...* **Rethinking Africa**. Online e disponível em: <http://re-thinkingafrica.blogspot.com.br/2013/06/still-read-or-hear-of-sub-sahara-africa.html>. 2013.

FALCÃO, Ana Mafalda. *Antropologia colonial e a produção de conhecimento sobre grupos étnicos da Guiné portuguesa: Reflexão em torno da tese de Mário Humberto Ferreira Marques "Comportamento dos Mandingas da Guiné portuguesa na vida e na morte"*. **Actas do terceiro congresso da associação portuguesa de antropologia**. Pps.: 1-22. 2006.<sup>464</sup>

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; MELLO, Anahí Guedes de. *Guia básico de orientações sobre gênero, deficiência e acessibilidade*. Cartilha que acompanha os **Anais do seminário internacional fazendo gênero 10: Desafios atuais dos feminismos**. Florianópolis: UFSC. 2013.

FORTE, Maximilian. *Neocolonialism: It's post-independence, not post-colonial*. **Zero anthropology**. Online e disponível em: <http://zeroanthropology.net/2010/09/03/neocolonialism-its-post-independence-not-post-colonial/>. 2010.

FOUCAULT, Michel. *La punition généralisée*. **Surveiller et punir: Naissance de la prison**. Paris: Editions Gallimard. Pps.: 75-105. 1975.

FOUCAULT, Michel. *Les corps dociles*. **Surveiller et punir: Naissance de la**

---

<sup>464</sup> Há múltiplos erros na numeração de páginas. Considerar a numeração visível nos rodapés de página do artigo. Ignorar o número de páginas totais das atas. Neste último caso, a numeração deveria ser acrescida em seis valores, remetendo ao intervalo 7-28.

prison. Paris: Editions Gallimard. Pps.: 137-172. 1975.

FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. *Collaborative anthropology as twenty-first-century ethical anthropology*. **Collaborative anthropologies**. 1(1). Pps.: 175-182. 2008.

GADAMER, Hans-Georg. *Retrieving the question of artistic truth*. **Truth and method**: Tome I. New York: Bloomsbury. Pps.: 74-90. 2013.

GAIMAN, Neil. *Advice to authors*. **FAQs**. Online e disponível em: [http://www.neilgaiman.com/FAQs/Advice to Authors](http://www.neilgaiman.com/FAQs/Advice_to_Authors). 2015.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Gêneses waiãpi, entre diversos e diferentes*. **Revista de antropologia**. 50(10). Pps.: 45-83. 2007.

GEERTZ, Clifford. *The way we think now: Toward an ethnography of modern thought*. **Local knowledge**: Further essays in interpretative anthropology. New York: Basic Books. Pps.: 147-163. 2008.

GEERTZ, Clifford. *The world in pieces: Cultures and politics at the end of the century*. **Available light**: Anthropological reflections on philosophical topics. New Jersey: Princeton University Press. Pps.: 218-263. 2000.

GEERTZ, Clifford. *Thick description: Toward an interpretive theory of culture*. **The interpretation of cultures**: Selected essays. New York: Basic Books. Pps.: 3-30. 1973.

GELL, Alfred. *The theory of the art nexus*. **Art and agency**: An anthropological theory. Oxford: Clarendon Press. Pps.: 12-27. 1998.

GELLNER, Ernest. *Relativismus über alles*. **Postmodernism, reason and religion**. London: Routledge. Pps.: 40-72. 2003.

GODBOUT, Jacques. *Introduction*. **L'esprit du don**. Paris : Editions La découverte. Pps.: 12-30. 1992.

GODINHO, Paula. *Processos de emblematização: fronteira e aceções de "património"*. PEREIRA, Xerardo. PRADO, Santiago. TAKENAKA, Hiroko. *Patrimonios culturales*: Educación e interpretación. Cruzando límites y produciendo alternativas. San Sebastián: Ankulegi. Pps.: 205-221. 2008.

GODINHO, Paula. WATEAU, Fabienne. *Le centre d'études d'ethnologie portugaise: CEEP, FCSH-UNL, Lisbonne*. **Recherches en anthropologie au Portugal**. 8(1). Pps.: 185-186. 2002.

GOFFMAN, Erving. *Performances: Belief in the part one is playing. The presentation of self in everyday life*. Edinburgh: University Press. Pps.: 10-46. 1956.

GOMES, Flávio dos Santos. *Entre fronteiras e sem limites: Espaços transnacionais e comunidades de fugitivos no Grão-Pará e Guiana Francesa (Sécs. XVIII-XIX)*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 175-202. 2014.

GOODMAN, Leo. *Snowball sampling*. **Annals of mathematical statistics**. 32(1). Pps.: 148–170. 1961.

GOODMAN, Allen. GOODMAN, Joshua. GOODMAN, Lucas. GOODMAN, Sarena. *A few goodmen: Surname-sharing economist coauthors*. **Economic inquiry**. 53(2). Pps.: 1392–1395. 2015.

GRANJO, Paulo. *Terreno, teorias e complexidade*. CAHEN, Michel; GRANJO, Paulo; ROSÁRIO, Carmeliza. **O que é investigar?** Lisboa: Escolar Editora. Pps.: 25-49. 2013.

GREENAWAY, David. MILNER, Chris. *South-south trade: Theory, evidence, and policy*. **The world bank research observer**. 5(1). Pps.: 47-68. 1990.

GROSSI, Miriam Pillar. *A dor da tese. Ilha*. 6(1-2). Pps.: 221-232. 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. *Na busca do outro encontra-se a si mesmo*. **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: UFSC. Pps.: 7-18. 1992.

GROSSI, Miriam Pillar. *Rimando amor e dor: Reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal*. GROSSI, Miriam Pillar; PEDRO, Joana Maria. **Masculino, feminino. Plural: Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulheres. Pps.: 293-313. 1998.

GRUZINSKI, Serge. *Introduction. L'expérience métisse: Actes de colloque*. Paris: Louvre. Pp.: 3. 2004.

GUERREIRO, Adriano. *Abrir um restaurante dentro da FCSH. New in town* (Buzzfood). Online e disponível em: <http://www.nit.pt/article/09-29-2015-ha-mais-sabor-na-avenida-de-berna>. 2015.<sup>465</sup>

---

<sup>465</sup> O acesso para a URL está desativado. Recomendo utilizar o site archive.org.

HARAWAY, Donna. *A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century*. **Simians, cyborgs and women: The reinvention of nature**. New York: Routledge. Pps.: 149-181. 1991.

HEMMINGS, Clare. *Invoking affect*. **Cultural studies**. 19(5). Pps.: 548-567. 2005.

HERTZ, Robert. *La prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse*. **Revue philosophique de la France et de l'étranger**. 68(1). Pps.: 553-580. 1909.

HERZFELD, Michael. *Difference as identity*. **Anthropology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe**. Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 77-94. 1987.

HERZFELD, Michael. *Etymologies of a discipline*. **Anthropology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe**. Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 186-205. 1987.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *O susto tropicalista na virada da década*. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano. Pps.: 61-98. 2004.

HUSSERL, Edmund. *Simple apprehension and explication*. **Experience and judgment**. Illinois: Northwestern University Press. Pps.: 103-147. 1973.

INGOLD, Timothy. *Anthropology is not ethnography*. **Proceedings of the british academy**. 154(1). Pps.: 69-92. 2008.

INGOLD, Timothy. *Traces, threads and surfaces*. **Lines: A brief history**. London: Routledge. Pps.: 39-71. 2007.

JACOBSON, David. *Introduction*. **Reading ethnography**. New York: State university of New York. Pps.: 1-25. 1991.

KEARNEY, Michael. *The local and the global: The anthropology of globalization and transnationalism*. **Annual review of anthropology**. 24(1). Pps.: 547-565. 1995.

KIM, Woo-Chan. MAUBORGNE, Renée. *Creating blue oceans*. **Blue ocean strategy: How to create uncontested market space and make competition irrelevant**. Boston: Harvard Business Press. Pps.: 3-22. 2005.

KUHN, Thomas Samuel. *The nature of normal science. The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 23-34. 1970.

LATOUR, Bruno. *Conclusion: From society to collective - Can the social be reassembled? Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press. Pps.: 247-262. 2005.

LATOUR, Bruno. *Crisis. We have never been modern*. Harvard University Press. Pps.: 1-12. 1993.

LATOUR, Bruno. *How to deploy controversies about the social world. Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press. Pps.: 21-156. 2005.

LEAL, João. *Agitar antes de usar: A antropologia e o património cultural imaterial. Revista memória em rede*. 3(9). Pps.: 1-16. 2013.

LEAL, João. *The history of portuguese anthropology. History of anthropology newsletter*. 26(2). Pps.: 10-18. 1999.

LEAL, João. *"The past is a foreign country"? Acculturation theory and the anthropology of globalization. Etnográfica*. 15(2). Pps.: 313-336. 2011.

LEAL, João. *«Tylorian Professors» e «Japanese Corporals»: teoria antropológica e identidade nacional na etnografia portuguesa. Ethnologia*. 12-14. Pps.: 37-52. 2002.

LEÃO, Andréa Borges. *Nós e os franceses: Gilberto Freyre à prova de Adèle Toussaint-Samson. Etnográfica*. 18(3). Pps.: 625-647. 2014.

LEITE, Ilka Boaventura. *Os laudos periciais: Um novo cenário na prática antropológica. Laudos periciais antropológicos em debate*. Florianópolis: NUER. Pps.: 15-28. 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss. MAUSS, Marcel. Sociologie et anthropologie*. Paris: Les Presses universitaires de France. Pps.: 9-44. 1968.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Histoire et ethnologie. Anthropologie structurale*. Paris: Plon. Pps.: 3-33. 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie*. **Anthropologie structurale**. Paris: Plon. Pps.: 37-62. 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La fin des voyages*. **Tristes tropiques**. Paris: Plon. Pps.: 7-44. 1957.

LIMA, Antónia Pedroso de. *Portuguese anthropology and EASA from 1990 to 2014*. **13<sup>a</sup> european association of social anthropologists biennial conference**. Online e disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=LJxXKLfAwO8>. 2014.

LINHART, Ana Maria Galano Moschcovitch. *Tensões e legados coloniais no cinema*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.:71-94. 2014.

LUCIANI, Jose António Kelly. “Os encontros de saberes”: *Equívocos entre índios e Estado em torno das políticas de saúde indígena na Venezuela*. **Ilha**: Revista de antropologia. 11(1-2). Pps.: 265-302. 2009.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. *A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema*. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Católica. Pps.: 20-26. 1997.

MACAGNO, Lorenzo. *Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique*. **Afro-Ásia**. 28(1). Pps.: 97-124. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introduction: The subject, method and scope of this inquiry*. **Argonauts of the western pacific**: An account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of melanesian New Guinea. London: Taylor & Francis. Pps.: 1-20. 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. *The essentials of the Kula*. **Argonauts of the western pacific**: An account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of melanesian New Guinea. London: Taylor & Francis. Pps.: 62-79. 2005.

MAPRIL, José. *Introdução*. **A “modernidade” do sacrifício Qurban**: Lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa. Lisboa: ICS. Pps.: 1-32. 2008.

MAPRIL, José. & VIEGAS, Susana de Matos. *Mutualidade e conhecimento etnográfico*. **Etnográfica**. 16(3). Pps.: 513-524. 2012.

MARCUS, George. *Ethnography in/ of the world system: the emergence of multi-sited ethnography*. **Annual review of anthropology**. 24(1). Pps.: 95-117. 1995.

MARTOS, Jean-François. *Préface. Sur l'interdiction de ma correspondance avec Guy Debord*. Paris: Le Fin Mot De L'histoire. Pps.: 6-15. 1999.

MAUSS, Marcel. **Essai sur le don**. Paris: Les presses universitaires de France. 1968.

MCLAREN, Peter & SILVA, Tomaz Tadeu da. *Decentering pedagogy: Critical literacy, resistance and the politics of memory*. LEONARD, Peter & MCLAREN, Peter. **Paulo Freire: An critical encounter**. London: Routledge. Pps.: 47-89. 1993.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução. Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina. Pps.: 9-19. 2009.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Esboço de uma teoria da música: Para além da antropologia sem música e da musicologia sem homem. A festa da jaguatirica: Uma partitura crítico-interpretativa*. Florianópolis: Editora da UFSC. Pps.: 31-87. 2013.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Antropologia é aquilo que o antropólogo faz. Antropologia? Antropologias*. Pps.: 1-18. 2010.<sup>466</sup>

MERLE, Marcel. *Presentación*. MERLE, Marcel; MESA, Roberto. **El anticolonialismo europeo: Desde Las Casas a Marx**. Madrid: Alianza Editorial. Pps.: 18-28. 1972.<sup>467</sup>

MIGNOLO, Walter. *Coloniality of power and de-colonial thinking*. ESCOBAR, Arturo; MIGNOLO, Walter. **Globalization and the decolonial option**. New York: Routledge. Pps.: 1-21. 2010.

OLIVEIRA, Paula. *Graffiti polémicos vencem censura na Análise social. Sociedade (TVI 24)*. Online e disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/ics/grafitti-polemicos-vencem-censura-na-analise-social>. 2014.

---

<sup>466</sup> Material é inédito. Obtive acesso em 2011 a uma versão inacabada e não publicada.

<sup>467</sup> Esta edição traduzida possui substanciais alterações em comparação ao original em francês devido a modificações propostas por Roberto Mesa.

ONG, Aihwa. *Anthropology, China and modernities: the geopolitics of cultural knowledge*. MOORE, Henrietta Louise. **The future of anthropological knowledge**. New York: Routledge. Pps.: 60-92. 1996.

ORD-HUME, Arthur. *What is perpetual motion?* **Perpetual motion**: The history of an obsession. Illinois: Adventures Unlimited Press. Pps.: 19-26. 2005.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. *Uma etnologia dos “índios misturados”?* *Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. **Mana**. 4(1). Pps.: 47-77. 1998.

PEDERSEN, Morten Axel. *Common nonsense: A review of certain recent reviews of the “ontological turn”*. **Anthropology of this century**. Issue 5. Online e disponível em: [http://aotcpres.com/articles/common\\_nonsense/](http://aotcpres.com/articles/common_nonsense/). 2012.

PEIRANO, Mariza. *Os antropólogos e suas linhagens*. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Pps.: 13-28. 1995.

PELS, Peter. *The anthropology of colonialism: culture, history, and the emergence of western governmentality*. **Annual review of anthropology**. 26(1). Pps.: 163-183. 1997.

PEREIRA, Rui Mateus. *A «missão etnológica de Moçambique». A codificação dos «usos e costumes indígenas» no direito colonial português*. *Notas de investigação*. **Cadernos de estudos africanos**. Pps.: 125-177. 2001.

PEREIRA, Rui Mateus. *A questão colonial na etnologia ultramarina*. **Antropologia portuguesa**. 7(1). Pps.: 61-78. 1989.

PEREIRA, Rui Mateus. *Introdução à reedição de 1998*. DIAS, Jorge. **Os Macondes de Moçambique**: Aspectos históricos e económicos. Lisboa: IICT. Pps.: V-LII. 1998.

PEREIRA, Rui Mateus. *Raça, sangue e robustez: Os paradigmas da antropologia física colonial portuguesa*. **Cadernos de estudos africanos**. 7-8(1). Pps.: 209-241. 2005.

PEREIRA, Rui Mateus. *Uma visão colonial do racismo*. **Cadernos de estudos africanos**. 9-10(1). Pps.: 129-140. 2006.

PINA-CABRAL, João de. *A antropologia em Portugal hoje*. **Os contextos da antropologia**. Lisboa: Difel. Pps.: 11:41. 1991.



PINA-CABRAL, João de. *Galvão na terra dos canibais: A constituição emocional do poder colonial*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.:97-118. 2014.

PINA-CABRAL, João de. *Recorrências antroponímicas lusófonas*. **Etnográfica**. Pps.: 237-262. 2008.

PINA-CABRAL, João de. *The two faces of mutuality: contemporary themes in anthropology*. **Anthropological quarterly**. 86(1). Pps.: 257-275. 2013.

PORTO, Nuno. *O museu e o arquivo do império (o terceiro império português visto do Museu do Dundo, Companhia de Diamantes de Angola)*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.:119-134. 2014.

PRICE, Richard. *Meditação em torno dos usos da narrativa na antropologia contemporânea*. **Horizontes antropológicos**. 10 (21). Pps.: 293-312. 2004.

RALPH, Michael. *Killing time*. **Social text** 97. 26 (4). Pps.: 1-30. 2008.

RAMPINELLI, Waldir José. *Fátima, o salazarismo e o colonialismo*. **Lutas sociais**. 26(1) Pps.: 58-71. 2011.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: *Articulando dissidências, criando insurgências*. **Cadernos de arte e antropologia**. 4(2). Pps.: 3-12. 2015.

REYNOSO, Carlos. *Presentación*. **El surgimiento de la antropología posmoderna**: Compilación de Carlos Reynoso. Barcelona: Gedisa. Pps.: 11-60. 1998.<sup>468</sup>

RICOEUR, Paul. *Le paradigme de la traduction*. **Sur la traduction**. Paris: Bayard. Pps.: 21-52. 2004.

RODRIGUES, Maria da Conceição. *Um olhar sobre os primórdios da Instituição que antecedeu o actual ICT: O papel do almirante Gago Coutinho*. **Blogue história lusófona**. Online e disponível em:

---

<sup>468</sup> Esta apresentação é encontrada apenas nesta edição e idioma. É a organização traduzida de artigos escritos originalmente em inglês e publicados em coletâneas diversas.

<http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=13712>. 2007.<sup>469</sup>

ROQUE, Ricardo. *A antropologia colonial portuguesa (1911-1950)*. CURTO, Diogo Ramada. **Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pps.: 789-822. 2006.

ROSA, Frederico Delgado. *Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade*. **Cadernos de campo**. 19(1). Pps.: 297-308. 2010.

SÁEZ, Oscar Calavia. *O lugar e o tempo do objeto etnográfico*. **Etnográfica**. 15 (3): Pps.: 589-602. 2011.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Os sistemas de parentesco Yaminawa*. **O nome e o tempo Yaminawa**. São Paulo: Editora UNESP. Pps.: 83-119. 2006.

SAFRAN, William. *Diasporas in modern societies: myths of homeland and return*. **Diaspora: A journal of transnational studies**. 1(1). Pps.: 83-99. 1991.

SAMUELS, Andrews. *The mirror and the hammer: The politics of resacralization*. **The political psyche**. London: Routledge. Pps.: 2-22. 1993.

SÁNCHEZ GÓMEZ, Luis Ángel. *Cien años de antropologías en España y Portugal (1870-1970)*. **Etnográfica**. 1(2). Pps.: 297-317. 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *La valeur linguistique*. **Cours de linguistique générale**. Paris: Éditions Payot & Rivages. Pps.: 155-169. 1997.<sup>470</sup>

SAUSSURE, Ferdinand de. *Nature du signe linguistique*. **Cours de linguistique générale**. Paris: Éditions Payot & Rivages. Pps.: 97-100. 1997.

SEVERI, Carlo. *Warburg anthropologue ou le déchiffrement d'une utopie: De la biologie des images à l'anthropologie de la mémoire*. **L'Homme**. 165(1). Pps.: 77-128. 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Apresentação*. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: EdUSP. Pps.: 13-21. 2006.

SILVANO, Filomena. *Patrimonialização do espaço e discursos identitários*. JORGE, Vitor Oliveira. **Arquitectando espaços: Da natureza à metapólis**. Porto: Universidade do Porto. Pps.: 243-248. 2003.

---

<sup>469</sup> O acesso para a URL está desativado. Recomendo utilizar o site arquivo.pt.

<sup>470</sup> Esta edição possui as paginações do original nas margens das páginas.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. *Tradições de conhecimento na gestão colonial da desigualdade: reflexões a partir da administração indigenista no Brasil*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel.

**Trânsitos coloniais:** diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 153-173. 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?* CHRISMAN, Laura. WILLIAMS, Patrick. **Colonial discourse and post-colonial theory:** A reader. New York: Harvester. Pps.: 66-111. 1994.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Subaltern studies: Deconstructing historiography*. **In other worlds:** Essays in cultural politics. New York: Routledge Pps.: 197-221. 1987.

STOCKING, George Ward (Jr). *Afterword: A view of the center*. **Ethnos**. 47(1). Pps.: 172-186. 1982.<sup>471</sup>

STRATHERN, Marilyn. *The relation*. **The relation:** Issues in complexity and scale. Cambridge: Prickly Pear Press. 1995.

TARDE, Gabriel. *Partie VII. Monadologie et sociologie*. Paris: Empêcheurs de penser en rond. 1893.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *O bom povo português: Usos e costumes d'aquém e d'além-mar*. **Mana**. 7(1). Pps.: 55-87. 2001.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais:** diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 47-69. 2014.

TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the frontier in american history*. **Report of the american historical association for 1893**. South Carolina: AHA. Pps.: 197-227. 1894.

TURNER, Victor. *Liminality and communitas*. **The ritual process**. New York: Cornell University Press. Pps.: 94-130. 1991.

---

<sup>471</sup> Uma versão com mínimas alterações e atualizações é publicada com outro título em STOCKING, George Ward (Jr). *The shaping of national anthropologies: A view from the center*. *Delimiting anthropology: Occasional essays and reflections*. London: The university of Wisconsin press. Pps.: 281-302. 2001.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *O atlântico pardo, antropologia, pós-colonialismo e o caso “lusófono”*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 31-45. 2014.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Portugal's colonial complex: from colonial lusotropicalism to postcolonial lusophony*. **Queen's postcolonial research forum**. Belfast: Queen's University. Pps.: 1-10. 2008.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Préface*. DURO DOS SANTOS, Gonçalo. **A escola de antropologia de Coimbra 1885-1950**: O que significa seguir uma regra científica? Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 13-18. 2005.

VALE DE ALMEIDA, Miguel; AREND, Silvia Maria Fávero; CRESCENCIO, Cintia Lima; KROEGER, Juliana Bez; SANTOS, Rochelle Cristina dos. *Sobre a conquista de direitos civis em Portugal: entrevista com Miguel Vale de Almeida*. **Revista estudos feministas**. 20(2). Pp.: 471-480. 2012.

VELHO, Gilberto. *Trajatória individual e campo de possibilidades*. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Pps.: 31-48. 1994.

VENKATESAN, Soumhya; CANDEA, Matei; CARRITHERS, Michael; HOLBRAAD, Martin; SYKES, Karen. *Ontology is just another word for culture*. **Critique of anthropology**. 30 (2). Pps.: 152-200. 2010.

VERDE, Filipe. *A cristandade dos leopardos, a objectividade dos antropólogos e outras verdades igualmente falsas*. **Etnográfica**. 1(1). Pps.: 113-131. 1997.

VIEGAS, Susana de Matos. *Notícias da APA*. **E-boletim da associação portuguesa de antropologia**. 4(1). Pps.: 1-13. 2008.

VIRGÍLIO, Jefferson. *Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? Pesquisa e militância na antropologia contemporânea*. **Antropologias del sur**. 3(1). Pps.: 69-85. 2015.

VIRGÍLIO, Jefferson. *Napë. Relações sociais múltiplas e interseccionais*. TRINIDAD, Carlos Benítez; TRISTÁN, José María Barroso. **Diálogos iberoamericanos I**. Análisis y propuestas desde las Ciencias Sociales para repensar Iberoamérica. Sevilla: Asociación Reconocer. Pps.: 125-144. 2017.

VISWESWARAN, Kamala. *Race and the culture of anthropology*. **American**

**anthropologist**. 100(1). Pps.: 70-83. 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A propriedade do conceito*. **Anais do 25º encontro anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais**. Pps.: 1-54. 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Claude Lévi-Strauss, fundador do pós-estruturalismo*. **Coloquio Lévi-Strauss: un siglo de reflexión**. Transcrição da conferência online e disponível em:

<http://canibaisavulsas.wordpress.com/2010/05/13/levi-strauss-fundador-do-pos-estruturalismo/>. 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *And. Manchester papers in social anthropology*. 7. Transcrição da conferência online e disponível em:

<http://nansi.abaetenet.net/abaetextos/anthropology-and-science-e-viveiros-de-castro>. 2003.<sup>472</sup>

WAGNER, Roy. *Culture as creativity*. **The invention of culture**: Revised and expanded edition. Chicago: The University of Chicago Press. Pps.: 22-33.1981.

WIKAN, Unni. *The politics of culture*. **Generous betrayal**: Politics of culture in the new Europe. Chicago: The University of Chicago Press. Pps.: 69-88. 2002.

YÁÑEZ-CASAL, Adolfo. *Introdução*. **Entre a dádiva e a mercadoria**. Lisboa: edição do autor. Pps.: 7-26. 2005.

YÁÑEZ-CASAL, Adolfo. *O projeto sócio-antropológico de Mauss*. **Entre a dádiva e a mercadoria**. Lisboa: edição do autor. Pps.: 107-130. 2005.

ZEA, Evelyn Schuler. *Por caminhos laterais: modos de relação entre os Wainvai no norte amazônico*. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC. Pps.: 1-21. 2010.

ZIZEK, Slavoj. *The spectre of ideology*. **Mapping ideology**. London: Verso. Pps.: 1-33. 1994.

---

<sup>472</sup> O acesso para a URL está desativado. Recomendo utilizar o site archive.org.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

29ª RBA. *Página inicial*. **29ª Reunião brasileira de antropologia**. Último acesso realizado em 21-09-2015. Disponível online em <http://www.29rba.abant.org.br/>. 2015.

ABA. 27ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 10-11-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/news/show/id/21>. 2010.

ABA. 28ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/news/show/id/255>. 2012.

ABA. 29ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/29RBA/index.html>. 2014.

ABA. *Informativo nº 08/2014 | 14/05/2014*. **Notícias**. Último acesso realizado em 10-10-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/58-informativos-2014/497-informativo-n-08-2014-14-05-2014>. 2014.

ABA. *Informativo nº 12/2014 | 04/09/2014*. **Notícias**. Último acesso realizado em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/58-informativos-2014/519-informativo-n-12-2014-04-09-2014>. 2014.

ABA. *Informativo nº 09/2015 | 06/05/2015*. **Notícias**. Último acesso realizado em 10-10-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/informativo-especial-09-2015-06-05-2015>. 2015.

ABA. *Informativo nº 21/2015* | 19/10/2015. **Notícias**. Último acesso realizado em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/informativo-n-21-2015-19-10-2015>. 2015.

ABA. *WCAA e IUAES conversam sobre possível união*. **Notícias**. Último acesso realizado em 01-06-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/17-noticias/672-wcaa-e-iaes-conversam-sobre-possivel-uniao>. 2015.

ACADEMIA.EDU. *About*. **About**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.academia.edu/about>. 2015.

ACIDI. *Retorno voluntário*. **Brochuras**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/Brochuras/retornovoluntario.pdf>. 2015.

AILPCSH. *Congressos anteriores*. **Congressos**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/congressos/congressos-anteriores.html>. 2015.

AILPCSH. *XII Conlab*. **Congressos**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/congressos/xii-conlab.html>. 2015.

AILPCSH. *Historial e missão*. **A associação**. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/a-associacao.html>. 2015.

APA. *Congresso 2013*. **Notícias**. Último acesso realizado em 11-10-2015. Disponível online em: <http://www.apantropologia.org/congresso2013/>. 2013.

APA. *Congressos*. **Eventos da APA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.apantropologia.org/eventos-apa/>. 2012.

APA. *III Congresso da APA (2006): “Afinidade e diferença” - Lisboa, 6,7 e 8 de Abril de 2006*. **Congressos da APA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em: <http://www.apantropologia.org/actas-do-terceiro-congresso-da-apa-2006-lisboa-67-e-8-de-abril-de-2006/>. 2007.

APA. *Painéis*. **VI Congresso**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em: <http://vicongresso.apantropologia.org/paineis/>. 2015.

ARCHIVE.ORG. *Página inicial*. **Archive.org**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://archive.org>. 2015.

BATOTOYETU. *Página inicial*. **Quem somos**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.batotoyetu.pt>. 2015.

ISCSP. *O perfil do antropólogo em Portugal*. **CAPP**. Último acesso realizado em 10-04-2018. Disponível online em <http://capp.iscsp.ulisboa.pt/pt/o-perfil-do-antropologo-em-portugal>. 2018.

CAPES. *Portaria nº 64, de 24 de março de 2010*. **Regulamento**. Disponível online em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento\\_PROAP\\_Portaria64\\_240310.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento_PROAP_Portaria64_240310.pdf). 2010.

CEAS. *Página inicial*. **Centro de estudos em antropologia social**. Último acesso realizado em 13-10-2015. Disponível online em <http://ceas.iscte.pt>. 2015.

CNPQ. *Sobre a plataforma lattes*. **Lattes**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma>. 2015.

CONLAB. *GT 94*. **GTs aceites**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.conlab-ailpcsh.com/index.php/accites-gt-94>. 2015.

CRIA. *130 anos de antropologia em Coimbra*. **Eventos**. Último acesso realizado em 12-07-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/site/eventos/87-eventos-2015--jan/>. 2015.

CRIA. *Fins de tarde com a antropologia*. **Eventos**. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/site/eventos/79-eventos-2014-out/623-fins-de-tarde-com-a-antropologia-conversas-sobre-arquivos-etnograficos-2014-2015.html>. 2014.

CRIA. *Página inicial*. **Centro em rede de investigação em antropologia**. Último acesso realizado em 13-06-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/>. 2015.



CRIA. *Relatórios de atividades 2008/2009*. **Relatórios**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em [http://cria.org.pt/site/images/ficheiros\\_imagens/relatorios/cria\\_actividades\\_2008.09.pdf.pdf](http://cria.org.pt/site/images/ficheiros_imagens/relatorios/cria_actividades_2008.09.pdf.pdf). 2009.

DEGÓIS. *Sobre o DeGóis*. **Informações gerais**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.degois.pt/index.jsp?id=1>. 2015.

EASA. *Panels*. **EASA 2010**. Último acesso realizado em 11-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2010/panels.php5>. 2010.

EASA. *Panels*. **EASA 2012**. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2012/panels.php5>. 2012.

EASA. *Panels*. **EASA 2014**. Último acesso realizado em 12-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2014/panels.php5>. 2014.

GOOGLE. *Erros: Não encontrado (404)*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/webmasters/answer/2409439>. 2015.

GOOGLE. *Limpar cache e cookie*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/accounts/answer/32050>. 2015.

GOOGLE. *Navegar em modo privado*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/chrome/answer/95464>. 2015.

GOOGLE. *O que é a versão armazenada em cache de uma página?* **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/webmasters/answer/1050724>. 2015.

IIE. *Fulbright*. **Programs**. Último acesso em 12-11-2015. Disponível online em <http://www.iie.org/fulbright>. 2015.

ISCTE. *Relações internacionais*. **Departamento de antropologia**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://iscte->

[iul.pt/departamentos/38/International\\_Relations.aspx](http://iul.pt/departamentos/38/International_Relations.aspx). 2015.

IUAES. *Notices*. **Notices**. Último acesso em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.iuaes.org/notices.html>. 2015.

MEC. *Capas altera programa de bolsa de doutorado-sanduíche no exterior*. **Notícias**. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4959&catid=180&Itemid=164](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4959&catid=180&Itemid=164). 2005.

MEC. *O que é o REUNI*. **REUNI**. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. 2010.

MEC. *Rebides*. **DGEEC**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://w3.dgeec.mec.pt/rebides/2011/>. 2011.

MEC. *Rebides*. **DGEEC**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://w3.dgeec.mec.pt/rebides/2012/>. 2012.

MEC. *Rebides*. **DGEEC**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://pries.dgeec.mec.pt/Public/Rebides/rebides.aspx>. 2013.

NEA. *Página inicial*. **Início**. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://nea.ufsc.br>. 2015.

RCAAP. *Advanced search*. **Search**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://www.rcaap.pt/search.jsp>. 2015.

SGL. *Presidentes*. **Orgânica**. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://www.socgeografialisboa.pt/organica/presidentes>. 2015.

SKYPE. *Sobre o Skype*. **Sobre**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.skype.com/pt-br/about/>. 2015.

UC. *Presentation*. **CIA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.uc.pt/en/cia/Presentation>. 2014.

UMINHO. *Núcleo de estudos em antropologia*. **Repositorium**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3226>. 2014.

UNESCO. *Accreditation request N.º 90164. Non-governmental organizations accredited to provide advisory services to the committee*. Último acesso realizado em 30-10-2015. Disponível online em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/NGO-90164-ICH-09.pdf>. 2010.

UNL. *Residência Alfredo de Sousa. SAS*. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://sas.unl.pt/alojamento/ras/residencia-alfredo-de-sousa>. 2015.

UP. *O primeiro consórcio de universidades portuguesas nasce no norte. Notícias*. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://noticias.up.pt/o-primeiro-consorcio-de-universidades-portuguesas-nasce-no-norte/>. 2014.

UP2YOUTH. *Centro de estudos em migrações e minorias étnicas (CEMME). Research map on transitions to work*. Último acesso realizado em 29-10-2015. Disponível online em <http://www.up2youth.org/content/view/229/67/index.html>. 2009.

YOUTUBE. *Fado dançado Lisbon @ Conlab. Associação BYP*. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.youtube.com/watch?v=eW7QCT1xE8>. 2015.

## LISTA DE ENTREVISTAS

AFONSO, Ana Isabel.

*Antropologia aplicada à Portugal e em Portugal.*

Realizada em 29 de junho de 2015 na FCSH-UNL.<sup>473</sup>

BASTOS, Cristiana.

*Um pouco lá, outro tanto cá: Encontros e desencontros de antropologias entre Brasil e Portugal.*

Realizada em 02 de julho de 2015 no ICS-UL.<sup>474</sup>

COSTA, Catarina Alves.

*Filmes etnográficos, colaborações e autoridades.*

Realizada em 06 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

GRANJO, Paulo.

*Pluralizando terreno, metodologia, e África. O papel do antropólogo.*

Realizada em 01 de julho de 2015 no ICS-UL.

LEAL, João.

*Antropologias portuguesas, em Portugal e outras histórias para português ler.*

Realizada em 23 de junho de 2015 na FCSH-UNL.

LIMA, Antónia Pedroso de.

*Cursos, congressos e associações de antropologia em Portugal.*

Realizada em 24 de junho de 2015 no ISCTE.<sup>475</sup>

---

<sup>473</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>474</sup> Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

<sup>475</sup> Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Emprego da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, Rui Mateus.

*Antropologia colonial portuguesa e colonização da antropologia em Portugal.*

Realizada em 07 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

RAPOSO, Paulo.

*Artes, ativismos, antropologias e ativismos antropológicos.*

Realizada em 17 de julho de 2014 nas mediações da Feira da Ladra.

SARAIVA, Clara.

*Nomes que nascem e nomes que morrem.*

Realizada em 06 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

SILVANO, Filomena.

*Produções de espaço na antropologia, e espaços de produção da antropologia.*

Realizada em 29 de junho de 2015 na FCSH-UNL.

VALE DE ALMEIDA, Miguel.

*Colonialismos, pós-colonialismos e outras crenças antropológicas.*

Realizada em 15 de junho de 2015 no ISCTE

## SOBRE O AUTOR

Jefferson Virgílio é antropólogo. É bacharel e mestre em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou pesquisas de campo na cidade de Lisboa (Portugal) entre 2012 e 2013 e novamente entre 2014 e 2015. Nestes períodos esteve vinculado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Dedica-se aos temas que cercam a história da disciplina, se orientando para a análise crítica da participação de antropólogos nos processos modernos de colonização e nos epistemicídios promovidos durante as insistentes tentativas de institucionalização da disciplina e de re-escritas de sua história. Desde 2015 é conselheiro editorial para a Revista-Red Iberoamerica Social.



Jefferson Virgílio foi o primeiro antropólogo graduado na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente cursa o doutoramento em antropologia no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Possui experiência em história da antropologia, estudos pós-coloniais, antropologia política e etnologia indígena.

A pesquisa realiza análise sobre as relações que foram construídas entre as antropologias brasileiras e portuguesas desde os anos 90 até a atualidade. Apresenta a história da construção da disciplina em Portugal, problematizando a presença de antropólogos nas ex-colônias portuguesas no continente africano e a sua invisibilidade histórica. Apresenta algumas críticas ao processo de construção da disciplina sob uma perspectiva pós-colonial. A pesquisa foi construída com a utilização de etnografia, consulta em arquivos e entrevistas. A proposta é alcançar um público além de antropólogos e antropólogas, que queiram problematizar a construção do discurso científico e de uma versão "oficial" da história de uma disciplina científica. O livro pode ser especialmente interessante para leitoras e leitores dos chamados estudos pós-coloniais e estudos descoloniais, com algum enfoque para as leitoras e leitores negros ao apresentar o singular modo português de invisibilizar a produção científica produzida nas, por e sobre as ex-colônias em território africano.

ISBN 978621143794



9 798621 143794